UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

BARBARA LOPES ROMA

Cultura de corte no *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois*

(*BnF, ms. Fr. 2695*) de René d'Anjou

São Paulo

2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Cultura de corte no *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois*
(*BnF, ms. Fr. 2695*) de René d'Anjou

Barbara Lopes Roma

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História Social do
Departamento de História da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a obtenção
do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Flavio de Campos

São Paulo
2016

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – Imbricações entre cultura escrita e a corte principesca na Baixa Idade Média	17
I.1 Cultura escrita e aristocracia medieval: nova configuração, novos usos, novos interesses.....	17
I.2 Cultura na corte principesca	26
I.3 A corte do duque René d’Anjou – multiculturalismo e manuscritos	31
CAPÍTULO II – Considerações acerca do manuscrito <i>Ms. Fr. 2695</i>	41
II.1 As edições do Tratado	41
II.2 Apresentação do códice.....	48
II.2.a Descrição codicológica.....	49
II.2.b Descrição paleográfica	53
II.3 Parâmetros de transcrição	56
CAPÍTULO III – Construção do ideal aristocrático no <i>Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois</i>	59
III.1 Parâmetros de análise.....	59
III.2 Práticas cavaleirescas: entre embates reais e idealizados	62
III.3 Recepção literária e o amálgama dos ideais principescos, cortesão e cavaleiresco	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXO 1 - Transcrição do <i>Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois</i> (BnF, ms. Fr. 2695)	111

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Flavio de Campos, que me forneceu preciosos conselhos e concedeu a oportunidade de me formar uma pesquisadora. Agradeço pela compreensão e pela orientação, pois sem ele esse trabalho teria sido realizado.

Às Prof. Dra. Ana Paula Tavares Magalhães e Prof. Dra. Greti Dinkova-Bruun, pois sem o apoio constante de vocês possivelmente não teria chegado até esse momento.

À Prof. Dra. Maria Cristina Correia L. Pereira, ao Prof. Dr. Marcus Baccega, ao Prof. Dr. José Carlos Estevão, ao Prof. Dr. Thomas Daniel Finbow, ao Prof. Dr. Eduardo Henrik Aubert e a Prof. Dr. Gabriela Cavalheiro que contribuíram de forma direta ou indireta nessa pesquisa e na minha formação intelectual. Deixo aqui registrado os meus mais sinceros agradecimentos por todos os conselhos, as longas horas de conversa e o acolhimento.

De modo geral, aos meus colegas acadêmicos doutorandos, mestres e mestrandos que contribuíram de alguma forma, que participaram, me apoiaram durante esses anos e ajudaram a passar por essa fase: Artur Costrino, Cecília de Nichile, Deniz Adriana Santos, Douglas Morais Lubarino, Fabiana Pedroni, Gesner Las Casas Brito, Marília Zanutin, Selene Candian dos Santos, Tércisio Lakatos, Thaís Helena Cavalcanti e Tiago Nápoli. E confirmando o que sempre dissemos: deu tempo e deu certo.

Aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar, investiram seu tempo e dinheiro na minha formação e apoiaram, de modo geral, as minhas mais loucas empreitadas na busca pelo conhecimento.

À Professora Marisa Campos, pois sem os anos em que fui sua aluna jamais teria me apaixonado por História ou pela Idade Média. Você foi uma das minhas maiores inspirações para ser quem eu sou hoje.

À Talita.

RESUMO

O *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois* (Paris, Bibliothèque nationale de France, *ms. Français 2695*) escrito por volta de 1460 pelo duque René d'Anjou (1409-1480) merece destaque por sintetizar em um único trabalho práticas da cultura de corte principesca tardo-medieval e pela originalidade em combinar material textual e iconográfico para transmitir a mensagem pretendida pelo autor. Optamos pelo trabalho com o códice em questão devido à difusão de documentos através dos meios eletrônicos, pela singularidade da obra e carência de edições modernas. Manuscritos medievais são objetos foco de diferentes campos de pesquisa, o que nos leva a restringir o escopo do nosso trabalho à análise textual a partir da nossa transcrição paleográfica. O objetivo desse trabalho será examinar a dupla funcionalidade do *ms. Fr. 2695* por meio da análise do discurso. Mediante o exame qualitativo e quantitativo do corpus lexical, e da comparação com fontes externas, investigaremos primeiramente a função do códice em registrar a prática do torneio para estabelecer como seria o combate idealizado pelo duque e quão longe estaria da prática corrente. Em seguida, procuraremos decifrar o influxo de escritos cortesões, cavaleirescos e principescos no interior do tratado para determinar a construção ideológica, de maneira a persuadir o leitor a adotar um determinado comportamento frente à sociedade.

Palavras-chave: Cultura de Corte, René d'Anjou, Paleografia Francesa, Estudos de Manuscritos, Torneios no Século XV, Literatura Medieval

ABSTRACT

The *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois* (Paris, Bibliothèque nationale de France, *ms. Français 2695*) written around 1460 by the Duke René d'Anjou (1409-1480) is noteworthy for synthesizing in a single work practices from princely court culture of the Late Middle Ages and the originality of combining textual and iconographic material in order to convey a message intended by the author. We opted for working with the codex in question due to the dissemination of documents by electronic means, by the uniqueness of the work and lack of modern editions. Medieval manuscripts are objects focus of different research fields, which leads us to narrow the scope of our work to textual analysis from our paleographic transcription. The aim of this study is to examine the dual functionality of the *ms. Fr. 2695* through discourse analysis. Through qualitative and quantitative examination of the lexical corpus, and the comparison with external sources, first we will investigate the function of the codex to record the practice of the tournament, and then establish how the fight would be devised by the Duke and how far was from current practice. Second, we will try to decipher the influence of courtly, knightly and princely literature within the treatise in order to determine the ideological construction to persuade the reader to adopt a certain behavior in society.

Keywords: Court Culture, René d'Anjou, French Palaeography, Manuscripts Studies, Tournaments in the 15th Century, Medieval Literature

INTRODUÇÃO

O *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois* (Paris, Bibliothèque nationale de France, ms. Français 2695) merece destaque por sintetizar, em um único trabalho, os princípios caval(h)eirescos¹ e as regras dos torneios do período tardo-medieval, e pela originalidade em combinar material textual e iconográfico para transmitir a mensagem pretendida pelo autor². Reconhecido por seu patrocínio às artes, bem como por seus escritos de temática cortesã, o duque René d'Anjou (1409-1480)³ escreveu o *Traicitié* por volta de 1460 como presente para seu jovem irmão, Charles, conde do Maine (†1473). A obra traz as características fundamentais do senso hierárquico das ordens da cavalaria dos séculos XIV e XV, além das festividades cerimoniais aristocráticas do período. Outra particularidade do manuscrito em posse da Biblioteca Nacional da França refere-se à combinação de escritura e imagem na composição da obra. Com a intercalação e sucessão de introduções, legendas e iconografia, o livro propicia coerência de detalhes e ordenação na leitura com a simbiose entre os dois componentes, ao mesmo tempo em que estes podem ser compreendidos separadamente.

O objetivo apontado no texto pelo duque de Anjou seria criar um manual sobre como organizar o torneio, de forma a respeitar propriamente os códigos de conduta e práticas da cavalaria. No início do tratado, ele afirma ter se inspirado em três diferentes costumes para criar uma quarta e nova maneira de conduzir o torneio, definido como o combate dentro do espaço delimitado e preparado para reproduzir um campo de batalha real. A disputa seria

¹ Optamos pela grafia “caval(h)eiresco” (*chevaleresque*) para ressaltar a diferença em relação à “cavalaria” (*chevalerie*). O cavaleiro (guerreiro que combate a cavalo com armamento específico) dos séculos XI-XII possuíam um código ético de exaltação das proezas militares e bravura. Virtudes como “largueza” (caridade) e “cortesia” (especialmente no trato com as mulheres) foram introduzidas junto da ideologia religiosa (defesa dos fracos) com os romances no final do XII e durante todo o século XIII. Em ambos períodos os “cavaleiros” (*chevaliers*) possuíam as mesmas características de combate, mas eram diferentes na sua conduta. Como essa distinção é crucial nesse estudo usaremos “caval(h)eiro” para o cavaleiro imbuído de comportamento cortesão e “cavalaria” para nos referirmos às virtudes militares. Para a distinção desse termo, ver FLORI, Jean. La notion de Chevalerie dans les Chansons de Geste du XIIe siècle. Etude historique de vocabulaire. *Le Moyen Âge: bulletin mensuel d'histoire et de philologie*. Vol. 81 (1975). Pp. 426-428. Sob a mesma ótica na utilização do termo, ver CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. “*Sore ich me ofdrede, heo wolde Horn misrede*”: Um estudo comparativo da sexualidade feminina no Romance de Horn (1170) e em King Horn (1225). Dissertação (mestrado) – UFRJ/ IFCS/ Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2011.

² François Avril realizou o mais completo trabalho de análise até o momento acerca do ms. Fr. 2695 e atesta que esta “[...] symbiose accompli entre texte et image, infiniment rare dans l’enluminure médiévale, du moins poussée à ce degré, est telle qu’on en arrive parfois à se demander, avec Patch, si c’est bien le texte qui a inspiré l’illustrateur, ou si ce n’est pas plutôt le rédacteur qui aurait composé son traité autour d’un cycle d’images préexistant”. AVRIL, François. *Le Livre des Tournois du Roi René de la Bibliothèque nationale (ms. Français 2695)*. Paris: Éditions Herscher, 1986. p. 11.

³ Para a biografia de René d'Anjou, seus escritos e sua ligação com a cultura de corte ver Capítulo II.

realizada entre dois grupos liderados por príncipes ou nobres de alta estirpe: o primeiro defenderia o território (*defendant*) contra o desafiante e invasor (*appellant*). Cada senhor contaria com um time de cavaleiros (*chevaliers*), escudeiros (*escuiers*) e arautos (*heraulx*), os quais estariam livres para escolher um lado, desde que não estivessem ligados por juramento de aliança a um dos senhores. Outros jogos, como os combates de lanças a cavalo denominados “justas” (*joustes*) ou embates corporais (*bouhort*), também ocorreriam paralelos ao torneio (*tournoy*)⁴. As regras foram altamente influenciadas pelo vocabulário jurídico desenvolvido no período tardo-medieval e cobririam todas as possíveis situações que ocorressem durante a atividade, de maneira a garantir o respeito à conduta caval(h)eiresca.

A preocupação em escrever um livro sobre a organização e a etiqueta relacionadas ao torneio demonstra a importância dessa prática para a aristocracia da Baixa Idade Média. Desde sua aparição no século XI, essa atividade transformou-se gradativamente em eventos teatralizados e veículos de expressão do status social distintivo da aristocracia⁵, embora a burguesia crescente também promovesse eventos semelhantes, especialmente na região de Flandres. Entre os exercícios de guerra do século XII e os espetáculos do século XV há notáveis diferenças, como o local escolhido para o combate, o tempo de organização, a importância e participação do público, e o próprio tipo de disputa⁶. O duque de Anjou era tão ciente da importância dessa atividade lúdica como evento social, que estaria mais preocupado em demonstrar o cerimonial e as regras de comportamento por trás da organização, do que descrever o combate em si. Essa particularidade abre portas para a exploração das escolhas realizadas pelo autor, que vão além dos motivos óbvios explicitados por ele mesmo.

O *Traicitié* alcançou considerável popularidade no meio aristocrático após sua elaboração, resultando na criação de “cópias” do original. Seis códices medievais e quatro modernos, os quais procuraram manter as características manuscritas da obra criada pelo duque de Anjou, foram produzidos entre os séculos XV e XVIII⁷. A primeira edição moderna do ms. Fr. 2695, intitulada *Les Tournois du Roi René* (Paris, 1827), seria realizada somente no século XIX. A publicação, coordenada por Champollion-Figeac (Jacques-Joseph), procurou reproduzir o manuscrito em sua integridade e criou um *fac-símile* com as imagens

⁴ VAN DEN NESTE, Évelyne. *Tournois, joutes, pas d'armes dans les villes de Flandres a la fin du Moyen Age (1300-1486)*. Paris: École des Chartes, 1996. p. 50-54.

⁵ GUTTMAN, Allen. Sports Spectators from Antiquity to Renaissance. *Journal of Sport History*, vol. 8, n° 2, 1981. p. 13-19.

⁶ Abordaremos essas diferenças no Capítulo III ao tratar brevemente o torneio idealizado pelo duque de Anjou.

⁷ Para a genealogia do códice (*estema*), isto é, sua filiação e modo de transmissão ver Capítulo II.

originais e letras góticas. O objetivo era fornecer uma reprodução de luxo do códice medieval a poucos colecionadores⁸.

O apreço pela singularidade do *ms. Fr. 2695* decaiu em relação aos séculos precedentes e a segunda edição moderna do *Traicitié*, também produzida no século XIX, contaria com diversas alterações. Essa nova edição faria parte da coletânea em quatro volumes intitulada *OEuvres complètes du roi René* (Angers, 1844-46). O editor M. Le Comte T. de Quatrebarbes sustentava a teoria de que o *ms. Fr. 2695* possuía escrita muito primitiva e cheia de erros, com inserções que remetiam ao século XVII e, portanto, não poderia ser considerado o manuscrito original. Para ele, os livros flamengos (BnF, *ms. Fr. 2692* e BnF, *ms. Fr. 2693*) estariam mais próximos do que seria a obra de Anjou⁹. Mesmo com a defesa de Champollion-Figeac acerca do códice original ser o *ms. Fr. 2695*, as críticas de Quatrebarbes marcaram a preferência estética dos futuros pesquisadores.

Com o descaso do meio acadêmico pelo *ms. Fr. 2695*, somente duas traduções foram realizadas no século XX e nenhuma outra edição publicada. A primeira tradução foi realizada por Edmond Pognon e sua versão parcial do texto foi adaptada ao francês moderno para melhor compreensão dos leitores. Outra modificação realizada pelo editor foi a inserção do ciclo imagético dos códices flamengos, especialmente do *ms. Fr. 2692*. A preferência seria devido à “mediocridade” das imagens do *ms. Fr. 2695*¹⁰. A segunda tradução disponível foi realizada por Elizabeth Bennett, direto do francês médio¹¹ para o inglês moderno, na tentativa de providenciar uma fonte acadêmica para análise¹². Realizada a partir do apêndice presente no livro de F.H. Cripps-Day (*The History of the Tournament in England and in France*. London, 1918), Bennett aponta que o autor não indicou a origem da fonte em francês médio, mas ela acredita que teria sido retirada da edição das *OEuvres complètes du roi René*. A partir da ausência de informações, tanto de Quatrebarbes, quanto de Cripps-Day, Bennett concluiu que o manuscrito utilizado para a transcrição seria provavelmente o códice flamengo *ms. Fr.*

⁸ CHAMPOLLION, Jean-François, CHAMPOLLION-FIGEAC (Jacques-Joseph). *Bulletin des sciences historiques, antiquités, philologie*. Tome IV. Paris: Treuttel et Wurtz, 1825. p. 271-274.

⁹ QUATREBARBES, M. Le Comte T. de, et. Al. *Oeuvres complètes du roi René*. Angers: Cosnier et Lachèse, 1843. Tome 2. p. CVIII-CX.

¹⁰ POGNON, Edmond (ed.). René d'Anjou, *Traité de la forme et devis d'un tournoi*. *Verve: revue artistique et littéraire*, vol. 4, n° 16, 1946. Para as críticas de Pognon a respeito do *ms. Fr. 2695*, ver p. 67-69.

¹¹ De modo geral, o termo *moyen Français* cunhado por linguistas do século XIX seria a língua escrita e falada entre 1340 e 1495, período de transição cultural e modificações sociais atestadas pela inserção de novas palavras no vocabulário com ligeiro predomínio do dialeto parisiense sobre os demais dialetos regionais. MATORÉ, Georges. *Le vocabulaire et la société médiévale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985. p. 261-273.

¹² Não há mais edições impressas da tradução, mas encontra-se disponível em: < <http://www.princeton.edu/~ezb/rene/renehome.html#about> > Acesso em: 16 Fev. 2015.

2692. Portanto, as únicas traduções disponíveis do *Traicitié* foram baseadas na “compilação”¹³ dos manuscritos flamengos, não na obra original do duque.

Ainda que seja a melhor opção para estudo, a tradução de Bennett comprometeu a precisão formal da obra com a inserção de modificações para tornar o texto mais compreensível. Na introdução, ela indica que traduziu os termos técnicos relacionados ao torneio e aos armamentos diretamente do inglês médio, e não do francês, o que poderia induzir o pesquisador a erros de interpretação histórica e literária. De acordo com Roger Chartier, a materialidade da escrita, ou seja, as formas nas quais o texto se inscreve na página, confere à obra uma forma fixa, mas também móvel e instável. Desse modo, a “mesma” obra não é de fato a mesma quando muda sua linguagem, texto, pontuação e apresentação¹⁴. Portanto, até o presente momento não há edições modernas que forneçam a transcrição do original para servir de objeto de estudos.

A escolha do códice em questão para ser nosso objeto de estudo baseou-se, primeiramente, na originalidade do manuscrito e na carência de edições modernas. Em consequência dos fatores anteriormente apresentados, optamos por realizar a sua transcrição paleográfica. A partir da transcrição, que acompanha esse estudo¹⁵, verificamos algumas discrepâncias entre os textos em francês médio do *ms. Fr. 2695* e aquele disponibilizado por Bennett. Há acréscimos textuais, alterações na ordem das imagens e legendas no *ms. Fr. 2695* que diferem da fonte de Bennett, que poderiam ser alterações feitas por ela ou trazidas do apêndice de Cripps-Day. Essas modificações internas em relação à obra primitiva, embora não representem diferenças no conteúdo textual, permitem-nos concluir que a fonte passou por duas alterações se levarmos em consideração a opção pelos livros flamengos em vez do códice de Anjou: primeiro, a pedido do comitente no século XV ao “copiar” a obra original e, em segundo lugar, pelas mãos dos editores nos séculos XIX e XX. Consequentemente, as traduções e edições mais recentes referem-se a uma obra dupla em sua historicidade e

¹³ Por “compilação” entendemos a tentativa de Quatrebarbes em proceder com a *edição crítica* do texto a partir de três etapas: primeiramente a *recensio* ou o levantamento dos códices; depois a *collatio codicum*, isto é, a comparação dos diversos códices para selecionar os mais completo como base para comparação; e por último, a *emendatio* que são as operações para a correção do texto de forma a reconstituí-lo o mais próximo do original. Visto que Quatrebarbes procedeu com escolhas subjetivas (estéticas) e ignorou os outros códices fora da Biblioteca Nacional não podemos considerar sua edição como uma *edição crítica*. Atualmente, os pesquisadores inserem o *apparatus criticus* (inserção das variantes em notas de rodapé) e não tentam mais reconstituir o texto “perfeito”. Para esses procedimentos, ver BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2005. V.1. p. 41-51.

¹⁴ CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 11.

¹⁵ Ver Anexo.

completamente diferente daquela escrita pelo duque. O intuito é disponibilizar nossa transcrição do *ms. Fr. 2695* para possibilitar novos estudos acerca do tratado.

A possibilidade de trabalho com o códice em questão também se associa à digitalização de documentos e difusão por meios eletrônicos. Assim como esses meios têm modificado a relação do homem com o livro físico, eles também se tornaram parte integrante das práticas da pesquisa histórica ao permitir amplo acesso *online* a fontes primárias. O domínio público concedido pela Biblioteca Nacional (Bibliothèque Nationale de France) permitiu-nos visualizar a obra através do portal digital *Gallica*¹⁶ e realizar a transcrição da fonte a partir da versão digital. Embora para a análise codicológica, ou seja, o trabalho com a parte física do manuscrito, seja imprescindível a consulta ao original, as reproduções eletrônicas propiciam a investigação simultânea de um ou mais manuscritos e acesso maior a um corpus antes restrito. Apesar de não substituir o trabalho *in loco* do pesquisador, a disponibilização *online* propicia a ampliação do campo de estudos sobre manuscritos no país.

Por último, a escolha do *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois*, anteriormente reconhecido pelos acadêmicos apenas por seu valor estético e conteúdo textual irrelevante, segue as novas perspectivas historiográficas, especialmente relacionadas à História Cultural¹⁷. Mediante a preferência pelo corpo canônico, as investigações históricas e literárias tendiam a negligenciar determinadas fontes textuais devido às rígidas categorias de gênero, ao desconhecimento da obra ou a sua linguagem marginal, panorama modificado com as transformações dos estudos históricos. Muitos textos antes considerados irrelevantes passaram a serem reconhecidos como fontes proveitosas para pesquisa. Considera-se atualmente que todos os textos medievais podem ser compreendidos como atos escritos com o propósito de persuasão, a curto ou longo prazo, competindo entre si por um lugar na hierarquia textual e linguística dentro das posições institucionais, sejam essas funções administrativas ou poéticas¹⁸. Partindo desse pressuposto, obras como tratados de civilidade e conduta, livros técnicos ou de práticas aristocráticas possuíam a função de registro e,

¹⁶ O manuscrito se encontra em domínio público para consulta a partir do portal Gallica da Biblioteca Nacional. Disponível em: < <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84522067> > Acesso em: 09 fev. 2015.

¹⁷ Para introdução aos debates teóricos a respeito da influência do pós-modernismo, da abertura dos campos de pesquisa e trabalho com fontes, bem como algumas propostas teórico-metodológicas recentes, ver BARROS, José d'Assunção. *A Expansão da História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013; BURKE, Peter. *O que é História Cultural*. 2ª ed. revista e ampliada. Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008; CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2ª ed. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

¹⁸ BORSA, Paolo et. Al. What is Medieval European Literature? *Interfaces* 1, 2015. Disponível em: < <http://riviste.unimi.it/interfaces/article/view/4936> >. Acesso em: 11 Jan 2016. p. 08-09.

simultaneamente, buscavam incorporar nos indivíduos comportamentos ou condutas tidas por legítimas e úteis¹⁹.

Manuscritos medievais são objetos singulares foco de diferentes campos de pesquisa, o que nos leva a restringir o escopo do nosso trabalho em relação ao *ms. Fr. 2695* à análise textual. O estudo completo de um códice envolve averiguação acerca de sua produção, circulação, recepção e atribuição de significados pelos leitores. Para uma investigação dessa envergadura seria necessário a comparação entre todos os códices do *Traicitié*, trabalho ainda inédito no meio acadêmico. Contudo, antes de iniciarmos o estudo do *ms. Fr. 2695* propriamente dito, iremos situar a função sociocultural do manuscrito e seu papel no interior da cultura de corte do período tardo-medieval no Capítulo I. O Capítulo II, além de incluir a apresentação da biografia de René d'Anjou e sua ligação com a cultura principesca-cortesã, irá examinar as edições do *Traicitié* e analisar o *ms. Fr. 2695* dentro dos parâmetros codicológicos (descrição e considerações acerca de seus aspectos materiais) e paleográficos (critérios de edição e transcrição, comparação do conteúdo textual com as demais edições e notas a respeito da tradução).

O que antes era oposição firmemente estabelecida entre a *realidade social* (eventos históricos que ocorreram de fato) e os *monumentos* (materiais da memória como herança do passado em sua forma pura, que ao serem selecionados pelo historiador para investigação se transformam em *documentos*²⁰) começou a ser questionada a partir das teorias pós-modernas. Autores passaram a afirmar que toda História seria uma estrutura verbal na forma de prosa narrativa e, portanto, seguiria as regras linguísticas para ser escrita. Desse modo, *monumentos* e *obras historiográficas* seriam discursos construídos pelos seus autores²¹. Com a inserção da semiótica nesse debate, a ênfase na linguagem tornou-se maior por postular que a criação de significados através dos textos seria exterior às intenções dos sujeitos históricos. Assim sendo, perderam-se as distinções básicas entre realidades sociais e suas expressões escritas, entre práticas discursivas e não discursivas, a relação *texto-contexto*, colocando em dúvida a validade dos procedimentos historiográficos. Essa “virada linguística” ou “virada retórica”, na qual a textualidade absorveu o *social* com a interpretação linguística, permitiu aos

¹⁹ CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990. p. 135.

²⁰ LE GOFF, Jacques. Documento e Monumento. In: *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão et al., 7ª ed. revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. Pp. 485-489.

²¹ Para detalhes acerca dessas teorias, ver WHITE, Hayden. *Meta-história*. Trad. José Laurenio de Melo, 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008; RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. e rev. Claudia Berliner et al. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 3v.; VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp, revisão Gerusa Jenner Rosas. 4ª ed. Brasília: UNB, 1998.

historiadores a reflexão sobre o processo de escrita da História e a sugestão de novas abordagens para solução da questão²².

Para investigarmos a relação *texto-contexto* entre o *ms. Fr. 2695* e a perspectiva sociocultural acerca do período tardo-medieval, iremos nos apoiar nas teorias da Nova História Cultural de Roger Chartier. Embora a realidade anterior ao presente não possa ser integralmente acessada através dos textos²³, Chartier afirma que a construção de interesses por meio do discurso só pode ser socialmente determinada e limitada pela disponibilidade de recursos (linguísticos, conceituais, materiais, etc.) àqueles que produzem esse mesmo discurso. Se o *monumento* foi elaborado mediante a disponibilidade de recursos e categorias formais próprias, como esquemas particulares de transmissão e recepção, consequentemente, o *real* visado pelo produto final é uma construção na historicidade da sua produção e na intencionalidade de sua escrita, mas ainda assim uma realidade. Com enfoque na contribuição dos agentes sociais históricos, ele propõe a investigação a partir da relação entre *diferenças e dependências*. A *diferença* estaria na produção de determinados objetos culturais (textuais ou não) por uma sociedade que não seriam encontrados da mesma forma em outras. E as *dependências* seriam justamente as condições sociais que permitiriam a produção desses objetos no interior da sociedade em questão. Para tal procedimento, ele sugere o diálogo com outras áreas de conhecimento, como a sociologia, linguística e crítica literária²⁴.

Como todo texto é construído e o historiador, simultaneamente, produz a narrativa histórica e se torna leitor do material pré-existente, a questão passa a ser como acessar o *real* a partir dos escritos. Para acessar essa realidade histórica, seguiremos com a proposta de Gabrielle M. Spiegel. Ela afirma que os textos são produtos do mundo social de seus autores e, ao mesmo tempo, agentes textuais que atuam sobre este criando realidades e modificando-as. Sua teoria, denominada *lógica social do texto*, pressupõe que os escritos sejam artefatos literários e por isso demandam análise crítica literária. Como utilizam linguagens de forma intencional, essa realidade linguística apenas pode se relacionar com a sociedade da qual emerge, tornando-se historicamente localizada. Dessa forma, podemos analisar a linguagem e

²² Sobre autores que discorreram a respeito, ver CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007; GINZBURG, Carlo. *Relações de força: História, retórica, prova*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; SPIEGEL, Gabrielle M. (ed.). *Practicing history*. New York: Routledge, 2005.

²³ Sobre esse debate e algumas conclusões que seguiremos aqui, ver GOULLET, Monique. La contrainte littéraire, le *topos* et le réel. In: GENET, Jean-Philippe (dir.) et al. *Langue et histoire*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2011. p. 63-78.

²⁴ CHARTIER, Roger. *On the edge of the cliff: History, Language and Practice*. Trans. by Lydia G. Cochrane. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1997. p. 19-27; 39-47.

o discurso constituído a partir dos princípios historiográficos, averiguar as estruturas sociais existentes e preservar o foco da História Cultural em ver a textualidade como derivada e constitutiva da vida social²⁵.

Se todo texto medieval é considerado um *ato escrito*, ou seja, a reprodução da *autoridade* através da escrita, logo o estudo de sua linguagem nos permite chegar próximo da realidade passada. A opção pela investigação da linguagem ocorre devido ao seu forte peso sociológico. Mais do que palavras, os textos oferecem associações que definem implicitamente as divisões e a ordenação do corpo social, as relações de poder entre os homens e as instituições. Os escritos possibilitam ainda a percepção da forma como o meio social toma consciência de si mesmo, como se apresenta e, por último, do sistema de referências que os grupos respeitam²⁶. A *língua*²⁷ é a instituição criada mais importante de uma sociedade, pois sem linguagem não há sociedade. Contudo, ela vem sendo pouco estudada pelos historiadores devido, principalmente, a razões de ordem metodológica. No interior da História Cultural a língua deveria ocupar um campo de pesquisa destacado, mas isso ainda não ocorre em virtude do limitado uso pelos pesquisadores das ferramentas linguísticas, indispensáveis para averiguação das fontes²⁸.

O objetivo desse trabalho será examinar a dupla funcionalidade do *ms. Fr. 2695* — registro da prática do torneio e a orientação para a conduta caval(h)eiresca — e determinar a construção ideológica através da *análise do discurso*. Novas propostas metodológicas que adaptem abordagens linguísticas para as interrogações históricas vem sendo desenvolvidas nas últimas décadas. A análise do discurso tem sido retomada pelos historiadores, assim como o tratamento quantitativo em virtude do desenvolvimento de bases de dados digitais. Ela pode ser definida como uma disciplina que estuda o conjunto de fenômenos da linguagem e sua relação com o contexto social. Integrante do quadro de estudos linguísticos e multidisciplinar, a qualidade das interpretações provenientes da análise do discurso depende da metodologia empregada e das interrogações levantadas²⁹.

²⁵ SPIEGEL, Gabrielle M. *The Past as Text*. Baltimore, Maryland: John Hopkins University Press, 1997. p. xviii-xix; 22-28.

²⁶ DUBY, Georges. História e sociologia do Ocidente Medieval – resultados e pesquisas. In: *A Sociedade Cavaleiresca*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 140-141.

²⁷ Entendida aqui como um sistema de expressão particular de dimensões macro (uma nação ou país) e micro (uma configuração específica ou camada social), mas também compreendida como a forma do discurso, na qual se revela os *topoi* e a narrativa histórica. GOULLET. In: GENET. *Op. Cit.* p. 71-73.

²⁸ PANTEL, Pauline Schmitt. In: GENET. *Op. Cit.* p. 08-09.

²⁹ BENSEBIA, Abdelhak A. De la linguistique statistique à la logométrie: apports et limites de l'école française d'analyse du discours. *Synergies* Algérie n° 20, 2013. p. 13-15.

Jean-Phillipe Genet propõe aos medievalistas o uso da análise do discurso mediante o diálogo com os métodos provenientes da linguística, filologia e crítica literária. Primeiramente, deve-se compreender os signos gráficos presentes no texto através da filologia e/ou paleografia, essa última adotada por nós nesse trabalho. Em seguida, a aproximação com a sociolinguística possibilitará o estudo da comunicação entre os grupos e a função de determinada língua no interior daquela sociedade. As próximas etapas consagram-se à metodologia. A investigação quantitativa do conteúdo permitirá o tratamento sistemático e a decodificação lexical da escritura com o propósito de levantar interrogações objetivamente e elaborar hipóteses dedutivas a partir da fonte. Por último, a averiguação das mudanças diacrônicas e sincrônicas do léxico proporcionará o exame das mudanças estruturais e o estabelecimento preciso dos conceitos socioculturais dentro do período medieval evitando anacronismos³⁰. Esse tratamento, de acordo com Genet, é o método autônomo mais integrado ao trabalho historiográfico, especialmente com enfoque no estudo do campo semântico.

Mediante a utilização da logometria adaptada aos nossos propósitos³¹, investigaremos a dupla funcionalidade do *ms. Fr. 2695* no Capítulo III. O procedimento será ancorado pela análise qualitativa e quantitativa, bem como pela comparação da sintaxe interna (vocabulário e associações de termos) com referências a fontes externas. O capítulo abordará brevemente a função do códice em registrar as práticas cavaleirescas e levantará algumas possibilidades para estabelecer como seria o torneio idealizado pelo duque de Anjou e quão longe estaria da prática corrente. Em seguida, o objetivo será tentar decifrar o influxo de escritos cortesões, cavaleirescos e principescos no interior do tratado. Iremos examinar quantitativamente o número de aparições dos vocábulos referentes a esses três aspectos e, qualitativamente, identificar quais foram as maiores influências para as regras de conduta caval(h)eiresca. Através dessa análise discursiva, trataremos diretamente da construção do discurso ideológico do *Traicitié* e comprovar sua função de persuasão.

³⁰ GENET, Jean-Philippe. *Langue et histoire: des rapports nouveaux*. In: GENET. *Op. Cit.* p. 13-31.

³¹ Para maiores detalhes sobre nossa metodologia ver Capítulo III.

CAPÍTULO I – Imbricações entre cultura escrita e a corte principesca na Baixa Idade Média

1.1 Cultura escrita e aristocracia medieval: nova configuração, novos usos, novos interesses

No interior de sociedades com letramento restrito (*restricted literacy*), a parte iletrada não ignora o poder da escrita e seu papel estruturador e, em um dado momento, procura, tomando posse dos objetos resultantes dessa cultura, igualar-se àqueles que a dominam³². Durante a Baixa Idade Média, o caráter distintivo da cultura escrita não se encontrava mais na diferenciação entre *litteratus* e *illiteratus*³³, mas no uso e manuseio de seu principal produto: os manuscritos. Esses teriam ganhado destaque quando passaram a ser associados à corte principesca, tornando-se fontes diretas de erudição e símbolos da ostentação material aristocrática frente às demais camadas da sociedade. Nesse capítulo iremos analisar o desenvolvimento gradual da ligação entre escritura e os interesses da aristocracia.

Dentre os produtos resultantes da cultura escrita, o livro destacava-se devido à atração incomparável que exerceu na sociedade medieval. As duas naturezas do códice — corporal e espiritual — concediam-lhe poderes mágicos contra as forças malignas e, ao mesmo tempo, forneciam conhecimentos que subjuguavam seu leitor. A palavra escrita contida nele era instrumento de poderes formidáveis e temíveis³⁴ em razão da autoridade sagrada proveniente das Escrituras³⁵. Simultaneamente, a materialidade do objeto conferia status social e econômico notável àqueles que soubessem manuseá-lo, pois sua posse indicava a distinção do

³² GENET, Jean-Philippe. Les progrès de l'écrit. In: *La mutation de l'éducation et de la culture médiévales*. Tome 1. Paris: Seli Arslan, 1999. p. 21.

³³ O sentido de *litteratus* a partir do século XII seria usado para se referir àqueles que soubessem ler e escrever em latim, assim como os clérigos. *Illiteratus* seria todo aquele que não tivesse nenhuma dessas habilidades. Essa dicotomia surge em substituição ao *clericus-laicus* dos séculos anteriores, pois formar um *litterati* agora faria parte do uso crescente da *escrita pragmática* que contribuiria com a reorganização da relação oral/escrito e na abertura de novos interesses intelectuais, estéticos e religiosos aos laicos. GENET. *Op. Cit.* p. 28. Para a distinção *clericus-laicus*, ver SCHMITT, Jean-Claude. Clérigos e leigos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Trad. do verbete de Eliana Magnani. Bauru, SP: Edusc, 2006. Vol. 1, p. 237-251.

³⁴ CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 43-44.

³⁵ A menção ao poder dual do livro como objeto que fornece conhecimento e subjuga o homem pode ser encontrada em: *Ez 3,3*: “[Deus] Disse-me: ‘Filho de homem, alimenta teu ventre e sacia tuas entranhas com este rolo [= pergaminho] que te dou’. Eu o comi; na minha boca ele tinha doçura de mel”; *Ap 10,2.10*: “Na mão [o anjo] segurava um livrinho aberto. [...] Tomei o livrinho na mão do anjo e o comi. Na minha boca, tinha a doçura do mel; depois de ter o comido, porém, minhas entranhas tornaram-se amargas”.

indivíduo em relação aos demais. Não obstante a permanência dessa sacralidade, a função prática do livro manuscrito modificou-se ao longo dos séculos.

As habilidades para manusear o códice e conhecer seu conteúdo restringiam-se a uma pequena parcela da sociedade nos primeiros séculos do medievo, mas progressivamente penetrariam nas demais camadas. Adotado pelo cristianismo por razões diversas³⁶, a produção, o uso e a leitura do livro manuscrito eram restritos aos eclesiásticos. A partir do século XI, o desenvolvimento social e econômico do meio urbano³⁷ contribuiu com a expansão dos usos da escrita, seja para fins administrativos, jurídicos ou comerciais, assim como incentivou a difusão do *letramento* (*literacy* ou a aquisição de habilidades para ler e escrever) para além do meio clerical. Outro fator para a promoção da cultura livresca relacionava-se diretamente aos impulsos indiretos proporcionados pela Igreja. Em consequência disso, os manuscritos passaram a ser consumidos no interior das cortes nobiliárquicas dos séculos seguintes. Embora iniciados nos séculos XI-XII, esses fatores intensificariam-se cada vez mais e influenciaram a formação da cultura aristocrática do período tardo-medieval.

Relacionada às mudanças socioeconômicas, a primeira razão para a expansão da cultura escrita refere-se ao avanço da escrita pragmática e à mentalidade literária (*literate mentality*), termos cunhados por Michael T. Clanchy ao estudar como o hábito de preservar documentos escritos sobre assuntos importantes permitiu o desenvolvimento de novas formas de pensar e estruturar as ideias vinculadas à importância conferida lentamente ao letramento³⁸. Essa escritura prática associava-se à necessidade social do direito devido ao fortalecimento do poder do príncipe e à concepção de autoridade real. Vinculava-se também ao avanço das práticas comerciais urbanas e às transações financeiras. Nesse contexto de mudanças, foram criadas escolas citadinas e universidades, cujo público incluía todos os desejosos em fazer carreira como secretários, escriturários ou mestres. Esses fatores levaram à modificação na produção livresca e no relacionamento da sociedade com o livro.

³⁶ Para a enumeração das razões, ver CHARTIER, Roger. As representações do escrito. In: **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinções e apropriações**. Trad. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003. p. 31-41.

³⁷ Para as modificações as quais nos referimos, ver LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Trad. Bauru: Edusc, 2005; e no âmbito cultural ver HASKINS, Charles H. **The Renaissance of the Twelfth Century**. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

³⁸ CLANCHY, M. T. **From Memory to Written Record: England 1066-1307**. 3rd ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 187-192.

Dentre os fatores acima citados e relacionados com o escopo desse capítulo está o desenvolvimento na formação principesca. Primeiramente, de forma a contribuir para a melhor organização e administração do território, ordens reais escritas passaram a ser emitidas para substituir os acordos feudais de caráter oral-ritual e costumeiro³⁹. Simultaneamente, a ideia de autoridade real, resgatada do direito romano, fundamentava-se na formação intelectual do soberano e na concessão de poderes a ele a fim de garantir a ordem no interior do reino. Com base nos textos romanos da Antiguidade acerca das características dos governantes, escritores medievais elaboraram trabalhos políticos e jurídicos para ensinar aos futuros príncipes as delimitações das funções reais e a forma de governar mediante a formulação do gênero textual conhecido por *speculum* (“espelho”). Diversos autores escreveram “espelhos” a partir da fusão de valores cristãos e greco-romanos pagãos, textos que foram copiados e retrabalhados até o século XVI⁴⁰. Por essas razões houve um aumento na demanda por administradores, juristas e mestres.

Com a criação de escolas citadinas e universidades para suprir a demanda por especialistas houve a perda do monopólio da produção livresca pela Igreja e a modificação na função do livro. Na Alta Idade Média os livros estavam restritos ao uso religioso, contudo isso iria mudar com o ambiente universitário. A valorização da retórica e da gramática nas escolas citadinas e nas universidades em conjunto com a renovação do pensamento especulativo transformou o livro em instrumento de trabalho. Os estudos contavam com a leitura de textos clássicos revisados ou recém-descobertos em virtude das traduções do árabe e do grego, além de obras contemporâneas. Assim sendo, os códices deveriam ser disponibilizados para consulta e leitura dos estudantes. Essa necessidade levou à padronização do latim e à profissionalização dos *scriptoria*⁴¹, os quais deixavam de ser exclusivamente monásticos e operariam também nos centros urbanos sob a tutela do livreiro (*stationarii*), que empregava escribas, copistas e iluminadores leigos⁴². Posteriormente, esses ateliês atenderiam à demanda dos aristocratas para a elaboração de livros particulares.

³⁹ O poeta Eustache Deschamps, oficial de justiça da corte de Charles VI (†1422), descreve o papel da escritura ao satirizar a necessidade crescente do papel e do pergaminho nas petições jurídicas ou na obtenção de fundos. *Balade DCCCXLVI. Utilité de l'écriture*. DESCHAMPS, Eustache et. al. *Oeuvres complètes de Eustache Deschamps*. Pub. d'après le manuscrit de la Bibliothèque nationale par le marquis de Queux de Saint-Hilaire. Paris: Librairie de Firmin Didot et cie, 1887. p. 18-19.

⁴⁰ Abordaremos em detalhes a importância dos *espelhos* no Capítulo III.

⁴¹ Para os detalhes dessa profissionalização e o procedimento anterior utilizado, ver CLEMENS, Raymond; GRAHAM, Timothy. Text and Decoration. In: *Introduction to Manuscript Studies*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2007. p. 18-34.

⁴² O rei Alfonso X reafirma a necessidade de livreiros na contribuição com os estudos universitários. Ela exige que em suas lojas tenham exemplares e livros bons, legíveis e verdadeiros para serem emprestados aos

Outro aspecto que contribuiu para a laicização da cultura livresca foi a própria Igreja cristã. Mediante a Reforma Gregoriana, a Igreja reafirmou os privilégios dos eclesiásticos e de sua autoridade sagrada sobre os leigos, esses postos à margem dos negócios clericais⁴³. A *ecclesia*, que abrangia toda a sociedade cristã, pressupunha o predomínio clerical sobre a ordenação e o direcionamento da cristandade, criando o que Jêrome Baschet definiu como “sociedade de exclusão”⁴⁴. Diante da pretensão de separação em duas ordens sociais distintas,⁴⁵ houve a busca por parte dos leigos de aproximarem-se do corpo clerical. As primeiras tentativas de equiparação aos eclesiásticos relacionadas à escritura foi o desejo de possuírem os textos sagrados. Na proibição de ter a Bíblia ou traduzi-la⁴⁶, o livro mais popular dos três últimos séculos do medievo foi o Livro de Horas⁴⁷. Diante desse cenário, a Igreja perdeu progressivamente o monopólio sobre a escrita.

Embora os manuscritos até aquele momento não fossem fonte direta de erudição, ampliou-se o número de letrados em virtude das mutações do período e das reformas da Igreja. Anita Guerreau-Jalabert afirma que o sentimento de superioridade moral e social do letrado possuía valor suficientemente reconhecido dentro da sociedade medieval, pois a escritura, o saber e o poder estavam intimamente ligados⁴⁸. Conforme a distinção entre leigos e clérigos fosse se ampliando houve maior procura por parte dos nobres por tornarem-se

estudantes copiarem conforme suas necessidades. *Las Siete Partidas Tomo II, t.XXXI, l.XI*. ALFONSO X. *Las Siete Partidas Del rey Don Alfonso El Sabio*. Tomo 2. Cotejadas con varios códices antiguos por la Real Academia de la Historia. Madri: Imprenta Real, 1807. p. 345-346.

⁴³ BASCHET, Jêrome. *A civilização feudal: do ano 1000 à colonização da América*. Trad. Marcelo Rede. São Paulo: Globo, 2006. p. 227. Sobre esse período reformista ver também CONSTABLE, Giles. *The reformation of the Twelfth Century*. Cambridge: University Press, 2002.

⁴⁴ BASCHET. *Op. Cit.* p. 222.

⁴⁵ Essa crescente separação se encontra bem exemplificada pelo cardeal Humberto da Silva Cândida (Humbertus Silvae Candida) no seu *Livro contra os simoníacos* (*Adversus simoniacos libri tres*, III. 9, *Patrologia Latina* CXLIII, col. 1153), na carta do papa Gregório VII (S. Gregorius VII) aos bispos de Rouen, de Tours e de Sens (*Registrum*, VI.35, *Patrologia Latina* CXLVIII, col. 539) e em um dos artigos do Decreto (*Decretum Gratiani*, Decreti Pars Secunda, C.XII, q. 1, c.7, *Corpus Iuris Canonici* vol. 1, p. 678).

⁴⁶ O Concílio de Toulouse (1229) proibia os leigos de possuírem as Escrituras (o Velho e o Novo Testamento) e somente os Saltérios, Breviários e as Horas da Virgem eram permitidos para devoção. Contudo, esses livros não poderiam ser em língua vulgar. *Capitula XIV*. LABBE, P. (Ed.); COSSART, G. (Ed.). *Sacrosancta concilia ad regiam editionem exacta quae nunc quarta parte prodit auctior*. Tomo XI, Pars I. Lutetiae Parisiorum: Impensis Societatis typographicae librorum, 1671. p. 430

⁴⁷ Livro de preces privadas que deveriam ser recitadas ao longo do dia. O livro de Horas continha, especialmente após o século XIV: um calendário, o pequeno ofício da Virgem, salmos de penitência, as litanias, os sufrágios e o ofício dos mortos. Acrescentava-se frequentemente certo número de elementos secundários: fragmentos de Evangelhos, Paixão de São João, preces à Virgem, Horas e ofícios da Cruz, as preces do dia e as da missa, o livro de salmos de São Jerônimo, os Dez Mandamentos, além de textos devotos de todos os tipos. Ressaltamos que não há padronização no conteúdo dos Livros Horas, que variavam de acordo com a localidade e a época de sua produção.

⁴⁸ GUERREAU-JALABERT, Anita. *Savoir et société*. In: SOT, Michel (dir.) et al. *Histoire culturelle de la France*. Tome 1. Le Moyen Âge. Paris: Éditions du Seuil, 2005. p. 137-138.

letrados. Possuir livros e tomar contato com a cultura escrita era equiparar-se, em certa medida, aos eclesiásticos, os únicos capazes de interpretar as Sagradas Escrituras. Como nem todos tinham acesso ao conhecimento do latim, muitos recorriam aos clérigos saídos das universidades e empregados como secretários para a leitura das obras. A circulação, especialmente de livros iluminados, restringia-se às camadas mais abastadas, únicas capazes de bancar o custo da fabricação. Isso atesta que a posse de manuscritos particulares ainda era indicativo de distinção social, mais do que fonte de erudição para a maioria leiga iletrada⁴⁹.

Ainda que existisse profunda admiração pela língua latina, os leigos, procurando igualar-se ao corpo clerical e aos seus príncipes, recorriam aos clérigos empregados para ensinar-lhes a ler e escrever utilizando as línguas vernáculas⁵⁰. Isso tornou-se possível apenas com a restauração do latim no período carolíngio e com os correntes estudos universitários aprofundados sobre gramática permitindo a normatização dos dialetos vulgares. Muitos deles dependiam da maior ou menor incorporação do latim na transcrição de palavras que antes apenas existiam em sua forma oral⁵¹. Com a habilidade de leitura adquirida e a tradução das obras, os nobres poderiam obter conhecimento através dos livros manuscritos imitando os príncipes governantes⁵². Posteriormente, os escritos literários em língua vulgar ganharam importância no interior dessa camada e seriam considerados sacralizados, principalmente a *prosa* tida como modelo por excelência pela sua proximidade com a escritura bíblica.

Os dominantes laicos encontraram na expressão literária o meio de construir e exprimir uma ideologia distintiva para estabelecer a coesão e a unidade dos grupos aristocráticos, ao mesmo tempo em que incorporariam a cultura escrita na ritualização caval(h)eiresca, como haviam feito com os torneios⁵³. Ainda que já houvesse escritos literários em língua vulgar

⁴⁹ CASSAGNES-BROUQUET, Sophie. *La passion du livre au Moyen Age*. Rennes: Éditions Ouest-France, 2003. p. 25-40; 49-58.

⁵⁰ Dante Alighieri, em seu livro *De Vulgari Eloquentia* I, I.2, definiu a língua vernácula com como “[...] aquela [língua] que as crianças aprendem de seus familiares [...] ou, o que se pode dizer mais brevemente, chamamos de vulgar, aquela que, sem qualquer regra, recebemos, apenas imitando a ama”. DANTE ALIGHIERI. *Obras Completas*, vol. X. Trad., São Paulo: Editora das Américas, 1958. p. 45.

⁵¹ COLISH, Marcia L. The Renaissance of the Twelfth Century. In: *Medieval Foundations of the Western Intellectual Tradition 400-1400*. London and New Haven: Yale University Press, 2002. p. 175-182; ZIOLKOWSKY, Jan M. Latin and vernacular literature. In: LUSCOMBE, David (ed.); RILEY-SMITH, Jonathan (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume IV c.1024 - c.1198. Part I*. Cambridge: University Press, 2004. p. 658-692.

⁵² O biógrafo do conde Baudoin de Guines demonstra bem essa preocupação, ao relatar que o nobre não instruído nas *artes liberales* dispôs de mestres e doutores para ensiná-lo, a fim de que pudesse compreender não somente o senso literal, mas o senso místico dos textos. Como não podia reter tudo de memória mandou traduzir os livros de diversos assuntos para sua própria língua materna. c. LXXX-LXXXI. LAMBERT, cure d’Ardre (918-1203). *Chronique de Guines et d’Ardre*. Paris: J. Renouard, 1855. p. 170-175.

⁵³ GUERREAU-JALABERT. La culture courtoise. In: SOT. *Op. Cit.* p. 239-240.

anteriores a 1100, os conteúdos seculares ganhariam destaque apenas em fins do XII e início do XIII. Essas obras possuíam temáticas relacionadas às tradições orais, como a poesia lírica cortesã na região francesa ao sul e as canções de gesta ao norte, ou que remetiam à Antiguidade. Contudo, a língua vulgar encontrou nos *romances*⁵⁴ sua maior expressão, ampliando de modo surpreendente o número de manuscritos, iluminados ou não, nos ambientes abastados, pois entre seus colecionadores havia aristocratas e eclesiásticos⁵⁵.

À vista dos fatores apontados até aqui é possível questionar qual passou a ser a real função do manuscrito no interior da camada aristocrática a partir do século XIII. Joachim Bumke afirma que o embasamento ideológico para a cultura caval(h)eiresca é o resultado do amálgama de fontes criadas e desejadas pela sociedade laica, inspiradas em três grupos distintos: a Igreja, a aristocracia e a cavalaria⁵⁶. Essa ideologia encontrou nos diversos romances compostos em língua vulgar seu verdadeiro meio de comunicação e influência. Ter letramento passou a ser associado à cultura cortesã aristocrática, pois não bastava agora apenas os prévios conhecimentos militares para a distinção como caval(h)eiro em relação as demais camadas⁵⁷. Como resultado, diversos nobres passaram a aderir aos valores perpetuados pelas temáticas romanescas, o que os levou a custear poetas e escritores e a criarem suas próprias obras⁵⁸.

⁵⁴ A acepção original de *mettre en roman* era traduzir um texto do latim para a *rustica romana lingua*. Apenas posteriormente passou a designar um gênero literário com características próprias. STANESCO, Michel; ZINK, Michel. *Histoire européenne du roman medieval*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992. p. 09-12.

⁵⁵ James W. Thompson demonstra que o intercâmbio cultural entre França e a Inglaterra anglo-normanda resultaria na posse tanto pela aristocracia, quanto por eclesiásticos de ambas regiões de obras profanas escritas em dialetos oriundos do continente. Manuscritos de poemas e romances foram encontrados nas bibliotecas das escolas catedráticas, como o poema sobre as guerras de Henry II em Chartres (França); episcopais, como a de Beauvais (Champagne – França) consultada por Chrétien de Troyes; em monastérios, como em St. Martin (Dover – Inglaterra) que dentre os diversos romances incluía o *Romanse de la Rose* e *Le Romanse du roy Charles*; e particulares de clérigos seculares e regulares, como o monge Thomas Arnold, interessado em “literatura leve” tinha em sua posse romances caval(h)eirescos como *Launcelot* e o *Graal*, os quais foram doados a abadia de St. Augustine (Canterbury – Inglaterra). Isso demonstra que os *romances* eram valorizados além das camadas aristocráticas. THOMPSON, James Westfall. *The medieval library*. New York: Hafner, 1957. p. 222-309.

⁵⁶ BUMKE, Joachim. The Chivalrous Knight. In: *Courtly Culture: Literature and Society in the High Middle Ages*. Translated by Thomas Dunlap. Woodstock, New York, London: Overlook Press, 2000. p. 276-311. Ver também KAEUPER, Richard W. *Chivalry and Violence in Medieval Europe*. Oxford: University Press, 1999. p. 36-39.

⁵⁷ Na versão em prosa de *Tristan*, romance popular em diferentes cortes europeias, seu personagem principal pertence à cavalaria, mas se destaca por suas habilidades cortesãs: descrito como eloquente, versado em línguas, hábil com a caça e excelente músico. Acrescenta-se às características de Tristan sua beleza acima do comum e elegância nos modos. Para análise detalhada, ver JAEGER, C. Stephen. From Court Ideal to Literary Ideal: Metamorphoses of the Courtier. In: *The origins of courtliness: civilizing trends and the formation of courtly ideals, 939-1210*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1985. p. 102-104

⁵⁸ HAMEL, Christopher de. Books for Aristocrats. In: *History of Illuminated Manuscripts*. London: Phaidon Press, 1995. p.142-167.

Nota-se que o processo de imitação pelos outros membros da sociedade medieval dos moldes cristãos, mediante a moralização e o contato com a cultura escrita, estabeleceu novos comportamentos considerados civilizatórios, possíveis somente nos últimos séculos da Idade Média. Para Norbert Elias, este seria o *processo civilizador*, definido como uma mudança na conduta e nos sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica, mas sem que seja o resultado de um planejamento calculado a longo prazo⁵⁹. Elias associa a produção livresca ao nível de desenvolvimento civilizador de uma sociedade. Ele afirma que:

O aumento da demanda de livros numa sociedade constitui um bom sinal de um avanço pronunciado no processo civilizador, porque sempre são consideráveis a transformação e regulação de paixões necessária tanto para escrevê-los quanto para lê-los. Na sociedade de corte, porém [...] os livros são usados menos para leitura de gabinete ou em horas solitárias [...], do que como assunto de conversa no convívio social, fazendo parte ou dando continuidade à conversação [...]⁶⁰.

Stephen Jaeger segue a mesma lógica ao associar o importante papel da relação entre o letramento e a ordenação da sociedade:

O processo de civilização procura educar determinados grupos sociais nas leis e nos modos civilizados. É essencial para o seu funcionamento que a estrutura da sociedade se mantenha sob a ordem moral e jurídica com a construção de um complexo sistema de punição e recompensa no interior dela. [...] Quando a sociedade educa seus membros a tal que todos os grupos estão dispostos a renunciar [antigos comportamentos], especialmente guerreiros e artistas, então podemos falar de civilização e não mais somente de sociedade⁶¹.

Nos séculos XIV e XV, adiciona-se às tendências aqui mencionadas a incorporação da concepção de autoria e de novas técnicas na produção livresca que permitiram o aumento na criação de obras de interesses puramente aristocráticos. Primeiramente, a questão de autoria

⁵⁹ ELIAS, Norbert. Sugestões para uma Teoria de Processos Civilizadores. *O processo civilizador v.2: Formação do Estado e Civilização*. Trad. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 193.

⁶⁰ ELIAS. *Op. Cit.* p. 229.

⁶¹ “The process of civilizing aims at educating the individual groups of society in law and civility. It is essential for its functioning that the structure of society itself maintain the legal and the moral order, that a complex system of punishment and reward be built into structure. [...] When a society educates its members to the extent that all groups within it willingly make this renunciation, but especially warriors and artists, then we can speak of civilization, and no longer merely society”. JAEGER. *Op. Cit.* p. 11-12, tradução nossa.

ou propriedade intelectual, embora distante das concepções formuladas no XVIII⁶², faria parte do lento processo de não atribuição do texto à *auctoritas* (autoridade capaz de conferir credibilidade conforme as verdades cristãs), mas de associação do autor a sua obra. O texto passava a ser considerado como de composição própria devido ao reconhecimento do indivíduo como passível de contribuição intelectual e inspiração para composição de escritos alheios⁶³. Essa associação permite-nos estabelecer a recepção das obras em diversos manuscritos de forma a reconhecer quais seriam as influências que esses contemporâneos exerceram nos trabalhos posteriores e quais autores eram os mais prestigiados.

O aumento na demanda por livros particulares contribuiu com inovações técnicas para o barateamento do produto. Oriundo da China e difundido na Europa por intermédio do mundo árabe, o papel já aparecia nas atas da chancelaria normanda da Sicília no fim do século XI. Com a expansão dos moinhos de fabricação pela Europa e melhor qualidade, o papel constituía um suporte mais barato para os livros em virtude do rápido processo de produção se comparado ao pergaminho⁶⁴. Ele também se mostraria mais adaptado às técnicas de xilogravura e tipografia. Todavia, não se deve considerar a utilização desse suporte em escala maior e a invenção da imprensa como os responsáveis pelo desaparecimento do códice manuscrito. Esse fenômeno relaciona-se diretamente à massificação e à interiorização da escrita como meio de comunicação, pois no século XV o grosso da produção impressa não era a publicação de livros⁶⁵. Ainda nesse período ocorria o intercâmbio de técnicas: impressão em pergaminho, manuscritos impressos em papel, iluminuras pintadas à mão nos *incunábulo*s⁶⁶,

⁶² Ver CHARTIER, Roger. A mão do autor. In: *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 129-152.

⁶³ Para algumas das referências cruzadas entre autores, ver HAVELY, Nick. Literature in Italian, French and English: uses and muses of the vernacular. In: JONES, Michael (ed.). *The New Cambridge Medieval History vol. VI c. 1300-c.1415*. Cambridge: University Press, 2008. p. 262-265.

⁶⁴ O preço do manuscrito em pergaminho não era padrão e a estipulação atual depende de diferentes fontes, como registros de sua encomenda por exemplo. Sophie Cassagnes-Brouquet provê algumas informações a respeito. De acordo com ela, estima-se que no século XIII, já dispondo do sistema de *pecia*, um Evangelho em dois livros sem iluminuras custaria em média 15 *livres* (um *livre* seria o equivalente a uma libra esterlina antes da reforma monetária realizada na metade do século XX), enquanto uma casa na vila giraria em torno de 100 *livres*. Uma Bíblia de grande formato custaria em torno de 20 *livres* e seria o correspondente à renda média anual de um senhorio médio ou a 12 dias de trabalho de um secretário da chancelaria real no século XV. Enquanto no XIV, o valor de um livro em papel era quatro vezes menor e no século seguinte chegava a custar 14 vezes menos do que o pergaminho. CASSAGNES-BROUQUET. *Op. Cit.* p. 25-27.

⁶⁵ Entre 1450 e 1520, as edições de livros impressos não passavam de 14% na França, 44% na Itália e 31% na Alemanha. A produção se ligava estreitamente à centros urbanos ricos com demanda e, no caso francês, Paris concentrava a grande produção (em torno de 2500 livros), enquanto outras cidades como Toulouse, que possuía escola e um corpo de juristas não contava com mais de 50 impressos. BOUDET, Jean-Patrice. Les débuts de l'imprimerie em France. In: SOT. *Op. Cit.* p. 394-397.

⁶⁶ Denominação dos livros impressos e editados até 31 de dezembro de 1500.

dentre outras práticas⁶⁷. O aumento da demanda permitiu também maior comercialização de livros e intercâmbio de conhecimento entre as cortes europeias.

Diante desse panorama, transformou-se em prática aristocrática recorrente a formação de bibliotecas particulares envolvendo a permutação de influências e a elaboração de aporte cultural específico. Acessível a todos, seria o formato do livro e não mais sua posse que distinguiria o status social do seu proprietário — grandes formatos de códices monumentais e iluminados executados para príncipes e personagens mais poderosos, formatos menores e menos luxuosos para os leitores de menor fortuna. Esse papel distintivo do códice manuscrito de luxo refletiria a educação e as preferências culturais de seus proprietários através das *librerie*. A *livraria*, ou biblioteca particular principesca, passava a incorporar outras temáticas além dos romances de cavalaria e os livros sagrados predominantes nos séculos precedentes. A aristocracia preteriu lentamente as obras em latim por uma literatura escrita em sua língua materna. Obras de cunho pragmático (trabalhos políticos e moralizantes) e assuntos técnicos (armoriais, heráldicas, manuais de caça ou criação de aves) passaram a ser valorizados. Simultaneamente, essa audiência tomava contato com os estudos humanísticos e buscava nos textos da Antiguidade outras fontes de erudição⁶⁸. Esse apreço pelo conhecimento, que incentivou a procura por livros antigos e a coleção de manuscritos pelo fim em si mesmo⁶⁹, relacionava-se diretamente à cultura de corte principesca.

⁶⁷ Para o panorama do período, ver BARBIER, Frédéric. *História do livro*. Trad. São Paulo: Paulistana, 2008. p. 81-151; CHARTIER, Roger. Os poderes da impressão. In: *Op. Cit.* p. 103-128.

⁶⁸ GENET. Humanisme et littératures. In: *Op. Cit.* Tome 2. p. 408-453.

⁶⁹ Para o colecionismo entre os laicos no baixo medievo, ver BUETTNER, Brigitte. Profane Illuminations, Secular Illusions: Manuscripts in Late Medieval Courtly Society. *Art Bulletin* 74, 1992. p. 75-90.

1.2 Cultura na corte principesca

A aristocracia dos séculos XIV e XV era uma formação completamente diferente dos séculos precedentes e restrita a um campo de atuação social distante da função primordial guerreira exercida anteriormente. Embora não totalmente subjugada pelo Estado centralizado, essa camada surgiu como resultado do processo de transformação lenta e gradual da elite militar nobiliárquica em uma camada aristocrática baseada no reconhecimento social de seus privilégios. Dentre os principais motivos estariam os avanços do poder monárquico e o seu crescente domínio sobre as guerras, os territórios e a fiscalização⁷⁰. Essas modificações sociais levariam à criação de novas formas de relação entre os membros dessa camada.

O período tardo-medieval possibilitou inovações influenciadas tanto pelas marcas feudais, quanto pelas particularidades dos novos tempos. Ao contrário da historiografia que aponta fatores de “decadência” e retorno constante ao passado em todos os aspectos sociais⁷¹, Bernard Guenee considera o contrário, alegando ser a Baixa Idade Média um período extremamente inventivo. No caso da aristocracia, ele afirma que essa ordem tornava-se cada vez mais privilegiada e, para consolidar esses privilégios, teria se apoiado em novas instituições baseadas na “hierarquia de serviços”: as ordens de cavalaria⁷². Essas ordens procuravam conquistar para seus príncipes fundadores uma clientela de senhores que não eram mais seus vassalos. Agregavam-se a elas elementos cavaleirescos, cortesões e literários e, simultaneamente, concedia-lhe importância militar e política por trás do aparato mundano. Essas instituições teriam contribuído com a elaboração de elementos culturais próprios das cortes desse período.

As cortes dos séculos XIV e XV não eram altamente concentradas na figura do governante como nos séculos anteriores, nem centralizadas como as instituições burocráticas do Antigo Regime. Norbert Elias aponta a *corte feudal* como a origem da estrutura palaciana do período moderno. Ele relaciona a formação dessa estrutura diretamente com o processo de *curialização*, isto é, a pacificação das condutas guerreiras e o autocontrole em direção à transformação na aristocracia cortesã domesticada⁷³. Malcolm Vale critica seu ponto de vista

⁷⁰ Para maiores detalhes sobre essas modificações, ver MORSEL, Joseph. *La aristocracia medieval: el dominio social en occidente*. Trad. Valencia: Universitat de València, 2008. p. 267-370.

⁷¹ Algumas obras recentes ainda trabalham sob essa perspectiva inaugurada com HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. Trad. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

⁷² GUENEE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os estados*. Trad. São Paulo: Piomeira, 1981. p. 193-198. Ver também KEEN, Maurice. The Secular Orders of Chivalry. In: *Chivalry*. Yale: University Press, 1984. p. 179-199.

⁷³ ELIAS. *Op. Cit.* p. 215-225.

ao afirmar que a corte medieval não era uma instituição formal no sentido burocrático. Vale ressaltar a existência da *household* ou do ambiente doméstico do governante, que incluía sua moradia, de sua família e demais membros de seu séquito. Na *household* o senhor feudal ou príncipe recebia hóspedes, súditos e vassalos, e junto com seus conselheiros tomava as decisões de governo (*held court*). Para o autor, é a partir dessa estrutura ainda itinerante, mas melhor organizada administrativamente, que as relações socioculturais tardo-medievais devem ser estudadas e compreendidas⁷⁴.

A ligação entre as cortes e a criação de elementos culturais novos também estariam diretamente relacionadas às modificações econômicas do período, as quais teriam afetado o modo de viver da aristocracia. A monetarização cada vez maior da economia e o aumento das transações bancárias, especialmente em localidades com grande desenvolvimento comercial, teriam influenciado de modo direto a vida aristocrática e a definição do tipo de *household* e corte (*held court*) de cada príncipe. Devido ao acesso às provisões financeiras, houve uma crescente demanda por bens de luxo e investimentos na produção artística. Não por menos, regiões como Flandres, sob o domínio do duque da Borgonha, foram grandes centros da *cultura de corte principesca*. Vale ainda ressaltar que a fragmentação política, descentralização administrativa e/ou turbulências sociais não eram obstáculos para o patrocínio artístico e literário, a produção de bens materiais ou a inovação e criatividade na concepção de práticas cavaleirescas, como os torneios⁷⁵.

A *cultura*⁷⁶ de corte *principesca* reunia elementos que transmitiam mensagens específicas acerca da natureza e da representação do poder do príncipe, do papel da devoção religiosa e das formas de comportamento apropriadas para os grupos sociais pertencentes a esse círculo. A arte, assim como a literatura, servia como *agente ativo* — produtora e criadora de mensagens através dos objetos resultantes de sua criação — e ao mesmo tempo *passivo* — influenciada pelas mudanças sociais, políticas, econômicas e/ou ideológicas ao seu redor⁷⁷. O

⁷⁴ VALE, Malcolm. Court and Household. In: *The Princely Court: Medieval Courts and Culture in North-West Europe 1270-1380*. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 15-18.

⁷⁵ VALE. *Op. Cit.* p. 08-11.

⁷⁶ De acordo com as concepções antropológicas evolucionistas de E. B. Tylor “cultura é um complexo conjunto de elementos que incluem conhecimentos, crenças, hábitos, linguagens, ritos, produção artística, leis e costumes, ou qualquer outra capacidade adquirida pelo ser humano”. TYLOR, E.B. *Primitive Culture*. London: John Murray, 1871. Vol. 1, p. 01. Contudo, nossa abordagem sobre cultura se aproxima dos estudos de Clifford Geertz, para quem *culturas* são sistemas simbólicos que conferem sentido às práticas e às instituições sociais criadas e inclui o comportamento humano como parte de uma teia de significados que as definem. Ver GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Trad. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

⁷⁷ VALE. Court Life and Court Culture. In: *Op. Cit.* p. 165. A premissa é a mesma adotada por nós a partir das teorias de Gabrielle Spiegel. Para referência ver nota 25.

aporte cultural aristocrático contava com amplo desenvolvimento da cultura material e das práticas caval(h)eirescas estilizadas, incorporadas nas novas formas de distinção social baseadas no amálgama ideológico estabelecido nos séculos precedentes.

A Baixa Idade Média correspondeu ao momento de reatualização pela aristocracia dos valores fundamentais retirados dos romances e das práticas da cavalaria, de forma a desenvolver seus próprios meios de representação. Jean-Patrice Boudet define os parâmetros do modelo *curial principesco* ao afirmar que o resgate dos valores fundamentais caval(h)eirescos a partir da literatura era uma resposta às mudanças estruturais do período mencionadas aqui anteriormente. O ideal do perfeito caval(h)eiro, que contasse com coragem, cortesia e largueza, foi atualizado a partir de novos mitos, como as *Neuf Preux* (1312), ao contar a história de nove heróis (três pagãos, três cristãos e três juízes bíblicos); com tratados acerca das práticas da cavalaria, como *Le Livre de Chevalerie* de Geoffroy de Charny (†1356) e o armorial da ordem de *Toison d'Or* (1436); ou obras de exaltação às damas, como *Le Champion des Dames* (1440-42) do poeta Martin le Franc⁷⁸. Essas e outras obras serviram de base para o comportamento e as práticas caval(h)eirescas tardo-medievais, que de forma alguma aparentam dar indícios de declínio. Malcolm Vale ressalta que não há evidências que corroborem a suposta decadência do período na expressão dessa ideologia na corte principesca⁷⁹.

As virtudes da *cortesia* e da *coragem*⁸⁰ agora seriam empregadas pela aristocracia, no interior da corte principesca e frente à sociedade, como quesitos distintivos. Com forte influência literária, a *cortesia* direcionaria os padrões de conduta e socialização entre os membros da aristocracia em relação às damas ou no interior das ordens de cavalaria⁸¹. Votos de obediência e fidelidade dos caval(h)eiros às damas eram comuns nesse período, pois seu comportamento era reconhecido socialmente como aceitável e sinal de cortesia⁸². A *coragem*,

⁷⁸ BOUDET, Jean-Patrice. Le modèle curial et princier. In: SOT. *Op. Cit.* p. 309-317.

⁷⁹ VALE. *Op. Cit.* p. 200.

⁸⁰ Abordaremos mais sobre essas as virtudes da *coragem* e *cortesia*, assim como outras desse campo temático, no Capítulo III ao lidar com as influências literárias na obra do duque de Anjou.

⁸¹ Geoffroy de Charny em seu tratado afirma que homens de alto e médio ranking devem ser capazes de falar sobre assunto honoráveis e honrar aqueles acima deles. Ele cita que seu comportamento é observado de perto ao falar sobre sua vida e assuntos quando em companhia de grandes senhores ou damas que os tem em alta consideração. KAEUPER, Richard W., KENNEDY, Elspeth. *The Book of Chivalry of Geoffroi de Charny: text, context, and translation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996. p. 109.

⁸² As damas da corte inglesa escolheram Lord Scales como seu campeão colocando em sua cintura uma corrente de ouro com a *fleur-de-souvenance* (não-me-esqueça) para que ficasse à vista de todos (e demonstrasse o tom erótico do objeto) e o enviaram às aventuras para que cumprisse seu juramento. BENTLEY, Samuel. *Excerpta Historica*. London: S. Bentley, 1831. p. 178-179. Para análise, ver KEEN. Pageantry, Tournies and Solemn Vows. In: *Op. Cit.* p. 212-216.

junto a outras virtudes militares (proeza, valor em combate, resistência física, habilidades com as armas), também seria enfocada pela camada aristocrática e incorporada nas atividades lúdicas, especialmente nos combates individuais (justas), como forma de adquirir respeito e ainda promover os serviços militares das ordens de cavalaria, que perdia lentamente a importância para as novas formas de guerra.

Virtude essencialmente aristocrática⁸³, a *largueza* (ou *generosidade*) encontrou seu meio de expressão fora do campo militar através da ostentação material. Associada nos primórdios da cavalaria ao comportamento frente aos prisioneiros capturados em batalha⁸⁴ e à distribuição de presentes entre os membros de seu grupo⁸⁵, no período tardo-medieval a *largueza* relacionava-se cada vez mais à aquisição e distribuição de bens de luxo, ao cerimonial e ritual envolvendo o culto à magnificência. Como a ostentação luxuosa demandava meios financeiros próprios, ela só foi possível graças às mudanças econômicas que permitiram que um pequeno grupo aristocrático promovesse atividades que envolvessem grande soma de dinheiro para serem realizadas, como caça, falcoaria e torneios. A hierarquia e a importância social relacionavam-se diretamente à capacidade do príncipe ou senhor em promover eventos festivos luxuosos como sinal de sua superioridade.

Um dos aspectos da *largueza* refletia-se na prática do mecenato de modo a assegurar a posição social distintiva da aristocracia. O mecenato principesco é um certificado de boa conduta dos chefes de Estados durante as guerras civis e estrangeiras dos séculos XIV e XV. Pressupõe-se ser o príncipe mecenas um nobre em posse de uma corte, nos moldes citados anteriormente, e patrono de artistas escolhidos para atender unicamente aos seus desejos. Nem todos poderiam ser considerados mecenas pelo fato de adquirirem obras de ateliês urbanos ou por não patrocinarem artistas exclusivos, situação não aplicável às camadas aristocráticas dos séculos precedentes. Dentre os objetos de luxo, que incluíam tapeçaria, broches e peças de

⁸³ Jean Flori aponta que a *largueza* é uma virtude da alta aristocracia, cujos beneficiários são os cavaleiros. Essa virtude, assim como a cortesia, passa a ser desejada e inserida no comportamento do cavaleiro a partir dos romances do século XIII. FLORI, Jean. La notion de Chevalerie dans les Chansons de Geste du XIIe siècle. Etude historique de vocabulaire. *Le Moyen Âge: bulletin mensuel d'histoire et de philologie*. Vol. 81 (1975). p. 426-427.

⁸⁴ Ver FLORI, Jean. Lois de la guerre et code chevaleresque. In: *Chevaliers et Chevalerie au Moyen Age: La vie quotidienne*. Paris: Fayard, 2013. p. 153-178.

⁸⁵ Em seu leito de morte o cavaleiro inglês William Marshal (†1219), já nobre intitulado Earl of Pembroke, procede como o costume de generosidade e pede que se distribua todos os seus adornos entre os cavaleiros de seu séquito e se não houvesse o suficiente que se mandasse comprar para que nenhum entre se queixasse de seu senhor. DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Trad. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 28-29.

xadrez, os manuscritos são os objetos materiais melhor preservados, o que indica significações além da função material⁸⁶.

Podemos indicar algumas razões para a preferência por livros manuscritos como parte integrante das novas significações dadas pela aristocracia tardo-medieval às práticas e à ideologia caval(h)eiresca. Primeiramente, o ato de se distinguir das demais camadas sociais ao manifestar a largueza na posse e na oferta de manuscritos luxuosos, ostentando toda sua superioridade econômica. A segunda motivação relacionava-se à indispensabilidade de erudição para a realização do bom governo propagada pela literatura política amplamente consultada no período⁸⁷. E, por último, a busca da unificação do ideal cortês e religioso que atendessem às motivações sociopolíticas dos príncipes. Com as mutações na devoção religiosa desde a reforma gregoriana, a concepção de proximidade do divino a partir do belo permitia o investimento em manuscritos ricamente iluminados, assegurando a glória do comitente na posteridade e igualmente auxiliando na construção da imagem do nobre erudito no interior da sociedade⁸⁸.

⁸⁶ ROBIN, Françoise. L'art d'être mécène: quelques réflexions. In: CONNOCHIE-BOURGNE, Chantal (dir.); GONTERO-LAUZE, Valérie (dir.). *Les arts et les lettres en Provence au temps du roi René*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 2013. p. 159-165.

⁸⁷ A citação nos tratados políticos sobre a necessidade de erudição é recorrente. Podemos citar alguns exemplos que eram lidos nos séculos XIV e XV: Gerardo de Cambrai (*Giraldi Cambrensis Opera viii*, 1861. p. 42-43) *De Principis Instructione* i, 11; Egídio Romano (*Aegidius Romanus - Li livres du gouvernement des rois*, 1898. p. 315) *De Regimine Principum* iii, 2, 8; João de Salisbury (*John of Salisbury - Policraticus*, 1990, p. 44-46) *Policraticus* iv, 6.

⁸⁸ Ver HAMEL, Christopher de. *History of Illuminated Manuscripts*. London: Phaidon Press, 1995. p. 168-199; 232-257.

1.3 A corte do duque René d'Anjou – multiculturalismo e manuscritos

Para exemplificar o funcionamento da relação entre as práticas da corte principesca e a cultura manuscrita dentro dos parâmetros apresentados acima, escolhemos uma figura singular que ilustra todas as particularidades apontadas acima: o duque René d'Anjou. Como todo membro da aristocracia tardo-medieval, René d'Anjou (1409-1480) recebeu educação à altura de sua posição social. Foi, no entanto, o intercâmbio cultural que influenciou diretamente sua corte principesca. Com vasta titulação aristocrática herdada da dinastia angevina, viabilidade econômica e as conexões com as penínsulas Ibérica e Italiana, além dos principados germânicos, foi possível ao duque patrocinar as artes em geral e elaborar um aporte principesco multicultural, diferenciando-o dos demais príncipes do período⁸⁹. Cultivaria até o final de sua vida as práticas caval(h)eirescas, continuaria cercado de artistas patrocinados por ele, praticaria o colecionismo livresco e elaboraria suas próprias obras escritas.

Não bastassem os títulos nobiliárquicos associados ao ducado de Anjou, seu avô, Louis I (†1384), era herdeiro do reino da Sicília e de Nápoles⁹⁰, os quais exerceriam importante influência na vida de René d'Anjou. A casa principesca de Anjou associava-se à monarquia real desde o século XIV e sua política de mecenato, de incentivo às letras e de aproximação com o humanismo italiano, foi desenvolvida durante o reinado de Charles V (†1380). A partir dos interesses da corte real francesa na península italiana, dos direitos sobre os reinos italianos ao sul e das ligações entre o papado de Avignon e de Roma, houve a formação de uma cultura cosmopolita no interior dos domínios franceses através do intercâmbio de funcionários, que possibilitou o estabelecimento da *livrarie* multicultural angevina herdada por René d'Anjou, além do contato com artistas e escritores humanistas.

O estreitamento das relações com a monarquia francesa e a garantia da posse do ducado de Anjou foram possíveis graças o casamento da irmã do futuro duque com o proclamado rei francês, Charles VII (†1461). O objetivo do matrimônio, assim como qualquer

⁸⁹ BIANCIOTTO, Gabriel. *Passion du livre et des lettres à la cour du Roi René*. In: GAUTIER, Marc-Édouard (dir.). *Splendeur de l'enluminure. Le roi René et ses livres*. Angers et Paris: Actes Sud, 2010, p. 85.

⁹⁰ O reino da Sicília, ao qual se somava à região da Calábria e as cidades de Nápoles e Campana, foi fundado no século XI pelos normandos. A coroa siciliana, e posteriormente o do reino de Jerusalém, passou às mãos do imperador germânico mediante a política de casamentos. Na disputa política entre a supremacia do imperador e do papado, esse fez sobressair seu poder e declarou vaga a coroa dos dois reinos. Charles I de Anjou (†1285) seria escolhido pelo Papa para ser o novo rei da Sicília e seu vassalo retomando para casa de Anjou a coroa de Jerusalém. Contudo, após o Islã tomar Jerusalém e a ilha da Sicília se declarar um reino independente governado pela coroa de Aragão, restou a Charles II de Anjou (†1309) e seus herdeiros o reino de Nápoles no continente e a titulação simbólica de monarca de Jerusalém. Essas possessões italianas seriam alvo de disputa entre aragoneses, angevinos, os monarcas da casa de Valois e os dois papados durante os séculos XIV e XV.

outro no interior da camada aristocrática, era garantir os territórios para o duque e oferecer ao monarca aliados contra o domínio inglês nos territórios franceses durante a guerra entre os dois reinos⁹¹. Antes de herdar o patrimônio angevino, após a morte do irmão mais velho, René d'Anjou ainda se tornaria sucessor de seu tio-avô materno e duque de Bar. Sua mãe e seu tio procuraram assegurar-lhe outros territórios ao leste do reino francês através de seu casamento com a filha do duque da Lorena, Isabelle (†1453). Desse modo, a corte do duque de Anjou abrangeria vastos e diferentes domínios.

Afastado dos conflitos da guerra franco-inglesa logo após seu casamento, Anjou permaneceu em Lorena e aprimorou sua educação caval(h)eiresca e principesca. Durante sua estadia nas possessões da esposa, o futuro duque de Anjou tomou contato com as artes flamengas e germânicas, com o estudo de línguas antigas, da legislação e dos costumes feudais, assim como das artes militares, de forma a completar a educação para ser príncipe e caval(h)eiro — educação à altura de sua posição social e em conformidade com as exigências do período⁹².

⁹¹ Para um panorama geral do período ver CONTAMINE, Philippe. *Au temps de la guerre de Cent Ans: France et Anglaterre*. Paris: Hachette, 1994; ALLMAND, Christopher (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume VII c.1415 - c.1500*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

⁹² QUATREBARBES, M. Le Comte T. de, et. Al. *Oeuvres complètes du roi René*. Angers: Cosnier et Lachèse, 1843. Tome 1. p. XIV; FAVIER, Jean. *Le roi René*. Paris: Fayard, 2008. p. 29-41.

Imagem 1: Tábua genealógica da casa de Anjou [GAUTIER, Marc-Édouard (dir.). *Splendeur de l'enluminure. Le roi René et ses livres*. Angers et Paris: Actes Sud, 2010, p. 397]

Logo após seu regresso para a corte francesa, René d'Anjou envolveu-se na luta pela posse de seus territórios e, ao ser derrotado, tornou-se prisioneiro do duque da Borgonha. Seus ducados próximos aos reinos germânicos estavam sendo disputados por um pretendente apoiado pelos borguinhões e, na batalha de Bulgnéville (1431), Anjou foi capturado pelo duque Philippe III da Borgonha (†1467). Ele passaria seus próximos seis anos na Borgonha formulando alianças à espera do pagamento do resgate, de modo a resolver a disputa sobre o território de Lorena e quaisquer compensações financeiras exigidas pelos seus rivais captores⁹³. Nesse ínterim, exercitou suas habilidades artísticas e literárias⁹⁴, bem como teve a oportunidade de tomar contato com a vasta coleção de manuscritos composta de quase 900 volumes do duque da Borgonha.

Menciona-se um *tour de la librairie* do duque da Borgonha, o que permitiu possivelmente o contato de René d'Anjou, mesmo confinado a Dijon, com a maioria dos livros borguinhões⁹⁵. Embora parte da biblioteca se encontrasse no castelo de Dijon, onde Anjou permaneceu cativo durante esses anos, a coleção completa era distribuída entre as outras residências do duque. A partir dos inventários deixados pelos bibliotecários empregados pelos duques da Borgonha, há informações sobre o *tour* percorrido pelos manuscritos que permitiria o contato de René d'Anjou — todo aristocrata e nobre cativo era tratado com cortesia conforme os códigos caval(h)eirescos — com os diversos títulos da *librairie*. Outro indício de que as cortes do período não eram fixas, como afirma Norbert Elias.

Diversas obras presentes na biblioteca do duque da Borgonha, relacionadas à temática cortesã e cavaleiresca, iriam influenciar René d'Anjou em seus escritos, livros que não constam nos inventários remanescentes da *librairie* do rei de Nápoles. Dentre os romances, encontramos aqueles pertinentes à temática arturiana, como *Le St. Graal et Tristan de Léonois*, *Roman du Petit Artur de Bretagne*, *Lancelot*, *Merlin — Ses prophéties*, *Le roman de Perceforest*, *Histoire de Merlin*. Outros romances também foram catalogados, inclusive aqueles escritos no período tardo-medieval: *Le roman de la Rose*, *Roman de Gillon de Traignes*, *Histoire de Guiron le courtois*, *Le roman du renard*, *Le chevalier errant*. Outro gênero constantemente presente nas bibliotecas principescas eram as crônicas como *Chronique universelle*, *Li génération et li ligniée des contes de Flandres*, *Chroniques de Froissart*.

⁹³ FAVIER. *Op. Cit.* p. 41-67.

⁹⁴ QUATREBARBES. *Op. Cit.* p. XXXI, XXXVII.

⁹⁵ DRINKWATER, Geneva. French Libraries in the Fourteenth and Fifteenth Centuries. In: THOMPSON. *Op. Cit.* p. 429-430.

Os livros sobre cavalaria eram os mais presentes na *librarie* dos duques, com diversas obras repetidas: *Da Cavalaria* (Vegetius), *Livro de Charny* (Geoffroy de Charny), *Livre de l'ordre de Toison d'Or*, *Le livre de chevalerie*, *Establissement de chevalerie*, *Ung livre parlant du jeu d'eschets, de la foundation de tournoy*, *Le chevalier César*. Para um bom governante seria necessário a erudição dos Espelhos de Príncipes e tratados políticos sobre virtudes: *Le miroir des Roys*, *De informatione principum*, *Giles de Rome* — *Le livre du gouvernement des Rois*, *Christine de Pisan* — *Othea déesse de prudence* e *Le livre de trois vertus*, *Le livre des VII Sages de Rome*. Não menos importante, há ainda menções de livros sobre e para as damas da corte: *Le champion des dames*, *Le miroir des dames*, *La cité de dames*⁹⁶.

⁹⁶ MARCHAL, François J. F. (ed.). *Catalogue des manuscrits de la Bibliothèque Royale des ducs de Bourgogne*. C. Murquardt: Bruxelles et Leipzig, 1842. Tomo I. p. 249-270.

Imagem 2: Divisão das casas nobiliárquicas francesas e dos territórios vizinhos [Adaptação do mapa “France in the late 15th century”. In: *Muir's Historical Atlas: Medieval and Modern*. London: 1911]

Depois de ser libertado, assegurar a organização e estabilidade política em seus territórios, o novo conde da Provença viria novamente servir ao monarca francês, quando esse permaneceu na região de Anjou para as últimas batalhas contra os ingleses. A participação de René d'Anjou seria no campo da diplomacia, contribuindo nas negociações de paz com os ingleses e seus aliados borguinhões. Costume típico das casas aristocráticas, a paz seria selada com uma aliança mediante o casamento da filha do conde da Provença com o monarca inglês, Henry VI (†1471)⁹⁷. Para celebrar o evento foram organizadas festividades caval(h)eirescas que incluíam justas⁹⁸ com duração de oito dias em Nancy (1445), território pertencente ao duque de Anjou, e contariam com a participação de cavaleiros e senhores de diversas regiões⁹⁹.

Tanto para René d'Anjou, quanto para o rei Charles VII, essa iniciativa não era fortuita. O intuito era retirar das mãos do grande opositor ao trono francês o monopólio sobre as festas caval(h)eirescas. Elas eram praticadas frequentemente nos domínios pertencentes ao duque da Borgonha, incluindo a região de Flandres, e contavam com a participação dos membros da ordem de cavalaria de Toison d'Or e diversos convidados de outras regiões. O evento organizado em Nancy possuía forte conotação política para aproximar os nobres de seu soberano francês, tanto que as festividades foram registradas por cronistas como Olivier de la Marche e Gaston de Foix, ambos entusiastas das práticas cavaleirescas que deixaram escritos importantes sobre o assunto. A partir desse evento, outras festividades foram organizadas pelo duque de Anjou¹⁰⁰.

O conde de Provença realizou fora do principado da Borgonha os jogos mais célebres de sua época. Conhecidos por *pas d'armes*¹⁰¹, essas práticas seriam realizadas em diferentes localidades pertencentes ao principado de René d'Anjou nos anos seguintes à festa de Nancy: *Emprise de la Gueule du Dragon* (Sazilly-1446), *Pas du Perron* (Launay-1447), *Pas de la Joyeuse Garde* (Saumur-1447) e o último evento denominado *Pas d'armes de la Bergere de*

⁹⁷ FAVIER. *Op. Cit.* p. 107-133.

⁹⁸ A justa (*joute*) pode ser definida como um combate individual a cavalo entre dois adversários alinhados em duas filas opostas e munidos de lança, cujo objetivo era derrubar o adversário da montaria ou quebrar a lança quando em contato com o oponente. VAN DEN NESTE, Évelyne. *Tournois, joutes, pas d'armes dans les villes de Flandres a la fin du Moyen Age (1300-1486)*. Paris: École des Chartes, 1996. p. 52. Para maiores detalhes ver Capítulo 3.

⁹⁹ QUATREBARBES. *Op. Cit.* p. LXX-LXXI.

¹⁰⁰ FAVIER. *Op. Cit.* p. 135-148.

¹⁰¹ O *pas d'armes* ou *emprise* seria uma disputa com amplos empréstimos da literatura cortesã. Trata-se da conquista de um ideal simbolizado por uma dama, um castelo ou fonte, após ultrapassar uma via cheia de obstáculos. No *pas d'armes* essa via é simbolizada por uma passagem demarcada e defendida por um cavaleiro, o guardião da passagem. A luta pode ser realizada individualmente ou em grupo, a pé ou a cavalo, ou também em forma de justa (*pas de joutes*). VAN DEN NESTE. *Op. Cit.* p. 53-54.

Tarascon (Tarascon-1449). Essas atividades também foram registradas em crônicas preservadas em poucas cópias manuscritas¹⁰², o que confirma o conhecimento prévio do duque na realização dos embates caval(h)eirescos e sua preocupação em registrar os jogos. Na mesma década, Anjou fundou a Ordem de Croissant (1448), cuja função era reforçar os laços de união entre os nobres de seus domínios e aliados políticos italianos, interligando cultura e política¹⁰³.

Após a segunda tentativa fracassada de estabelecer seus direitos sobre Nápoles e afastar-se das intrigas políticas da corte, o duque de Anjou fez da Provença sua residência frequente e passou a se dedicar às artes e às letras. Com as crescentes desavenças entre René d'Anjou e o novo monarca francês, Louis XI (†1483), seus últimos anos de vida seriam marcados por infelicidades. Com a morte de seus herdeiros diretos — seu filho Jean II (†1470) e seu neto Nicolas (†1473) — a linhagem masculina que garantiria os direitos sobre os territórios de Anjou seria interrompida e esses retornariam à coroa francesa. Esse acontecimento serviria bem aos propósitos de Louis XI, que governava em direção à centralização e seria guiado por novas concepções políticas, nas quais as casas principescas eram vistas como rivais do Estado monárquico. Assim sendo, o conde romperia definitivamente suas ligações com a monarquia francesa após a perda progressiva de seus domínios e passaria seus últimos anos de vida no condado da Provença¹⁰⁴.

Seria a região provençal o palco central de boa parte de sua relação com a arte e os manuscritos, influenciando as imagens criadas pelos artistas patrocinados pelo conde, bem como o local de composição de seus escritos e encenação de inúmeras peças teatrais. René d'Anjou transformaria a Provença, região soberana em relação ao reino francês, no perfeito Estado angevino moderno, com o controle da fiscalização e do judiciário, aliado à cultura e à política humanista das cidades italianas. Como amante das práticas caval(h)eirescas, as quais continuou cultivando em exercícios como a caça, e das artes em geral, Anjou dedicou-se ao patrocínio artístico, cercado-se de artistas diversos e colecionando livros luxuosos e objetos exóticos¹⁰⁵. O conde da Provença morreu em idade avançada para os padrões da época, no ano

¹⁰² O manuscrito sobre o *Pas de la Bergere* se encontra na Bibliothèque nationale (Paris) *ms. fr. 1974*, enquanto que o *de la Gueule du Dragon* e *de la Joyeuse Garde* localizam-se em São Petesburgo (Rússia), *Saltykov-Chchedrine, ms. fr. F*. Para uma introdução acerca desse assunto, ver GAUTIER. *Op. Cit.* p. 88-91; 244-247; TAYLOR, Jane H. M. La fête comme performance, le livre comme document: le Pas de Saumur. In: CONNOCHIE-BOURGNE; GONTERO-LAUZE. *Op. Cit.* p. 233-242; HUE, Denis. La Bergère et le tournoyeur, coutumes et costumes des parades amoureuses à la cour d'Anjou-Provence. In: IDEM. p. 243-260.

¹⁰³ QUATREBARBES. *Op. Cit.* p. LXXXIII-LXXXIV.

¹⁰⁴ FAVIER. *Op. Cit.* p. 417-437; 609-633; 643-650.

¹⁰⁵ QUATREBARBES. *Op. Cit.* p. CVIII-CIX.

de 1480, e seu cortejo funerário foi acompanhado pelos membros restantes da Ordem de Croissant, dissipada após sua morte.

A biblioteca do duque de Anjou mostra-se de difícil reconstituição devido à falta de inventários e à dispersão das obras após seu falecimento, mas ainda assim é possível distinguir a diversificação dos seus interesses nos mais de 50 livros reconhecidos como pertencentes a ele¹⁰⁶. Sua *librarie* contava com diferentes gêneros literários que variavam entre a temática religiosa e secular. Ao mesmo tempo, sua coleção foi fortemente influenciada pelo humanismo italiano e o apreço pelas inovações do período, perceptíveis na intercalação de livros manuscritos e impressos, de suportes de pergaminho ou papel, escritos em diferentes línguas incluindo antigas e orientais¹⁰⁷. Embora tenha apreciado os valores caval(h)eirescos, a ausência de obras com temática cortesã é notável. Contudo, a inexistência desses livros não pode ser considerada um empecilho à sua formação cultural, visto seu contato com a biblioteca do duque da Borgonha, conforme citado anteriormente. O intercâmbio cultural extrapola as fontes materiais e físicas validando quaisquer contatos com as fontes de inspiração para seus escritos¹⁰⁸.

Assim como outros nobres de sua época, o conde da Provença dedicou-se à produção escrita criando algumas das mais importantes obras de temática caval(h)eiresca do período tardo-medieval. Durante sua estadia no condado provençal, René d'Anjou compôs os poemas *Regnault et Jeanneton* e *Berger et la de Bergeronne*, com temática bucólica e campestre e dedicados à sua segunda esposa, Jeanne de Laval (†1493). A obra *Le Mortifiement de vaine plaisance* (1455), dedicada ao seu confessor, o arcebispo de Tours, foi o primeiro escrito mais elaborado do duque. O tratado alegórico de moralização religiosa estabelece um diálogo entre as personagens, aos moldes do *Roman de La Rose*, a respeito das tentações do mundo que recaem sobre o Coração. Mesmo companheiro da Alma Devota, ele é considerado pai de todos os vícios e deve se submeter à verdadeira purificação, semelhante à Paixão de Cristo, para conviver harmoniosamente com a Alma¹⁰⁹. Nessa obra podemos encontrar referências

¹⁰⁶ AVRIL, François. Quelques observations sur le destin des livres e de la “bibliothèque” du roi René. In: GAUTIER. *Op. Cit.* p. 73-84. A própria edição organizada por Gautier procurar estabelecer os manuscritos que pertenceram ao duque, a sua família e filhos, que possam ser legitimamente considerados parte de sua *librarie*.

¹⁰⁷ Para um panorama do conteúdo das bibliotecas principescas, ver KIBRE, Pearl. Intellectual Interests Reflected in Libraries of the Fourteenth and Fifteenth Centuries. *Journal of the History of Ideas*. Vol. 7, No. 3 (Jun., 1946). p. 257-297.

¹⁰⁸ BOUCHET, Florence. La bibliothèque mentale de René d'Anjou d'après ses écrits allégoriques. In: GAUTIER. *Op. Cit.* p. 105-113.

¹⁰⁹ Sobre o escrito, ver FABRE, Isabelle. L'écriture de la méditation dans le *Le Mortifiement de Vaine Plaisance* de René d'Anjou. In: CONNOCHIE-BOURGNE; GONTERO-LAUZE. *Op. Cit.* p. 51-62.

diretas e indiretas a composições anteriores de temática cortesã, como *Lancelot*, o *Roman de la Rose* e *L'hôpital d'Amour*.

As questões mais caval(h)eirescas seriam retomadas no *Le Livre du Coeur d'amour épris* (1457) com destaque para o poema *la Conquête de douce Mercy*. Trata-se de uma epopeia romanesca nos moldes da *La quête du Saint-Graal*, dedicada a um dos filhos de sua irmã, Marie d'Anjou. O livro narra os desejos e aventuras do Coração, que parte na busca (*quête*) e resgate da Doce Misericórdia (*Mercy*) aprisionada pelo Perigo. A obra, também elaborada em forma de alegoria, relata a demanda iniciática do cavaleiro atormentado pelo desejo e pelas tribulações do percurso¹¹⁰. Armas, piedade e amor compõem a trindade essencial dentro da construção literária acerca de uma aristocracia sublime idealizada por ele. Os textos manuscritos veiculados encontram-se incorporados às imagens compostas pelos mestres da pintura que o conde da Provença reuniu em torno de si¹¹¹. Sua terceira obra é aquela que nos interessa nesse trabalho — o *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois* dedicado ao seu jovem irmão, Charles, conde do Maine (†1473). A obra, que analisaremos nos próximos capítulos, traz as características fundamentais do senso hierárquico das ordens da cavalaria, das festividades e conduta caval(h)eiresca apreciadas pelo duque de Anjou

¹¹⁰ Sobre a obra, ver GAUTIER, Marc-Édouard. René d'Anjou, *Le Livre du Coeur d'amour épris*. In: GAUTIER. *Op. Cit.* p. 300-309; FAVIER. *Op. Cit.* p. 344-368.

¹¹¹ Podemos citar três mestres de maior envolvimento com o conde da Provença: Boccace de Genève, Georges Trubert e Barthélemy d'Eyck, sendo este último o responsável por diversas iluminuras presente em seus livros, incluindo o respectivo manuscrito abordado nesse trabalho. GAUTIER. *Op. Cit.* p. 123-149. Para um panorama inicial sobre a arte do período e o envolvimento do duque de Anjou, ver ELSIG, Frédéric. The diffusion of the Ars Nova (1435-1483) in: *Painting in France in the 15th century*. Milan: 5 Continents, 2004. p. 24-44.

CAPÍTULO II – Considerações acerca do manuscrito Ms. Fr. 2695

II.1 As edições do Tratado

Ao escrever o *Traicitié*, presenteado ao seu jovem irmão Charles, conde do Maine (†1473), o duque René d'Anjou buscou ressaltar a importância do torneio (*tournoy*) como evento, ao descrever como seriam os procedimentos corretos para organizar as festividades. No início do tratado, o duque aponta ter se inspirado em três diferentes costumes para criar uma quarta e nova maneira de conduzir um torneio, definido implicitamente como o combate caval(h)eiresco em grupo dentro de um espaço delimitado. O primeiro aspecto relevante do tratado refere-se à preocupação em registrar a organização do evento e do cerimonial envolvido. Isso nos leva a concluir que se o autor julgava necessário definir e ordenar os costumes para “*por bem e honradamente ser [o torneio] realizado*”¹¹², logo não haveria uniformidade na condução dessa prática, que aparentava ser socialmente importante para a audiência da obra a ponto de ser fixada por escrito.

De acordo com o tratado, os procedimentos iniciais para o combate deveriam ser realizados após o convite feito pelo senhor desafiante a outro nobre de alta estirpe. No combate fictício escrito pelo conde da Provença, o senhor desafiante (*appellant*) é representado pelo duque da Bretanha, enquanto o nobre convidado para defender o território (*defendant*) contra o invasor é representado pelo duque de Bourbon. Aceito oficialmente o desafio, o rei de armas (*roy d'armes*), responsável pela organização geral do evento em nome do duque da Bretanha, parte para a escolha dos juízes, que serviriam de árbitros, e para a divulgação do torneio no interior dos ducados e da corte real. Embora alegue que a heráldica e as casas principescas foram escolhidas por ele, nota-se que esses seriam dois ducados que se mantiveram fiéis ao monarca francês durante a guerra franco-inglesa e contrários ao poder do duque da Borgonha.

Após breve e suficiente descrição técnica sobre o armamento a ser utilizado e como deveria ser o campo de combate, o autor retorna à explicação de como deve ser o cerimonial nos dias antecedentes ao torneio, o que lhe aparenta ser mais importante¹¹³. Três dias seriam reservados à preparação do evento, a começar pela quinta-feira. Nesse dia, os dois senhores

¹¹² [f. NP1] [...] Et/ pour bien | et honnorablement/ et a son droit doib estre fait |

¹¹³ [f. 49v] ET pource/ quil me semble que desormáiz les har |- noys et/ les habillemens pour tournoyer sont/. | assez souffisamment declairez par Raison/ je Reto(ur)ne | adívíser/ et declairer les façons statuz et sérímoníes | quil appartient agarder pour bien (et) honnorablem(ent) | faire et acomplir led(it) tournoy |

entrariam em cortejo na vila, onde ocorrerá a disputa, para se instalarem e disporem seus brasões pela cidade. A entrada de cada senhor seria seguida pelo seu time de cavaleiros (*chevaliers*), escudeiros (*escuiers*) e arautos (*heraulx*), os quais estariam livres para escolher um lado, desde que não estivessem ligados por juramento de aliança a nenhum dos nobres envolvidos. No dia seguinte, após o pernoite em local sagrado (preferencialmente um monastério), as damas e os juízes examinariam os elmos dos participantes. No sábado, todos se reuniram no campo da disputa para prestar o juramento de fidelidade às regras. Sempre após as atividades, o dia se encerraria com banquete e danças para as damas e os participantes.

Nota-se a ausência de detalhes sobre o combate em si. O torneio seria realizado no domingo, após o meio-dia, até ser encerrado pelos juízes conforme sua satisfação. Não há descrição da batalha em si ou definição dos critérios para a escolha do vencedor, o que pressupõe ser a obra direcionada a uma audiência aristocrática familiarizada com as práticas da cavalaria, tornando-se desnecessárias essas informações. Após seguirem os costumes nos dias precedentes e realizarem o banquete, os prêmios seriam entregues pelas damas e juízes aos vencedores. Na segunda-feira, os combates de lanças a cavalo, denominados “justas” (*joustes*), e os embates corporais (*bouhort*) ocorreriam com premiação concedida de modo ligeiramente diferente. Os últimos fólios preocupam-se com detalhes técnicos a respeito de pagamentos e procedimentos a serem seguidos pelos arautos.

As opiniões dos estudiosos sobre as características do tratado são diversificadas, o que dificulta a conclusão acerca da finalidade da obra. François Avril, um dos primeiros a trabalhar a codicologia e a genealogia dos manuscritos, ressalta que a obra não é um texto ficcional, nem alegórico ou poético. Trata-se de um tratado técnico e documental que melhor ilustra a ciência heráldica e a organização do torneio, embora não se tratasse de um cerimonial ou regras realmente utilizadas. O autor ainda afirma que a análise das fontes utilizadas pelo duque é um trabalho a se fazer¹¹⁴. Jean Favier, que produziu a mais recente biografia sobre René d’Anjou, alega que o tratado é uma descrição das práticas reconhecidas e aplicadas nos jogos cavaleirescos da época, que retiravam sua legitimidade do consenso da sociedade aristocrática. Aliada à sua experiência com a organização de torneios, o texto seria uma compilação dos usos e costumes judiciais em seus domínios, contrariando a hipótese de

¹¹⁴ AVRIL, François. *Le Livre des Tournois du Roi René de la Bibliothèque nationale (ms. Français 2695)*. Paris: Éditions Herscher, 1986. p. 08-09

Avril de que se trataria de um cerimonial inventado¹¹⁵. Évelyne Van Den Neste, que realizou um extenso trabalho sobre os combates cavaleirescos nas vilas da região de Flandres entre os anos 1300 e 1486, sustenta a teoria de que tratados desse tipo fossem utilizados para apreciação aristocrática, em uma época na qual os torneios haviam-se tornado mais raros e a burguesia havia dominado as justas nobiliárquicas¹¹⁶. Trabalhos recentes enfocam mais a questão ideológica presente no tratado e menos a prática cavaleiresca¹¹⁷.

Após sua elaboração, o *Traicitié* alcançou considerável popularidade no meio aristocrático, resultando na criação de dez “cópias” derivadas do original. Seis códices manuscritos foram encomendados, ao final do século XV e início do XVI, além de mais quatro reproduções modernas nos séculos posteriores. Apresentaremos, em seguida, a genealogia dos manuscritos (*stemma codicum*) realizada a partir da bibliografia secundária. Ressaltamos que nosso estema pode levar, eventualmente, a inconsistências devido à falta de comparação física dos códices, trabalho acadêmico ainda a ser realizado. Apesar de haver discrepâncias em relação ao original, todos os dez manuscritos procuraram manter as principais características do *ms.* 2695. Contudo, tentaremos apresentar as variações sofridas pelos manuscritos posteriores, de modo a demonstrar como as traduções modernas se diferenciam do original.

O critério para o estema dos códices do *Traicitié* baseia-se nas definições apresentadas por Bruno Basseto¹¹⁸, adaptadas às informações que disponibilizamos. Basseto apresenta o modo de transmissão genealógica da seguinte forma:

¹¹⁵ FAVIER, Jean. *Le roi René*. Paris: Fayard, 2008. p. 149-151.

¹¹⁶ NESTE, Évelyne Van Den. *Tournois, joutes, pas d'armes dans les villes de Flandres à la fin de Moyen Âge (1300-1486)*. Paris: École des chartes, 1996. p. 40-41.

¹¹⁷ Ver FREIGANG, Christian. Le tournoi idéal: la création du bon chevalier et la politique courtoise de René d'Anjou. In: BOUCHET, Florence (dir.). *René d'Anjou, écrivain et mécène (1409-1480)*. Turnhout: Brepols, 2011. p. 179-198; NIEVERGELT, Marco. The Quest for Chivalry in the Waning Middle Ages: The Wanderings of René d'Anjou and Olivier de la Marche. In: DUBRUCK, Edelgard E. et al. *Fifteenth-Century Studies* 36. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2011. p. 137-168.

¹¹⁸ BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas, v. 1*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 46-48.

- a. *Vertical* – quando a derivação é direta do original;
 - b. *Transversal* – quando a derivação é por comparação de textos de épocas, lugares e valores diferentes;
 - c. *Horizontal* – se for por colação de textos da mesma época e lugar;
 - d. *Por contaminação* – nos casos em que o copista inseriu as anotações marginais ou interlineares, suprimindo com isso os correspondentes tópicos originais.
- Ao contrário da linha regular (____), que apresenta a tentativa de reprodução fiel, a linha pontilhada (-----) indica esse modo de transmissão.

Além dos parâmetros acima, nosso estema apresenta ainda as seguintes informações:

- a. *Denominação do manuscrito* – em vez de fornecer letras do alfabeto grego como indicação, preferimos utilizar a nomenclatura/numeração do códice em conformidade com aquela fornecida pela sua instituição detentora;
- b. *Localização* – optamos por fornecer a localização atual da instituição à qual o códice pertence, em vez de apontar a região onde foi produzido ou encontrado. Indicaremos as localidades específicas de produção ao detalhar cada códice;
- c. *Datação* – as datas correspondem às aquelas fornecidas por François Avril, a partir dos seus estudos sobre as filigranas. Quando houver marcas de interrogação não há consenso sobre as datas, as quais variam de acordo com os autores.

STEMMA CODICUM

Enquanto esteve momentaneamente em posse de Jacques d'Armagnac (†1477), genro de Charles do Maine, a primeira cópia do *ms. 2695* foi realizada a seu pedido em ateliês franceses. O *Ms. Czart. 3090 IV* (Musée Czartoryski, Cracóvia, Polônia), escrito em letra *bâtarde* francesa em pergaminho, foi uma das primeiras cópias do *ms. Fr. 2695*, pois conta tanto com o texto quanto com as imagens em aquarela do original, embora apresente ligeiras modificações no ciclo iconográfico. Devido à fidelidade, alguns autores creditam a produção a um discípulo de Barthélemy d'Eyck, iluminador de vários livros do duque de Anjou. O manuscrito chegou a pertencer ao duque de Bourbon na virada do século XVI, fato atestado pela heráldica da casa principesca francesa no fólio 1, até ser presenteado à realeza polonesa no século XIX¹¹⁹.

O *Traicitié* também serviu de inspiração para que Armagnac elaborasse um tratado de mesma temática. A obra, intitulada *La Forme des tournois au temps du Roy Uterpendragon et du noble Roy Arthus*, foi realizada possivelmente para ser dedicada e oferecida a Gaston de Foix, príncipe de Viena (†1470). Dentre os diversos manuscritos remanescentes de seu texto¹²⁰, o *Ms. Typ. 131* (Harvard University, Cambridge [Mass.], Houghton Library) inclui uma cópia parcial do *ms. Fr. 2695*, também produzida em uma região francesa. Foram incluídas somente parte das imagens do ciclo iconográfico do livro do duque de Anjou, enquanto alguns trechos do conteúdo foram omitidos. Provavelmente, a ideia de Armagnac era fornecer outra base comparativa reconhecidamente importante para a validação de seu texto¹²¹.

O *ms. Fr. 2696* foi produzido na década de 1480, mas sua proveniência é alvo de debate entre os acadêmicos. Por volta de 1483, o atual BnF, *ms. Fr. 2696* foi realizado em um ateliê flamengo, o que pode ser atestado pela escritura em *bâtarde* da Borgonha. O objetivo era reproduzir fielmente o original do conde da Provença, com o suporte de papel e a imitação do ciclo imagético, embora as imagens apresentem leves modificações em relação ao documento precedente. De acordo com Avril, esse manuscrito seria a obra mais fiel ao *ms. 2695* por ter sido realizado, possivelmente, a partir do original. Ele ainda afirma que o *ms. Fr.*

¹¹⁹ PLONKA-BALUS, Katarzyna. The *Traité de la forme et devis d'un tournoi* of King René d'Anjou from the Czartorysky Library in Cracow. In: PASZTALENIÉC-JARZYŃSKA, Joanna (ed.). *Polish Libraries Today Vol. 6*. Trad. Warsaw: National Library, 2005. p. 11-18.

¹²⁰ Temos conhecimento de 20 manuscritos, cuja boa parte encontra-se em posse da Bibliothèque nationale. Para uma lista não exaustiva, ver JEFFERSON, Lisa. Tournaments, heraldry, knights of the Round Table. In: CARLEY, James P. (ed.), RIDDY, Felicity (ed.). *Arthurian Literature XIV*. Cambridge: D.S. Brewer, 1996. p. 83. [cit. n. 44-45].

¹²¹ SANDOZ, Edouard. Tourneys in the Arthurian Tradition. *Speculum*, Vol. 19, N° 4 (Oct.), 1944. p. 389-390.

2696 pertenceu à família Sallenove e chegou à biblioteca real francesa no século XVII. Outros autores apontam como comitente Louis de la Gruthuyse (†1492), senhor de Bruges¹²².

Na década de 1480, o original chegou às mãos de Louis de la Gruthuyse, que encomendou cópias contendo algumas mudanças em relação ao livro de Anjou. O senhor de Bruges mandou encomendar dois manuscritos entre os anos de 1480 e 1489, atualmente em posse da Bibliothèque nationale de France (Paris, BnF). O primeiro deles, o *ms. Fr. 2693*, pode ser considerado um códice bem elaborado esteticamente para fazer parte de sua coleção particular. Dentre as suas modificações encontram-se a heráldica do senhor de Bruges e a menção ao torneio de 1392, realizado em seus domínios, incluindo quatro iluminuras. Escrito no estilo flamengo e realizado independentemente do *ms. 2696*, o primeiro códice de Gruthuyse serviria de modelo direto para a composição do *ms. Fr. 2692*, ofertado a Charles VIII (†1498), rei da França¹²³. Essas duas cópias flamengas passariam a contar com características próprias ligadas à região de sua elaboração e às exigências do comitente.

O último manuscrito medieval, *Mscr. Dresd. Oc. 58* (Dresden, Sachsische Landesbibliothek), seria produzido no início do século XVI e também conta com singularidades em relação à obra de René d'Anjou. Sua atual encadernação possui outros textos de temática caval(h)eiresca além do *Traicitié*. A originalidade do manuscrito de Dresden manifesta-se em sua iconografia, pois embora tenha sido realizado em um ateliê nas regiões de Flandres ou Hainaut, ele não segue o modelo francês e seu estilo não é semelhante à de nenhum outro códice. Outra modificação é a redução de certas descrições textuais, especialmente no que se refere ao competidor do torneio e seu armamento. O *Mscr. Dresd. Oc. 58* mostra-se muito mais detalhado iconograficamente do que os outros, embora com menor interesse técnico. Um dos motivos levantados para essa “discrepância” seria o fato de que o escriba de Dresden talvez não possuísse o original em mãos para proceder com a reprodução idêntica, o que o teria levado à criação própria que atendia melhor ao gosto do comitente¹²⁴.

As edições modernas em papel produzidas nos séculos posteriores foram encomendadas por entusiastas e bibliófilos. Entre essas edições encontram-se o impresso *ms.*

¹²² GAUTIER, Marc-Édouard (dir.). René d'Anjou, *Le Livre des tournois*. In: *Splendeur de l'enluminure: Le roi René et ses livres*. Angers et Paris: Actes Sud, 2010. p. 282.

¹²³ QUATREBARBES, M. Le Comte T. de, et. Al. *Oeuvres complètes du roi René*. Angers: Cosnier et Lachèse, 1843. Tome 2, p. CV-CX.

¹²⁴ ROBIN, Françoise. *Le Livre des tournois* par René d'Anjou. In: ANJOU, René d'. *Traite des tournois. Edition microfiches couleurs du manuscrit Dresden, Sachsische Landesbibliothek, Mscr. Dresd. Oc 58*. Munchen: Edition Helga Lengenfelder, 1993. p. 20-21.

Fr. 2694 (XVII) como parte da tentativa de compilação das obras do duque de Anjou, com relativa mistura das imagens em gravura dos *ms. 2692* (cena dedicada a Charles VIII e o torneio de Bruges) e do ciclo do *ms. 2695* com as variações encontradas no *ms. 2696* realizadas em 1619. O *ms. Dupuy 288* (XVII) teria sido inspirado no *ms. 2692* ou no *ms. 2693*, além de possuir suas próprias alterações internas com relação às imagens. O *ms. Fr. 11362* (XVIII) parece ser a única versão moderna que teve por base direta o *ms. Fr. 2695*, o que pode ser observado pela semelhança do ciclo iconográfico e pela nota inicial sobre a autoria, também presente no *ms. 2695*. Ainda no XVIII, outro livro foi reproduzido com base no *ms. Fr. 11362* e hoje encontra-se na Bibliothèque de l'Arsenal, o *ms. 4223*¹²⁵.

II.2 Apresentação do códice

A questão da datação do *ms. 2695* permanece em debate. Jean Favier aponta que a composição escrita da obra foi realizada com certeza após 1445, muito provavelmente após o *Pas de la Bergère* (1449), embate caval(h)eiresco que foi registrado por cronistas participantes, inclusive a pedido do duque de Anjou. Favier descarta a possível influência do tratado de Antoine de la Sale (†1460), o *Traité des anciens et nouveaux tournois* escrito em 1459. O motivo apontado pelo biógrafo para a escrita anterior a 1460 seria a perda de interesse nos embates caval(h)eirescos por Anjou, já afastado da corte monárquica e confinado na Provença. Somente o manuscrito iluminado por Barthélemy d'Eyck teria sido realizado na década de 1460¹²⁶. Dentre as teorias que suportam a datação da escrita em torno de 1460 encontra-se o estudo comparativo da filigrana do papel, realizado por L.M. Délaissé e François Avril. Avril realizou uma análise do papel utilizado pelo *ms. 2695*, comparando-o aos outros disponíveis na Bibliothèque nationale de France (Paris) de datação confirmada e, entre eles, a obra de La Sale¹²⁷.

O ciclo iconográfico ocupa 37 fólios no total, ou seja, um terço do volume, e permite dar seguimento visual ao texto. As 26 composições imagéticas fornecem quase todas as informações relativas ao cerimonial, à competição e ao armamento específico a ser utilizado: nove imagens detalhando o equipamento, duas imagens relacionadas à composição das liças e à disposição dos brasões na vila, além das figuras dos juízes escolhidos e dos dois duques em

¹²⁵ AVRIL. *Op. Cit.* p. 80-84.

¹²⁶ Sobre os torneios promovidos pelo duque de Anjou e o seu tratado, ver FAVIER. Le temps des tournois. In: *Op. Cit.* p. 135-173.

¹²⁷ AVRIL. *Op. Cit.* p. 10.

batalha. Há ainda o ciclo narrativo relacionado ao ritual de preparação e realização do torneio. Os tamanhos das imagens variam conforme sua função técnica ou documental, além da complexidade da cena que pode envolver uma ou duas páginas inteiras para a composição¹²⁸.

Trabalhadas em aquarela e com influências estéticas do estilo flamengo e italiano de pintura, o ciclo imagético não segue o padrão das iluminuras recorrentes do período. As influências podem ser reconhecidas nas escolhas feitas por Barthelémy d'Eyck, artista patrocinado por Anjou, para composição das cenas e da heráldica semelhantes às imagens de outros livros da biblioteca do duque e ao trabalho de artistas regulares em sua corte¹²⁹. Escritura e imagens compõem o projeto singular do autor, o qual procurou estruturar a obra pela sucessão de introduções e legendas, de modo a criar perfeita coerência dos detalhes, propiciando a simbiose entre os dois componentes, ao mesmo tempo em que esses oferecem leituras separadas entre si para a compreensão do assunto. Essa intercalação entre as duas formas de transmissão da mensagem não era comum nos demais manuscritos do período.

II. 2.a Descrição codicológica

O suporte escolhido por Anjou para a criação dos 60 fólhos originais do *ms.* 2695 foi o papel. Possivelmente para melhor preservação do original, no século XVII foram acrescentadas folhas intercaladas aos originais, totalizando 109 ff. atuais. O tamanho dos fólhos originais seria de 385 x 296 a 300 mm. Todavia, após a intercalação e cortes (*trimming*) em algumas páginas, as dimensões foram modificadas e atualmente variam entre 423 x 349 mm (f. 3r) e 454 x 349 mm (f. 51r). O conteúdo segue após a nota (f.1v) “Ce present livre a este dicté par Le Roy Rene de Sicille et paint De sa propre main”:

Inicia-se em f. NP1:

A tres hault et puissant prince mon tres chier, tres amé et seul frere germain Charles d'Anjou/

E termina em f. 109r:

Item ceulx qui ont gainné le pris sont tenuz de donner aucune chose aux trompectes et menestrelz, et les deux princes chiefz du tournoy aussi

¹²⁸ AVRIL. *Op. Cit.* p. 11-17.

¹²⁹ GAUTIER. *Op. Cit.* p. 123-165.

A numeração realizada pela Bibliothèque nationale de France (Paris) é proveniente do manuscrito original, que possui em sua margem superior direita números em algarismos arábicos acrescentados posteriormente. A foliação consiste em iv + 2 + 2 + 107 + vi. Contudo, entre os ff. 1v-2r, encontram-se dois fólhos que não possuem paginação, aqui nomeados como NP (*non pagination*) 1 e 2 em conformidade com a BnF. As imagens possuem demarcações particulares em números arábicos indicando a totalidade do conjunto imagético do códice. Essa foliação procede de maneira peculiar a partir de f. 45, quando as composições passam a ocupar duas folhas, em sua maioria, e são indicadas como duas imagens através de numerais arábicos em forma de fração.

A área escrita do códice descrita por nós não coincide com aquela fornecida pela descrição de François Avril. A mancha escrita é o espaço escrito correspondente à medição da altura entre a ponta das letras com ascendentes da primeira linha e o fim das descendentes na última linha. Aquela indicada por Avril é composta por 30 a 31 linhas justificadas no espaço de 214 x 148 mm. Contudo, a média recorrente em todo o manuscrito é de 250 mm de altura x 185 mm de largura para a escrita em coluna única justificada, embora nem todas as páginas utilizem esse espaço. Alguns fólhos são compostos por manchas menores, que variam entre 20 mm de altura (f. 39r) ou 350 mm (f. 107v), ou podem também possuir medida maior em ambos os lados, como em f. 60r (255 x 192 mm). Possivelmente, essas variações foram realizadas ao longo dos séculos e, como não tivemos acesso físico ao códice, não podemos atestar com certeza quais são as medidas corretas.

Imagem 3: Fólíio NP1 [AVRIL, François. *Le Livre des Tournois du Roi René de la Bibliothèque nationale (ms. Français 2695)*. Paris: Éditions Herscher, 1986. p. 06]

O manuscrito é composto por uma média de 25 linhas longas, escritas em cor preta, embora haja variação de uma única linha (f. 39r) a 40 linhas (f. 107v). Outra singularidade relativa ao espaço escrito refere-se ao fato da coluna não ser um corpo único fechado. O texto é subdividido em seções, com iniciais simples alternadas continuamente entre as cores vermelha e azul e subtítulos rubricados sem iniciais. A escolha do escriba pela alternância de cores, assim como a divisão das seções, pode ser puramente uma opção estética ou a busca pela melhor transmissão do conteúdo, pois cada seção associa-se com uma função introdutória, descritiva ou de interlocução.

A respeito das alterações encontradas no códice, as quais denominaremos *danos*, podemos dividi-las em duas categorias: *involuntárias* ou *intencionais*. Essas danificações ocorrem tanto nos manuscritos com suporte em pergaminho, quanto em papel. Os danos involuntários são resultado de defeito de fabricação do códice ou acidentes envolvendo as condições do ambiente e/ou fator humano. Quando houver a alteração física causada para fins específicos, essa é denominada intencional¹³⁰. Encontramos no manuscrito uma variedade de danos involuntários causados por fatores humanos, oriundos especialmente do uso intensivo da obra para leitura ou simples apreciação. As marcas de dedos ou gordura são os danos mais recorrentes, especialmente nos cantos superiores e inferiores externos, e podem ser encontrados na maioria dos fólios. Há indícios do que parece ser líquido derramado, tinta ou cera de vela em ff. 9r-9v, 11v, 15r, 17r-17v, 23r, 25r, 33v, 55v, 60r, 66r, 70r-70v, 72r-72v, 74r-74v, 76r e 79v e 81v. As marcas no fólio 57r somam-se ao mofo na parte superior da página. Esse mesmo tipo de danificação torna-se frequente nas imagens a partir da metade do códice (ff. 45v-46r, 48v-49r, 54v, 87v, 66v-67r, 67-68r).

Era igualmente comum esquecer objetos em cima do manuscrito ou deixá-los para servirem como marcadores de página. No fólio 49v existe uma mancha circular com 100 mm de circunferência e parcialmente visível, o que indica que algum objeto pode ter sido utilizado como peso, possivelmente uma caneca de bebida. O mesmo ocorre com as marcas de tiras, as quais parecem terem sido utilizadas para demarcação e esquecidas por certo período, tornando-se perceptíveis pela variação de cor no entorno. Elas são visíveis nos fólios 77v e 85v. O outro tipo de dano involuntário causado por fatores humanos e presente no manuscrito é o corte (*trimming*), que acontece quando há a reencadernação levando à perda de parte do

¹³⁰ Para uma descrição detalhada ver CLEMENS, Raymond; GRAHAM, Timothy. Encounters with Damaged Manuscripts. In: *Introduction to Manuscript Studies*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2007. p. 94-116.

conteúdo ou de informações históricas importantes. Verifica-se o caso nas margens superiores dos fólios 45r, 54r, 66r, 91r, 97r e 103r, 105r.

Em relação às alterações influenciadas por fatores externos, são especialmente comuns os danos causados por insetos e roedores. Nesse códice os buracos feitos por minhocas são os mais recorrentes e aparecem em ff. NP1-17r e ff. 37r-45r. Nota-se, entretanto, que as páginas inseridas após o século XVII praticamente não possuem danificação, o que nos leva a crer na diminuição das consultas e do acesso ao livro ou, possivelmente, na melhor preservação do códice.

II. 2.b Descrição paleográfica

A paleografia tem como objetivos principais a datação e a localização de manuscritos desconhecidos. Entretanto, ela também dedica-se a analisar a evolução e diversificação da escrita documentária e livresca. A escritura dos livros medievais possui a vantagem, a despeito da variedade de sua aparência, de serem coerentes e respeitarem determinadas regras estéticas por pretenderem abranger um público mais amplo do que aquele aos quais se destinam os documentos de chancelaria¹³¹. A transcrição paleográfica permite-nos revisar o conteúdo do manuscrito trabalhando com a fonte primária e não com suas traduções tardias. Ao mesmo tempo, podemos estudar a materialidade do texto, entendida aqui como as formas nas quais o corpo textual se inscreve na página, conferindo à obra uma forma fixa, mas não isenta de mobilidade e instabilidade. Pois, a “mesma” obra literária e livresca não é, de fato, a mesma quando sua linguagem, sua escrita ou pontuação são alteradas¹³².

Todavia, algumas ressalvas devem ser levadas em consideração. A despeito da disponibilidade *online* e da abertura para estudos à distância, o exame dos manuscritos não pode ser realizado na sua totalidade em razão da incapacidade do *fac-símile* digital em reproduzir detalhes como marca d'águas, espessura do suporte de escrita, modificações nas pigmentações, chegando a impossibilitar até mesmo a transcrição correta de algum sinal gráfico. Assim sendo, a transcrição realizada por nós será confrontada com as edições modernas disponíveis. Além disso, a paleografia por si só não se encontra dentro do escopo dessa pesquisa e seu papel restringe-se a permitir a composição de corpora a partir da fonte,

¹³¹ DEROLEZ, Albert. *The Palaeography of Gothic Manuscript Books: From the Twelfth to the Early Sixteenth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 01-06.

¹³² CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 11.

sem interferências textuais modernas. Em vista disso, não se pretende aqui um trabalho de caráter definitivo no que tange ao campo paleográfico e codicológico.

A forma e o aspecto do texto manuscrito, muitas vezes ditados, não dependiam somente do autor. Esse delegava as decisões sobre pontuação, acentos e ortografia àqueles que preparavam e compunham as páginas de seus livros: os escribas. Identificamos ao menos três escribas diferentes ao longo do texto devido à ligeira modificação no formato das letras, à diferença no nível de execução, à cor das tintas e à quantidade e variações de ligaduras e abreviações. Todavia, podemos considerar, de modo geral, que a escrita utilizada no *ms. 2695* denomina-se *Littera gothica hybrida*, comumente conhecida por *Bâtarde*¹³³. Contudo, há dois níveis intercalados de execução de escrita no interior do códice:

i. *hybrida media*, cuja caligrafia não é altamente formal, comparando-se ao padrão encontrado em livros como a Bíblia, mas ainda recorre à execução elaborada.

Exemplo da palavra *tournoy* no fólio NP1 –

ii. *hybrida currens*, para rápida execução e nível inferior de escrita. A mesma palavra *tournoy* escrita no fólio 17v –

O conteúdo textual do *ms. 2695* é marcado pela oralidade típica dos textos medievais, tanto na reprodução da fala, quanto na pontuação. Paul Zumthor afirma que as características associadas à materialidade e à oralidade da cultura manuscrita permaneceram ainda em uso até o século XVI e início do XVII. Ele ressalta que o desaparecimento do manuscrito estaria mais ligado à interiorização da escrita como meio de comunicação, do que à invenção da imprensa. Portanto, a escritura medieval tem valor de suporte material ao oral, concedendo-lhe autoridade.¹³⁴ Dessa forma, por acompanhar as necessidades da voz e dos sons, a pontuação exercia influência fundamental na textualidade medieval ao guiar a construção de sentidos conforme a leitura em voz alta. Na Baixa Idade Média, a pontuação pela *positurae*, ou conjunto de quatro marcas básicas para direcionar a leitura, ainda continuava a ser usada mesmo que com frequência menor. Entende-se “marca” como sinal gráfico com valor de pontuação e indicação de pausas na leitura em voz alta. A recorrência de determinadas

¹³³ Para os critérios seguidos aqui, ver DEROLEZ. *Op. Cit.* p. 20-23; 163-165.

¹³⁴ ZUMTHOR, Paul. A escritura. In: *A Letra e a Voz: A “literature” medieval*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 6-116.

marcas, ou seja, o número de vezes que cada sinal gráfico aparece no tratado de forma a conduzir a leitura em determinado ritmo, encontradas no *ms. 2695* corresponde àquelas praticadas nos manuscritos em vernácula. O uso da *virgula suspensiva* (/) é a marca mais importante e utilizada para indicar vários tipos de pausa, frequentemente usada com o *punctus* (ponto sozinho) ou, às vezes, combinando ambos os sinais (./) para indicar pausa de valor mais forte. Contudo, textos tardios devem ser lidos a partir das marcações internas, como o caso do *ms. 2695* e suas outras variações de pontuação¹³⁵.

Alguns autores, sobretudo os primeiros compiladores das edições modernas, acreditavam ser o *ms. 2695* um esboço, em virtude das diversas correções encontradas ao longo da escrita. Práticas notariais, correções, notas nas margens ou caligrafia rápida encontradas em textos eram típicas de poetas que escreviam em língua vernácula. Exatamente por ter essas mesmas características associadas à elaboração de ‘rascunhos e esboços’ dentro da concepção moderna de livros impressos¹³⁶, que nos séculos XIX e XX, respectivamente Quatrebarbes e Pognon julgavam o presente códice ser indigno do duque de Anjou. Contudo, essa lógica não se aplica aos manuscritos medievais repletos de correções e/ou imperfeições aceitáveis como parte do processo¹³⁷. Avril aponta que as correções, incluindo a inserção tardia de um parágrafo inteiro no fólio 107v, indicam que o *ms. 2695* é o trabalho original emendado e corrigido pelo seu próprio autor¹³⁸.

Em relação ao dialeto utilizado na escrita do *Traicitié* não há um consenso entre os autores e a sua definição está além do escopo desse trabalho. A língua utilizada possivelmente seria o frâncico, o dialeto de Île-de-France — habitualmente conhecido como *francês médio* — que passou a projetar-se literariamente até tornar-se língua nacional no século XV, embora continuasse sua evolução gramatical devido às novas fontes incorporadas e a procedimentos internos de enriquecimento. Com a perda progressiva da importância política e cultural das demais regiões frente às modificações a partir da guerra franco-inglesa, além de outras mutações sociais no período tardo-medieval, Paris e seu dialeto ganharam destaque durante o

¹³⁵ CLEMENS; GRAHAM. Punctuation and Abbreviation. In: *Op. Cit.* p. 86

¹³⁶ Para o desenvolvimento dessas concepções, ver CHARTIER. A mão do autor. In: *Op. Cit.* p. 129-152.

¹³⁷ CLEMENS; GRAHAM. Correction, Glossing, and Annotation. In: *Op. Cit.* p. 35-48; BISCHOFF, Bernhard. Writing and copying. In: *Latin palaeography: Antiquity and the Middle Ages*. Trans. By Dáibhí Ó Cróinín and David Ganz. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 38-45.

¹³⁸ AVRIL. *Op. Cit.* p. 09-10.

governo de Charles VII¹³⁹. Para confirmação dessa hipótese seria indispensável a comparação morfológica com outros manuscritos do período.

II. 3 Parâmetros de transcrição

A transcrição por nós realizada e disponibilizada no Apêndice tem por finalidade oferecer o máximo de informações a outros pesquisadores e servir de base para edições críticas, assim como será a fonte para análise. Propõe-se aqui tornar o texto uma fonte documental acessível, sem causar profundas alterações na obra ou alterar sua individualidade, mas de maneira que o leitor possa compreender o texto arcaico sem maiores dificuldades. Por essa razão, procederemos com algumas modificações de forma a resultar em uma *edição semidiplomática* — transcrição de um códice que procede com o desdobramento das abreviações e com a separação das palavras¹⁴⁰.

A escolha pela transcrição semidiplomática deve-se a duas razões. Em primeiro lugar, o fato de trabalharmos com apenas um manuscrito inviabiliza a elaboração de aparato e edição crítica através do trabalho filológico. Para tal, seria indispensável analisar e comparar todos os onze códices. E, por último, a transcrição servirá para a composição de corpora de forma a contribuir com a análise quantitativa a ser realizada no próximo capítulo, já que não há edições integrais disponíveis com as quais possamos trabalhar. Para a tradução dos trechos necessários à análise iremos nos basear tanto no francês médio, quanto na tradução realizada por Bennett.

Alguns elementos gráficos permanecerão transcritos conforme estabelecidos pelo manuscrito. A organização visual do fólio (*layout*), o número de colunas, a quantidade de linhas e a sua quebra, a divisão em seções e a capitalização das letras obedecem à escrita original sem qualquer alteração. O mesmo procede em relação à pontuação, a qual possuía maior ligação com a oralidade — indicativo de pausa e entonação. Consequentemente, essa será mantida análoga ao códice e não deverá ser compreendida como a estruturação sintática no sentido moderno. Desse modo, a acentuação (ou sua ausência) permanece a mesma. Evitou-se também a normalização dos *alógrafos* — representações ou formas com que se apresenta um grafema, exemplificada pela mesma letra em maiúscula ou minúscula. Citamos

¹³⁹ MATORÉ, Georges. Le moyen français (1340-1495). In: *Le vocabulaire et la société médiévale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985. p. 261-273; BASSETO. *Op. Cit.* p. 223-228.

¹⁴⁰ Para os critérios de transcrição adotados aqui, ver CLEMENS; GRAHAM. Working with manuscripts. In: *Op. Cit.* p. 74-79.

os recorrentes exemplos conservados na transcrição que foi mantida e sua ortografia no francês moderno:

<ycy> = <ici>

<blazon> = <blason>

<sensuit> = <ensuite>

<quilz> = <qu'ils>

<lung> = <l'un>, <l'une>

<ou> = <où>, <ou>

Entretanto, contrariando as normas paleográficas, procederemos com pontuais correções ortográficas. Dentro da tendência de justaposição de elementos e da variação interna da grafia (em termos de vocalismo e consonantismo), distinguiremos apenas os casos abaixo, dado que as demais formas são perfeitamente compreensíveis ao leitor moderno sem alterar em demasia a fonte.

<i> = <i> ou <j>

<u> = <v> ou <u>

<facon> = <façon>

<depieca> = <depièce>

<cestassauoir> = <cest assavoir> = <c'est a savoir>

No que concerne às abreviações, elas serão expandidas, acompanhadas de parênteses [()], obedecendo à ocorrência interna do texto. Na ausência de parâmetros de coerência interna para expandirmos as abreviações, seguiremos conforme as normas editoriais¹⁴¹. Seguem alguns exemplos frequentes de abreviações expandidas:

= *s(ei)g(neur)* = <seigneur>

= *ch(eva)li(e)rs* = <chevaliers>

¹⁴¹ Seguiremos os parâmetros definidos em BUAT, Nicolas; VAN DEN NESTE, Évelyne. *Dictionnaire de paléographie française: découvrir et comprendre les textes anciens (XVe-XVIIIe siècle)*. Paris: Les Belles lettres, 2011.

= *Co(m)ment* = <Comment>

= *l(ett)res* = <lettres>

= *ba(n)nières* = <bannières>

= *led(it)* = <ledit>

= *q(ue)* = <que>

= *(et)* = <et>

= *aut(re)s* = <autres>

= *ch(ac)un* = <chacun>

= *p(rese)nter* = <presenter>

= *t(re)s* = <tres>

O número do fólho será indicado em colchetes [/] no início de cada linha, de modo a acompanhar a orientação da leitura e não comprometer a ordenação da obra. Os conteúdos (letras, palavras ou frases) rejeitados pelo escriba serão introduzidos em notas de rodapé, enquanto a transcrição final já contará com as reparações que foram realizadas durante a escrita ou posteriormente. Utilizaremos a notação do próprio escriba para proceder com a correção através da inserção de barras transversais [/ \] antes e depois de cada conjunto. Para citação em notas de rodapé de trechos da transcrição, utilizaremos a barra transversal [|] indicando o final de cada linha do original. Não utilizaremos essa marcação na transcrição disponível no apêndice para evitar confusões com as pontuações realizadas pelo escriba.

CAPÍTULO III – Construção do ideal aristocrático no *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois*

III.1 *Parâmetros de análise*

A proposta desse capítulo é identificar, a partir do trabalho com o corpo lexical, as referências trazidas pelo duque de Anjou para o seu tratado, a fim de verificar quais são os elementos da cultura de corte (erudição, ideologia e práticas) presentes na obra. Primeiramente, iremos apontar quais seriam os “*três costumes*” que o autor indica no início da obra para descobrir como seria o torneio idealizado por ele e quão longe estaria dos combates caval(h)eirescos contemporâneos à escrita. Devido à carência de descrições no tratado acerca do combate em si e por não trabalharmos com outras fontes, não enfocaremos no desenvolvimento temporal ou detalhes a respeito do torneio, apenas pontuaremos as possíveis referências trazidas pelo duque. Posteriormente, analisaremos as influências literárias partindo de três esferas ideológicas (princesca, cavaleiresca e cortesã) para determinar suas contribuições com a elaboração do *Traicitié*.

Para procedermos com a análise do corpo textual e realizar um tratamento sistemático a partir de hipóteses dedutivas, ou seja, considerações levantadas conforme as informações fornecidas pelo texto, recorreremos ao método da *logometria*. A logometria é um dos métodos de análise do discurso que utiliza técnicas qualitativas (pesquisa de palavras, navegação hipertextual e contextualização linguística) e quantitativas (ocorrências lexicais, cálculo de vocabulário específico ou distâncias intertextuais) na investigação do conteúdo linguístico de um *corpus*¹⁴². A utilização dessa metodologia para pesquisas históricas vem se tornando possível com a digitalização de documentos e a composição de corpora com base em diferentes fontes permitindo a comparação delas entre si. E, embora haja instituições que vêm desenvolvendo tecnologias para esse tipo de análise¹⁴³, pode-se realizar a pesquisa logométrica com ferramentas como *Microsoft Word* ou *Excel*. Com esse método torna-se possível controlar a leitura e o percurso interpretativo do historiador, de modo que o processo de investigação não seja pré-orientando ou aleatório contribuindo com a formulação de

¹⁴² MAYAFFRE, Damon. Histoire et linguistique: le redémarrage. Considérations méthodologiques sur le traitement des textes en histoire: la logométrie. In: GENET, Jean-Philippe (dir.) et al. *Langue et histoire*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2011. p. 168

¹⁴³ Dentre algumas instituições que tem trabalhado para fornecer ferramentas de pesquisa encontram-se a **BFM - Base de Français Médiéval** da Universidade de Lyon < <http://txm.bfm-corpus.org> > consultado para essa pesquisa.

hipóteses originais como consequência do trabalho exaustivo com os componentes do texto¹⁴⁴.

Procuramos adaptar as técnicas da logometria conforme nosso *corpus* textual e acrescentamos algumas abordagens de Jean Flori¹⁴⁵ e Andreia Silva¹⁴⁶, especialmente para a análise qualitativa. Em primeiro lugar, seguiremos o método simples para composição de corpora baseado na classificação e contabilização de palavras do *Microsoft Word*, portanto, sujeito a questionamentos em caso de incorreções pertinentes aos dados fornecidos pelo programa. Assim como em Flori e Silva, nosso enfoque maior será no *campo semântico* (sentido dos vocábulos e seus termos associados) descartando outros elementos linguísticos, como *sintaxe* ou *morfologia*, por ser além do escopo dessa pesquisa. Nossa investigação não pode ser considerada uma análise *sincrônica* (comparações com textos contemporâneos) ou *diacrônica* (análise temporal), pois não trabalharemos com base comparativa textual extensiva, apenas com breves comparações com algumas fontes de forma a estabelecer um parâmetro para a nossa análise. Dessa maneira, conseguiremos agrupar os dados, obter hipóteses dedutivas a partir do texto e proceder com associações externas.

O método utilizado por Jean Flori envolve a análise diacrônica e sincrônica de um *corpus* textual específico, o qual abrange um período de 100 anos. Dentre as propostas de investigação de Flori para o trabalho com texto único, ele sugere definir o campo semântico de cada vocábulo envolvendo a relação entre substantivos e adjetivos. Desse modo, podemos elaborar *conjuntos* que possuam características próximas e possam ser interrogados conforme a situação em que se apresentam no interior do tratado. Para validação dos resultados se faz necessário a comparação com fontes não-literárias, materiais ou imagéticas, de modo a não contar somente com as construções ideológicas fornecidas pela literatura.

Complementando a metodologia acima recorreremos às propostas de Andreia Silva, que sugere quatro formas para levantamento de dados: enfoque em um tema, palavra, argumentação ou em elementos narrativos. Como trabalharemos com apenas um texto, enfocaremos no *tema* (definido por ela como “assunto ou matéria”) e na *palavra*, adaptando a

¹⁴⁴ MAYAFFRE. In: GENET. *Op. Cit.* p. 180.

¹⁴⁵ FLORI, Jean. La notion de Chevalerie dans les Chansons de Geste du XIIe siècle. Etude historique de vocabulaire. *Le Moyen Âge: bulletin mensuel d'histoire et de philologie*. Vol. 81 (1975). p. 211-244; 407-445; IDEM. Principes et milites chez Guillaume de Poitiers: Étude sémantique et idéologique. *Revue belge de philologie et d'histoire*. Tome 64 fasc. 2, 1986. Histoire-Geschiedenis. p. 217-233. Disponível em: <www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_1986_num_64_2_3540> Acesso em 26 mar 2016.

¹⁴⁶ SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Revista Signum*, 2015, Vol. 16, n. 1. p. 131-153.

técnica às nossas necessidades de análise. O enfoque em uma ou mais palavras pertencentes ou não ao mesmo universo semântico (substantivos, adjetivos ou verbos) é a mais adequada para estudar conceitos mais abstratos, como valores, ideias, crenças ou instituições. A proposta é examinar a frequência de ocorrências de determinada palavra ou tema, relacionando-os aos aspectos que se tem por alvo da atenção. Desse modo, objetiva-se identificar as múltiplas vozes presentes no texto e qual delas se faz predominante ampliando a base comparativa para distinção do que seria cortesão, cavaleiresco e principesco.

Para a identificação de quais seriam as influências literárias na obra escrita pelo duque de Anjou seguiremos a proposta de Elspeth Kennedy¹⁴⁷. A partir da investigação da recepção de obras do ciclo arthuriano em textos escritos por cavaleiros do século XIII e XIV, Kennedy sugere encontrar referências explícitas ou ecos verbais de obras literárias nos textos não-ficcionais por meio da técnica que ela define como *hypertexting*. Objetiva-se encontrar e verificar quais passagens específicas foram retiradas (e por quais motivos) da literatura para serem utilizadas no texto manuscrito sob análise. Isso permite comprovar a recepção e transmissão de determinada obra, o acesso a ela e a erudição do autor. A única falha na pesquisa de Kennedy encontra-se na falta de informações a respeito de como seus cavaleiros (objetos de análise) conheceram as obras, contudo em nosso caso essa informação já foi fornecida no Capítulo II ao citarmos a biografia do duque de Anjou.

¹⁴⁷ KENNEDY, Elspeth. The knight as a reader of Arthurian Romance. In: SCHICHTMAN, Martin B. (Ed.); CARLEY, James P. (Ed.). *Culture and the King: The Social Implications of the Arthurian Legend*. New York: State University of New York Press, 1994. p. 70-90. Para a mesma abordagem, embora mais simplificada, ver CLINE, Ruth Huff. The Influence of Romances on Tournaments of Middle Ages. *Speculum* v. 20, n° 2, 1944. p. 204-211.

III.2 Práticas cavaleirescas: entre embates reais e idealizados

A melhor proposta para compreender a função sociocultural dos torneios nos é fornecida por Thomas Henrick¹⁴⁸, cuja análise sociológica dos esportes medievais procurou explicar como as distinções foram mantidas e sob quais condições as práticas lúdicas se tornaram mais ritualísticas. Henrick afirma que as práticas lúdicas medievais eram um dos meios de *discriminação cultural* praticados pela aristocracia, que tentou reservar para si determinadas atividades dando-lhes um caráter de exclusividade, como os torneios, a falcoaria e caça. Essa discriminação, no que diz respeito ao torneio, seria fundamentada em quatro fatores: *riqueza, conhecimento, prestígio e poder político*. O *critério econômico* limitaria a entrada dos participantes e definiria os gastos para o espetáculo (*pageantry*) envolvendo o evento-combate. Mesmo com a difusão dos livros no período tardo-medieval, o *conhecimento técnico* e a terminologia envolvida com a prática cavaleiresca ainda era restrita a poucos. O terceiro fator relaciona-se com o *status social* aceito mediante convenções impostas à sociedade, no qual determinada atividade não era considerada digna de ser praticada por outras camadas. E por último, as *influências políticas* envolvidas com as sujeições dos torneios às regras estabelecidas pelo grupo e/ou a lei monárquica excluindo outros pretendentes que não possuíssem linhagem nobiliárquica¹⁴⁹. Esses critérios concederam aos torneios tardo-medievais características distintas dos embates dos séculos precedentes.

De forma a tentar decifrar quais seriam as influências das práticas no tratado seguiremos a própria descrição do duque de Anjou. No início do texto, ele indica quais seriam as influências que o levaram a criar sua própria maneira de conduzir um torneio:

Eu, René d'Anjou [...] farei a você [meu irmão Carlos] um pequeno tratado, o mais longo que conheço, da forma e maneira como deve ser realizado um torneio na corte ou em qualquer lugar nos limites da França, tal como alguns príncipes desejam que seja feito. Eu tomei as formas de justas mais próximas daquelas conservadas na Alemanha e no Reno. Quanto aos torneios, também [tomei a forma] semelhante à maneira que se pratica em Flandres e Brabant, do mesmo modo que os antigos costumes seguidos na França, os quais encontrei em escritos. Das três maneiras

¹⁴⁸ HENRICK, Thomas S. Sport and Social Hierarchy in Medieval England. *Journal of Sport History*, vol. 9, No. 2, (Summer) 1982. p. 20-34.

¹⁴⁹ HENRICK. *Op. Cit.* p. 31-34.

tomei aquilo que julguei bom e compilei uma quarta forma de se organizar [um torneio] [...] ¹⁵⁰.

Quais seriam as “*três formas*” apontadas pelo duque de Anjou? Primeiramente analisaremos o número total de referências às regiões citadas no trecho acima de forma a averiguar quais delas tiveram maior ou menor influência sobre a composição do tratado. A seguir, tentaremos definir quais seriam os costumes praticados nessas regiões. Por último, apontaremos quais são as especificidades do *Traicitié* e relacionaremos com as práticas citadas para estabelecer quais foram as influências diretas na descrição de como organizar o torneio realizada por Anjou. A seguir, indicamos os vocábulos e o número de aparições ao longo do texto:

Vocábulos	Ocorrências
<i>Rin</i>	2
<i>Almaignes</i>	3
<i>France</i>	3
<i>Brabant</i>	5
<i>Flandres</i>	6

Conforme a tabela acima, cinco são as regiões citadas pelo duque de Anjou, cujas práticas locais o influenciam na concepção do seu torneio. Localizada ao norte de seus domínios, as regiões de *Flandres* e *Brabant*, com suas cidades mercantis sob domínio do duque da Borgonha, foi a maior referência para a criação do tratado totalizando 11 ocorrências somadas. A segunda maior influência são os principados germânicos com cinco referências, se considerarmos a soma das menções de *Rin* e *Almaignes*. Por último, os

¹⁵⁰ [f. NP1] Je Rene danjou [...] vous faire ung petit/ | traictie le plus au long/ estendu que jay sceu de la forme | et/ devis/ comme il me sembleroit/ que ung tournoy seroit/ | a entreprendre a la court/ ou ailleurs en quelque marche | de france quant/ aucuns princes le vouldroi(en)t faire faire/ | la quelle forme jay prins au plus pres et/ jouxte de | celle quon garde ce almaignes/ et/ sur le Rín quant/ on | fait/ les tournoys /. Et/ aussi selon la maniere quilz tie(n)ne(n)t | en flandres et/ en brabant /. Et mesmement/ sur les | anciennes facons quilz les souloient/ aussi faire en | france/ co(m)me jay trouve par escriptures./ Desquelles troys | facons en ay prins ce qui ma semble bon. Et/ en ay fait/ | et/ compile une (quarte) facon de faire/ [...]. |

costumes do reino de *France* com somente três menções. Nota-se o enfoque dado pelo autor nos “*costumes antigos*” (*anciennes façons*) que “*ele encontrou em escrituras*” (*jay trouve par escriptures*). Isso nos leva a deduzir que os demais costumes eram contemporâneos à escrita e ainda praticados nessas localidades, todas próximas aos territórios pertencentes ao apanágio de Anjou. Isso corrobora a afirmação de Jean Favier, ao dizer que as regras do tratado eram compilações dos costumes praticados em suas regiões.

Primeiramente, analisaremos porque seriam os “*costumes antigos*” da França. O confronto em massa denominado torneio (*tournoy/torneamenta*) surgiu como uma forma distinta de prática lúdica em finais do século XI nas regiões do norte francês. O aparecimento desse tipo de combate não foi fortuito, pois contemporâneo a ele desenvolveram-se novas técnicas de guerra envolvendo o cavaleiro e a lança de longo alcance (*couched lance*). Essa lança era utilizada pela cavalaria para proceder com um ataque em conjunto de modo a causar um impacto direto nas frentes inimigas. Devido ao seu caráter coletivo, essa nova técnica necessitava de treino para que o grupo de cavaleiros atingisse a perfeição e fosse mais eficiente nos confrontos. Assim sendo, o torneio supriu essa demanda ao ser praticado em campo aberto por vários quilômetros (geralmente limitado entre duas cidades), cujas habitações e demarcações naturais serviriam para a prática de emboscadas e prisão dos participantes como na guerra. Os únicos limites formais reconhecidos eram áreas com cercas, que serviriam para os combatentes descansarem ou se reagruparem durante a luta. Com a invasão dos Normandos na Inglaterra e Sicília, e as Cruzadas, outros reinos e principados europeus tomaram contato com esse exercício militar¹⁵¹.

O torneio fundamentava-se em três especificidades que, conforme atesta Jean Flori, contribuíram para a formação da ideologia caval(h)ieiresca. Primeiramente, o aspecto *utilitário* do treinamento necessário em consequência das novas formas de combate. Em segundo lugar, o embate possuía uma dimensão *lúdica* por simular a guerra e, simultaneamente, ser um jogo praticado por cavaleiros profissionais que buscavam conquistar renome e recompensas financeiras. Essa ética moral desenvolvida em campo de batalha orientava o cavaleiro a ser honrado, de maneira a poupar a vida de seu oponente e usá-lo para solicitar resgate. Haveria,

¹⁵¹ BARBER, Richard W., BAKER, Juliet. The Origins of the Tournament. In: *Tournaments: Jousts, Chivalry and Pageants in the Middle Ages*. Nova York: Wiedenfeld & Nicolson, 2000. p. 14-16. A melhor descrição de um torneio do século XII é fornecida pela crônica versificada sobre a vida de William Marshal. Ver DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Graal, 1995. p. 141-145.

portanto, um reconhecimento e respeito mútuo entre os companheiros em armas¹⁵². E por último, o caráter *festivo* que o torneio adquiriu progressivamente ao reunir espectadores dos mais diversos níveis¹⁵³.

O patrocínio dos combates cavaleirescos e a literatura cortesã desenvolveram-se paralelamente, o que contribuiu muito para o incremento da popularidade dessa prática lúdica. As primeiras referências literárias sobre os torneios foram as proibições da Igreja emitidas em seus concílios ou aquelas descritas por clérigos em suas crônicas condenando essas “*detestáveis justas ou festas*”, também “*chamados ordinariamente de torneio*”¹⁵⁴. Embora as canções de gestas tenham sido as primeiras a exaltar essa forma de combate dentro da literatura secular, os romances foram o que melhor contribuíram para a popularização e enobrecimento da prática. Escritores anônimos ou conhecidos, como Chrétien de Troyes (†1191), colaboraram descrevendo os jogos, incorporando elementos cortesês e enaltecendo seus cavaleiros participantes que, ao mesmo tempo, eram os heróis desses romances. Seriam nesses textos também que as damas passariam a figurar com frequência nos torneios¹⁵⁵. Portanto, a simbiose entre literatura cortesã e prática cavaleiresca encorajou o desenvolvimento de ambos e, principalmente, incentivou a participação de um público-audiência feminino¹⁵⁶.

Conforme Richard Barber e Juliet Baker apontam, um dos principais motivos para o lento desenvolvimento dos combates na França foram as proibições estabelecidas pela Igreja desde o século XII e a falta de interesse dos monarcas franceses em participarem ou de

¹⁵² Para esse desenvolvimento, ver FLORI, Jean. *Lois de la guerre et code chevaleresque*. In: *Chevaliers et Chevalerie au Moyen Age: La vie quotidienne*. Paris: Fayard, 2013. p. 166-176.

¹⁵³ FLORI. *Les chevaliers dans les tournois*. In: *Op. Cit.* p. 131.

¹⁵⁴ FLORI. *Op. Cit.* p. 145-147. As condenações pelos eclesiásticos foram inúmeras. Jacques de Vitry (†1240) em um dos seus sermões direcionados aos cavaleiros diz que “*pecados criminosos são cometidos nos torneios*” (criminalia peccata comitantur in torneamentis). JACQUES DE VITRY. *The exempla or illustrative stories from Sermones vulgares of Jacques de Vitry*. Edition by T. F. Crane. London, 1890. CLXI, p. 62-64. No Concílio de Latrão (1215) reiteira-se as proibições anteriores aos torneios, os quais “*proibiremos firmemente sob pena de excomunhão*” (sub poena excommunicationis firmiter prohibemus), além de afirmar que “*o negócio da cruz [Cruzadas] é bastante dificultado por aquelas coisas [torneios]*” (crucis negotium per ea plurimum impeditur). HEFELE, Karl Joseph von.; LECLERCQ, Henri. *Histoire des conciles d'après les documents originaux*. Letouzey et Ané, Editeurs: Paris, 1913. Vol. 5, Pt. 1. p. 1394.

¹⁵⁵ Exceção seria o *History of the Kings of Britain* (Historia Regum Britanniae – 1135) de Geoffrey of Monmouth (†1155), no qual ele descreveu pela primeira vez ou antecedeu em 50 anos dois grandes desenvolvimentos envolvendo torneios: a presença das damas e da heráldica individual do cavaleiro, pois conforme citam Barber e Baker, não há evidência histórica contemporânea o suficiente que corrobore a descrição de Monmouth. Para a descrição do torneio na corte do rei Arthur, ver GEOFFREY OF MONMOUTH. *The History of the Kings of Britain. An Edition and Translation of De gestis Britonum [Historia Regum Britanniae]*. Edition by Michael D. Reeve, Trans. By Neil Wright. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2007. Liber IX, p. 212-215.

¹⁵⁶ BARBER; BAKER. *Op. Cit.* p. 17-18.

utilizarem essas práticas cavaleirescas com propósitos de propaganda. Por conta das proibições, o patrocínio de *justas à plaisance*¹⁵⁷ passou às mãos dos grandes nobres (duques e barões), realizados geralmente em seus domínios fora do controle real ou adaptando-os à legislação imposta pelo monarca¹⁵⁸. Somente em 1316 com o fim dos banimentos aos torneios pelo papa¹⁵⁹, os monarcas franceses passaram a incentivar as justas, embora o número desses combates fosse menor devido a preferência pelos confrontos *à outrance* (justas praticadas em zonas de guerra com armas convencionais e os combatentes representando suas “nacionalidades”) por conta da guerra franco-inglesa¹⁶⁰. Assim sendo, mesmo com alguns embates incentivados ou aprovados pelo monarca em finais do século XIV, como St. Inglevert (1390) ou em St. Dennis (1389), o torneio em grande escala (*mêlée*) já não era mais praticado em território francês desde o início do século XIII.

A próxima influência no *Traicitié* origina-se nas regiões germânicas de *Rin* e *Almaignes*, próximas dos territórios de Bar e Lorena, possessões do duque de Anjou. Os torneios chegaram a Alemanha na metade do século XII e na região do Reno somente após 1220. Assim como na França, os primeiros jogos eram torneios em larga escala (*mêlée*) com divisão em times proporcionalmente ao número de cavaleiros participantes e liderados por membros da alta hierarquia social. Igualmente como na França, os torneios eram fontes de renda para os combatentes e as lutas semelhantes à guerra. Contava-se também com a participação de ajudantes e escudeiros para auxiliar os cavaleiros durante os combates. Mas a partir da metade do século XIII algumas modificações ocorrem e os torneios e as justas tornaram-se mais elaborados. Baseada nos romances corteses, a *Forest* (derivado do francês antigo cujo significado literal era “na floresta”) era o nome germânico para um tipo de justa

¹⁵⁷ As *justas* (joutes) eram combate a cavalo entre dois adversários munidos de lanças longas cujo objetivo era derrubar o adversário da montaria ou simplesmente quebrar a lança em seu corpo para marcar pontos. Se no início da prática, o combate poderia ser realizado entre diversos cavaleiros simultaneamente, a partir do século XIV tornou-se comum o embate entre dois únicos cavaleiros ao longo das barreiras para impedir o choque dos cavalos. Nesse mesmo período temos o desenvolvimento das justas *à plaisance*, realizadas principalmente para entretenimento em que se utilizava equipamento modificado sem pontas afiadas ou removidas, de forma a garantir a segurança. As justas privilegiavam a proeza individual em detrimento das práticas coletivas. NESTE, Évelyne Van Den. *Tournois, joutes, pas d'armes dans les villes de Flandres à la fin de Moyen Âge (1300-1486)*. Paris: École des chartes, 1996. p. 52.

¹⁵⁸ O torneio de Chauvency (1285), descrito nos versos de Jacques Bretel, foi realizado em território fora da legislação real e contou com *justas* e *mêlée* (confronto coletivo corpo-a-corpo acompanhado ou não de montaria). O festival em Le Hem (1278) não contou com *mêlée*, mas somente justas *à plaisance*. Ainda em Le Hem, que rendeu os versos do *Le Roman du Hem* pelo menestrel Sarrasin, o evento foi altamente marcado pela temática arthuriana, cujos cavaleiros deveriam se render à rainha Guinevere por terem perdido seus combates para o “Cavaleiro com o Leão” (Chevalier au Lyon), e características teatrais ao envolver cavaleiros, damas e espectadores.

¹⁵⁹ Titulus IX, De Torneamentis. In: *Corpus iuris canonici*. Graz: Akademische Druck- u. Verlagsanstalt, 1959. Electronic reproduction. Vol 2. New York, N.Y.: Columbia University Libraries, 2007. p. 1215.

¹⁶⁰ BARBER; BAKER. *Op. Cit.* p. 38-40.

semelhante a *Round Table*¹⁶¹, na qual o cavaleiro lutaria com o oponente três vezes e caso vencido cederia a dama que o acompanhava e suas armas ao vencedor. Essa influência arthuriana sobre as justas individuais ganhou contornos mais literários a partir das descrições do cavaleiro Ulrich von Lienchtenstein¹⁶². Posteriormente, com patrocínio de grandes aristocratas, esses embates cavaleirescos passaram a ser associados às festas de corte em finais do século XIII e durante o XIV.

Joachim Bumke afirma que as festas de corte, as quais incluíam esses jogos, devem ser compreendidas a partir da sua importância social na relação entre o domínio dos senhores feudais e a ideia de “conselho e suporte” (*consilium et auxilium*) de seus nobres subordinados. As ocasiões para a ocorrência desses eventos festivos eram os casamentos, as coroações, cerimônias de cavalaria (como adubamentos), celebração de tratados de paz ou feriados santos. As relações políticas, embora retratadas com menor destaque na literatura mais preocupada com a descrição do cerimonial e etiqueta, eram os principais motivos para a realização dessas festas na corte, cujos convidados eram oriundos da alta e média aristocracia com exigência de comparecimento obrigatório caso houvesse relações diretas de dependência com o anfitrião¹⁶³. Em resumo, eram eventos para estreitar as relações entre o senhor nobre e os demais aristocratas de sua região.

O desenvolvimento das festas seguia sempre a mesma disposição no que se refere à organização. Após a preparação do local onde ocorreria o evento em data pré-determinada, a chegada dos participantes sempre era suntuosa acompanhada de protocolo próprio e de músicos, utilizados para demarcar a ordem e o ritmo da entrada. Dentre os entretenimentos, os combates cavaleirescos eram os principais acontecimentos com posterior banquete e danças junto às damas. Nota-se que, conforme descreve Bumke, o envolvimento entre as damas e os

¹⁶¹ A definição de *round table* e sua diferenciação para o *tournoy* se mostram tênues e com poucas distinções conforme apontam as fontes históricas. Joachim Bumke afirma que as primeiras menções foram feitas pelo clérigo inglês Matthew Paris (†1259) quando descreveu que os cavaleiros ingleses procuraram testar suas habilidades em vez no “*que vulgarmente é chamado de torneio, mas principalmente naquele jogo militar que é chamado de mesa redonda*” [quod vulgariter torneamentum dicitur, sed potius in illo ludo militari qui mensa rotunda dicitur], cuja diferença estava no uso nas armas cegas utilizadas nas justas individuais, geralmente associadas com as festas de cortes e com participação das damas. BUMKE, Joachim. *Courtly Feasts: Protocol and Etiquette*. In: *Courtly Culture: Literature and society in the High Middle Ages*. Trans. By Thomas Dunlap. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 262; De quodam hastiludio quod milites tabulam rotundam vocant. In: MATTHEW PARIS; LUARD, H. R. (ed.). *Matthaei Parisiensis, monachi Sancti Albani, Chronica majora*. Longman & co.: London, 1880. Vol. 5, p. 318. Évelyne Van Den Neste define a *round table* como uma série de justas com armas cegas, cujos participantes tomam para si os brasões ou nomes dos cavaleiros da literatura arthuriana e a noite, ao fim do combate, o banquete aconteceria em uma mesa circular. NESTE. *Op. Cit.* p. 52-53.

¹⁶² BARBER; BAKER. The Tournament in Germany. In: *Op. Cit.* p. 49-54.

¹⁶³ BUMKE. *Op. Cit.* p. 208-209.

cavaleiros, incluindo conversas, era constante no interior dessas festas de corte. Ao final das festividades ocorreria a distribuição de presentes, incluindo aos vencedores dos combates, de maneira a demonstrar a largueza do anfitrião. As gemas eram destinadas aos membros da alta aristocracia e mais valorizadas do que ouro e prata, enquanto que os presentes mais modestos eram destinados à camada inferior na hierarquia nobiliárquica¹⁶⁴.

Em finais do século XIV e durante o XV as *sociedades de torneios* com seus eventos anuais contribuíram com a compilação das regras utilizadas em algumas regiões germânicas e a aristocratização cada vez maior dos combates. As *sociedades de torneios*, em seus primórdios, eram alianças estabelecidas entre algumas famílias nobres que garantiriam proteção aos seus membros em caso de disputas e organizariam torneios (*mêlée*) eventuais. E para o cumprimento das regras estabelecida pela *sociedade* quatro membros seriam eleitos como juizes. Ao longo do século XV, as *sociedades* locais deram lugar a quatro grandes associações regionais, as quais procuraram compilar as regras que já vinham sendo utilizadas e estabelecer critérios excludentes¹⁶⁵. Os jogos se tornaram cada vez mais exclusivos da alta aristocracia, especialmente no que concerne à admissão nos combates. Somente aqueles que pudessem comprovar de ambos os lados quatro gerações de linhagem nobiliárquica seriam admitidos nos torneios em massa, cuja participação era restrita aos aristocratas, enquanto as justas e outros embates cavaleirescos eram abertas a qualquer hierarquia social¹⁶⁶. Barber e Baker afirmam que essa marca de exclusividade aparenta ser um fenômeno tipicamente germânico, pois embora ascendência nobiliárquica também fosse exigida em outras regiões, a insistência na inspeção da heráldica familiar era o mais rigoroso teste de comprovação aristocrática e comportamento caval(h)eiresco¹⁶⁷.

¹⁶⁴ BUMKE. *Op. Cit.* p. 213-229.

¹⁶⁵ RUHL, Joachim K. German Tournament Regulations of the 15th Century. *Journal of Sport History*, Vol. 17, No. 2 (Summer, 1990). p.163-168. Para a transcrição das regulamentações, ver p. 169-171. Apenas para citar algumas regras germânicas encontradas no tratado do duque de Anjou: a proibição da participação daqueles casados com mulheres não nobres ou praticam usura [f. 70v]; punição para aqueles que ofenderem ou ataquem as mulheres [f. 70r] ou a obrigatoriedade de registro e apresentação das armas [ff. 21v; 49v; 60r].

¹⁶⁶ O diplomata espanhol Pero Tafur (†1480/1484) viajando pela região do Reno relata as preparações para um torneio a ser disputado na cidade de Schaffhausen: “Certain knights gathered together and made a list of all noblemen in the district, and they caused a painter to paint the coats of arms of each one, which a herald carried from house to house, presenting the shield and giving notice that on a certain day every nobleman should present himself in that place, fully equipped with arms and horses, to take in a tournament. They gave notice also to all the great ladies in those parts. [...] In these parts all can joust and join in any knightly sports, but only nobles of known escutcheon can take part in the tourney. This is a good and worthy custom, since thereby everyone knows who can lay claim to chivalry and high lineage [...]”. TAFUR, Pero. *Travels and adventures, 1435-1439*. Translated and Edited with an Introduction by Malcolm Letts. G. Routledge: London, 1926. p. 208-209. Além do caráter aristocrático percebe-se a influência germânica no *Traicitié* na pintura da heráldica de cada participante em pergaminhos para serem usados na divulgação do torneio nos ff. 9v-11v e na 3ª imagem do tratado no f. 11r.

¹⁶⁷ BARBER; BAKER. *Op. Cit.* p. 62-67.

A maior influência no tratado do duque de Anjou provém das regiões de Flandres e Brabant com características peculiares em relação às práticas germânicas. A história dos torneios nos Países Baixos segue o padrão das demais regiões europeias, contudo não eram domínio exclusivo da aristocracia e passaram a ser patrocinados também por burgueses e as ricas cidades mercantis flamengas. Não por menos, com a crescente urbanização da região, as justas realizadas nos mercados desde o século XIII eram preferidas ao torneio em massa (*mêlée*), os quais causavam destruição no entorno¹⁶⁸. Todavia, o patrocínio citadino não excluiu a participação dos aristocratas flamengos nos combates, especialmente com a adoção das justas como parte do *cerimonial de entrada real*. A demonstração de poder, especialmente desenvolvidos pelos duques da Borgonha, era realizada através da ostentação luxuosa do príncipe de modo a ser reconhecido como senhor legítimo pelos habitantes de seus territórios. Como patrocinadores dos jogos, eles não participavam com frequência dos combates, mas eram espectadores distintos por exercerem a função de juízes, convidavam os habitantes das regiões para presenciarem seu poder e concediam presentes aos vencedores¹⁶⁹.

Altamente influenciados pelos romances, a busca pela demonstração de proeza e aquisição de renome através das aventuras individuais se tornou majoritária contribuindo para que no século XV dois tipos de combate se tornassem populares nas regiões flamengas. De um lado, as justas com armadura completa (*full-scale armor*) altamente custosas e desenvolvidas junto a um cenário e programa elaborado. De outro, o desenvolvimento dos desafios de *pas d'armes*¹⁷⁰ ocupou os lugares dos torneios coletivos¹⁷¹. A partir da cronologia estabelecida por Évelyne Van Den Neste acerca dos combates realizados nas cidades flamengas¹⁷², comprova-se que nessas regiões próximas às possessões de Bar e Lorena do duque de Anjou houve a primazia das práticas individuais em detrimento dos torneios coletivos, mesmo com o ligeiro crescimento em relação ao século XIV.

¹⁶⁸ BARBER; BAKER. *Op. Cit.* p. 45-47.

¹⁶⁹ NESTE. La politique de l'État-Spectacle. In: *Op. Cit.* p. 202-206.

¹⁷⁰ O embate denominado *pas d'armes* apareceu no século XIII, mas tornou-se popular no século XV, especialmente nas regiões flamengas e da Borgonha. Raramente coletivo, consistia no cavaleiro (a pé ou com montaria) protagonista que declarava sua intenção em defender uma passagem demarcada contra qualquer adversário sob forma de *justas* ou, mais raramente, combates corporais. Com clara inspiração nos romances corteses, o local a ser defendido deveria exibir o escudo do "guardião da passagem" para que o desafiante pudesse tocá-lo com sua arma e declarar sua intenção de combate. NESTE. *Op. Cit.* p. 53-54.

¹⁷¹ BARBER; BAKER. The Late Medieval and Renaissance Tournament: Spectacles, Pas d'Armes and Challenges. *Op. Cit.* p. 107-137.

¹⁷² Para a documentação referente aos combates realizados nas vilas de Flandres entre os anos de 1300 e 1486, ver NESTE. *Op. Cit.* p. 211-331.

Tipos de Disputas	Século XIV	Século XV
<i>Justas (Individual)</i>	76	85
<i>Pas d'Armes (Individual)</i>	2	16
<i>Tourney (Coletivo)</i>	10	16

Os motivos políticos e o protocolo cerimonial por trás desses novos embates cavaleirescos eram os mesmos das cortes germânicas, embora mais pomposos e com destacado papel das damas e dos arautos. Assim como na Inglaterra e nas cortes germânicas durante o século XIV, há também a menção da participação recorrente das damas nos embates cavaleirescos nos Países Baixos. A escolha das mulheres não era aleatória, pois eram integrantes da nobreza e ligadas aos participantes dos combates ou aos mercadores citadinos mais ilustres. Há registros sobre o requisito de sua presença nos banquetes e danças posteriores às justas e torneios especialmente para a entrega dos prêmios, embora sua participação fosse mais passiva e simbólica¹⁷³. Outro destaque das práticas flamengas é a importância concedida aos *arautos*. Os príncipes e senhores do século XV possuíam diversos *arautos*, cuja identificação deveria remeter ao seu senhor. Esses oficiais divididos hierarquicamente eram verdadeiros mestres de cerimônia com múltiplas funções, incluindo a divulgação dos combates nas proximidades como representantes diretos de seus senhores, da organização das festividades e como participantes das negociações de paz durante as guerras. Já em finais do século XIV eram citados dentro das contas do ducado da Borgonha, assim como também eram empregados das cidades mercantis que patrocinavam suas justas¹⁷⁴.

Mediante esse panorama geral sobre as regiões que influenciaram as práticas e a etiqueta do *Traicitié*, algumas considerações sobre as peculiaridades do tratado devem ser realizadas a partir da análise do corpo lexical apresentado na tabela a seguir:

¹⁷³ NESTE. Les dames. In: *Op. Cit.* p. 153-155; VALE, Malcolm. Courtly Pursuits. In: *The Princely Court: Medieval Courts and Culture in North-West Europe 1270-1380*. Oxford: Oxford University Press, 2001. p.196-200.

¹⁷⁴ NESTE. Le role méconnu des hérauts. In: *Op. Cit.* p. 113-121.

Vocábulos	Ocorrências
<i>tournoy</i>	161
<i>jouxte, joust</i>	7
<i>bouhort, bouhordis, bouhourdis</i>	3
<i>lexcercice d'armes</i>	2
<i>espee, lespee</i>	37
<i>lance, lances</i>	14
<i>ville</i>	13
<i>court</i>	7

Primeiramente, o tipo específico de combate cavaleiresco é definido pela alta incidência do léxico *tournoy* (torneio) com 161 ocorrências comparada as poucas menções às justas (*jouxte, joust*), os *bouhort* (uma forma de combate corporal derivada do torneio de difícil definição e com poucas menções no século XV)¹⁷⁵ ou o exercício de armas (*lexcercice d'armes*) que pode se referir a qualquer tipo de embate. Esses três termos somados não ultrapassam 15 menções, o que aponta claramente a preferência do duque de Anjou pelo combate coletivo em massa praticados nas cortes germânicas e anteriormente na França.

Outra peculiaridade não indicada no corpo lexical, mas descrita no f. 46v e indicada iconograficamente, é o combate realizado em um local cercado por liças. Apesar dos torneios tardo-medievais já contarem com melhores delimitações, a preocupação com o estabelecimento e construção de barreiras com medidas exatas não é algo frequente na documentação a respeito. Em relação ao armamento preferido pelo duque de Anjou, a espada (*espee, lespee*) considerada a arma do cavaleiro por excelência, em detrimento das lanças (14) utilizadas nas justas, possui uma incidência no corpo lexical com 37 ocorrências. Mesmo que

¹⁷⁵ NESTE. *Op. Cit.* p. 51.

os príncipes e burgueses de Flandres e Brabant aderissem às justas e não aos torneios coletivo, a comparação direta das armas utilizadas no tratado e nessas localidades é indicada em ff. 33v-35v. As medidas adotadas pelo duque sempre se relacionam à segurança, mesmo que praticamente não haja um léxico específico sobre esse tema. Outra influência direta das regiões flamengas é a preferência pela realização do torneio nas vilas, com 13 ocorrências, enquanto as cortes (7) referem-se às residências dos príncipes-capitães e localidades onde os combates seriam divulgados.

Embora as descrições apontadas sobre a organização do evento condizem com aquelas realizadas pelo duque de Anjou, ele criou um tratado sobre a realização de um *tournoy* contrário aos jogos cavaleirescos contemporâneos à obra. Suas possíveis intenções seriam resgatar a ideia de união entre os nobres aristocratas, em vez de exaltar a individualidade caval(h)ieiresca. Podemos apenas teorizar sobre esses motivos, mas devido ao período de escrita do tratado em torno de 1460 e os seus problemas crescentes com o futuro monarca francês, possivelmente poderia ser uma tentativa de reunir os senhores nobres em torno de valores e práticas comuns e, simultaneamente, contrários à crescente centralização monárquica. Fundamentamos nossa teoria a partir dos próprios embates cavaleirescos promovidos pelo duque que seguiam o modelo corrente de valorização do indivíduo, as justas e os *pas d'armes*, os quais também foram registrados em manuscritos e altamente influenciado pelos romances cortesões¹⁷⁶. Se não houvesse alguma intenção, mesmo implícita, por parte do autor na criação da obra, possivelmente ele seguiria os costumes correntes ao registrar os eventos individuais, como os livros de torneio germânicos realizados no final do XV ou os próprios eventos patrocinados por ele.

¹⁷⁶ Para a descrição como foram realizados os combates sob o patrocínio do duque de Anjou, ver BARBER; BAKER. *Op. Cit.* p. 115-117; FAVIER, Jean. *Le roi René*. Paris: Fayard, 2008. p. 135-148.

Imagem 4 e 5: Início do Torneio [AVRIL, François. *Le Livre des Tournois du Roi René de la Bibliothèque nationale (ms. Français 2695)*. Paris: Éditions Herscher, 1986]

III. 3 Recepção literária e o amálgama dos ideais principescos, cortesão e cavaleiresco

No que concerne às referências literárias no tratado do duque de Anjou podemos considerar três influências diretamente relacionadas à cultura de corte do período tardo-medieval. No Capítulo I apresentamos as características da cultura de corte principesca e dentro do seu amálgama ideológico nota-se o influxo dos ideais principescos, provenientes dos escritos políticos conhecidos como *Espelho de Príncipe*, dos valores cortesões e cavaleirescos oriundos dos romances e tratados sobre a cavalaria. Mediante a importância desses valores para a aristocracia dos séculos XIV e XV, procuraremos definir quais características se encontram presentes no *Traicitié*. O objetivo é estabelecer os modelos de conduta e ideais adotados pelo duque de Anjou para incentivar implicitamente o comportamento de sua audiência durante a organização do torneio e as festividades em si.

A primeira análise do léxico refere-se à recepção dos valores cavaleirescos. Podemos afirmar que as influências da cavalaria são maiores no que se refere à prática, pois dentro daquilo que seria reconhecido como valores militares e cavaleirescos pouco encontramos no interior do campo semântico. Para realizarmos a comparação com o *Traicitié* nos basearemos nas qualidades apontadas por Geoffroi de Charny (†1356), cavaleiro francês altamente condecorado durante a guerra franco-inglesa que deixou alguns escritos sobre o exercício das funções da cavalaria. Entre suas obras encontra-se o *Livre de chevalerie*, um dos mais completos registros do ponto de vista secular sobre o assunto, embora já resultado do amálgama caval(h)eiresco¹⁷⁷. Após analisar detalhadamente cada uma das qualidades pertinentes a um cavaleiro, Charny retira da Bíblia o exemplo de melhor:

Demoraria muito para citar todos os cavaleiros, mas um breve e verdadeiro exemplo pode ser dado pelo excelente cavaleiro Judas Macabeus, em quem podemos encontrar todas as boas qualidades citadas acima. Ele era sábio (*saiges*) em todos os seus feitos, foi um homem de valor (*preudoms*) que levou uma vida santa. Ele era forte (*fors*), habilidoso (*appers*) e incansável em seus esforços (*penibles*). Ele era o mais belo (*plus belles*) entre todos e, sem arrogância (*orgueil*), ele era cheio de

¹⁷⁷ Richard Kaeuper estabelece bem o amálgama dos valores que influenciaram a cavalaria, inclusive nos escritos tardios sobre a reforma e a autocritica do comportamento dos cavaleiros. KAEUPER, Richard W. *Chivalry and Violence in Medieval Europe*. Oxford: University Press, 1999. p. 41-120; 189-230; 284-297.

proeza (*preux*), destemido (*hardis*), valente (*valiant*) e um grande combatente (*bien combatens*) [...] ¹⁷⁸.

Outras qualidades que Charny aponta são a *simplece* [simplicidade de coração] e *servent et honnorent* [leais servidores e honrados], ambas qualidades relacionadas a devoção cristã. Para ele, as supremas qualidades a serem encontradas no perfeito homem de armas é a união de *saiges* [sábio/ inteligente], *preudommie* [valeroso] e *preuesce* [portador de proeza] ¹⁷⁹. Segue-se os adjetivos citados por Charny encontrados no tratado do duque de Anjou:

Vocábulos	Ocorrências
<i>honneur, honneurs, honorables, honorable, honnorablement, honnoret, honnores, honnores</i>	31
<i>loyal, loyaulx, loyaulment</i>	3
<i>vertuz, vertueux, vertu</i>	3
<i>humble, humblement</i>	2
<i>vaillance</i>	2
<i>prouesse</i>	1
<i>prudommie</i>	1
<i>saige</i>	1

Simplese e fors são encontrados no texto, mas não se referem à qualidade do combatente, por isso não inserimos os vocábulos na tabela. O conjunto semântico relacionado

¹⁷⁸ “[...] And as it would take too long to recall all these knights, a brief and true account could be given of the excelente Knight Judas Maccabeus, of whom it can be said that in him alone were to be found all the good qualities set out above. He was wise in his deeds, he was a man of worth who led a holy life, he was strong, skilful, and unrelenting in effort and endurance; he was handsome above all others, and without arrogance; he was full of prowess, bold, valiant, and a great fighter [...]”. KAEUPER, Richard W., KENNEDY, Elspeth. *The Book of Chivalry of Geoffroi de Charny: text, context, and translation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996. p. 162-163. (Tradução Nossa)

¹⁷⁹ KAEUPER; KENNEDY. *Op. Cit.* p. 147-155.

a *honneur* geralmente é empregado na obra com o sentido de “honrar algo ou alguém” ou como “honra pessoal”, ou seja, aquisição de qualidades através dos feitos. Essa preocupação em adquirir *honneur* era algo comum nesse período, já que ser reconhecido como nobre não dependia somente da hereditariedade, mas do comportamento¹⁸⁰. Dessa forma, as qualidades militares apontadas por Charny, especialmente a *prouesse* com seu número elevado de ocorrências no *Livre de chevalerie*, não possuem destaque no campo lexical do tratado. Isso nos leva a concluir que a maior influência das características da cavalaria não ocorreu no campo da ideologia, mas das práticas como as justas e os torneios.

Uma característica marcante no tratado do duque é a alta incidência de valores aristocráticos, o que nos leva a concluir que seu torneio era um evento destinado à alta e média aristocracia. Nossa afirmação se baseia nos estudos realizados por Philippe Contamine¹⁸¹ e na observação dos dados do quadro abaixo:

Vocábulos	Ocorrências
<i>seigneur, seigneurie,</i> <i>seigneurs</i>	114
<i>chevalier, chevaliers</i>	79
<i>escuier, escuiers</i>	52
<i>duc, ducs</i>	28
<i>prince, princes</i>	20
<i>baronníe, barons, baron</i>	20
<i>conte</i>	10
<i>gentilhomme, gentilz hommes</i>	10

¹⁸⁰ Ver KEEN, Maurice. The Idea of Nobility. In: *Chivalry*. Yale: University Press, 1984. p. 156-161.

¹⁸¹ CONTAMINE, Philippe. Noblesse française, nobility et gentry anglaises à la fin du Moyen Âge. *Cahiers de recherches médiévales*, 13 | 2006. p. 105-131. Disponível em: <<http://crm.revues.org/755>> Acesso em 13 junho 2013.

Primeiramente, verificamos que o número de referências a “senhores” (*seigneurs*) é maior do que o número de “cavaleiros” (*chevaliers*), se considerarmos que *chevalier* nesse momento também passar a ser um título aristocrático. Outro fator que indica esse valor nobiliárquico para *chevalier* é a gradação hierárquica indicada em 12 ocorrências, cujo vocábulos *chevaliers et escuyers* sempre se encontram em último lugar:

prínces/ seigneurs / barons/ ch(eva)li(e)rs/ et escuiers

príncipes, senhores, barões, cavaleiros e escudeiros

A repetição dessa ordem e a apresentação dos títulos não é aleatória e deve ser entendida como a diferenciação social dos participantes. Contamine afirma que, embora associada à sua identidade local ou provincial, a aristocracia francesa era hierarquizada a partir de três níveis: os *príncipes* (*princes* territoriais ou consanguíneos), os *senhores* (*seigneurs* divididos em condes, viscondes e raramente barões, mas todos aristocratas que possuíam fidelidade de cavaleiros e escudeiros) e *gentilhommes*. Essa última categoria ainda poderia ser subdividida em dois escalões: os cavaleiros (*chevaliers*) de tradição e linhagem; e escudeiros (*écuyers*) considerados simplesmente *gentilhommes* e/ou *noble hommes*, embora esses últimos não necessariamente integravam a aristocracia¹⁸². Contamine ainda indica que por volta de 1470, alguns anos após a concepção do *Traicitié*, somente 1,5% da população detinha algum desses títulos, o que tornava de fato a prática do torneio restrita a um pequeno grupo.

Outra referência que comprova a hierarquização do público participante do evento são os adjetivos de elevação. Jean Flori argumenta que termos relativos a *poder* se relacionam aos *príncipes* para dar-lhes características de importância e destaque na hierarquia social, especialmente aquelas baseadas no ranking de nascença¹⁸³. Com algumas exceções indicadas, todos os adjetivos apontados abaixo seguem a titulação do competidor, organizador ou juiz, tanto para dirigir-lhe de maneira respeitosa, como para indicar sua importância na sociedade:

¹⁸² CONTAMINE. *Op. Cit.* p. 108.

¹⁸³ FLORI, Jean. Princes et milites chez Guillaume de Poitiers: Étude sémantique et idéologique. *Revue belge de philologie et d'histoire*. Tome 64 fasc. 2, 1986. Histoire-Geschiedenis. p. 219.

Vocábulos	Ocorrências
<i>tres</i>	77
<i>hault, haulte, haulx, hauls, haultes</i>	33
<i>tres haulx, tres hault, tres hauls</i>	11
<i>tres redoubte, tres redoibtez, tres redoubtees</i>	8
<i>tres puissant, tres puissans</i>	7
<i>puissant, puissans</i>	10
<i>redoubte, redoubtes, redoubtees</i>	13
<i>doubte, doubtes, doubtez</i>	6
<i>gentilz</i>	3

O vocábulo *tres* [muito/mais] indica um superlativo relacionado ao enaltecimento de algo ou alguém. No tratado, o superlativo pode ser encontrado junto a titulação ou acompanhado de outro adjetivo para reforçar a elevação social do indivíduo. Desse modo, o número de incidências é maior do que os demais adjetivos. Todas as aparições de *tres haulx, tres hault, tres hauls* [mais alto/de maior importância e valor na hierarquia social] sempre acompanham *tres puissant, tres puissans* [mais poderoso – no sentido de exercer poder sobre os demais] para demarcar unicamente o alto status social do príncipe. As ocorrências para *tres redoubte* ou *tres redoibtez* [muito/mais venerado/reverenciado] aparecem apenas para os “senhores” (*seigneurs*), enquanto o adjetivo feminino *tres redoubtees* refere-se à importância e destaque do papel das damas com posição destacada em relação as demais. O vocábulo *doubte, doubtes, doubtez* [temeroso – que impõe medo] se associa diretamente com os “cavaleiros” (*chevaliers*) e *gentilz* [elegante/ nobre de nascença] associa com a camada social mais baixa permitida no torneio, os “escudeiros” (*écuyer*).

A respeito do campo lexical jurídico, encontramos no tratado escrito pelo duque de Anjou ecos do direito costumeiro antigo, mas, ao mesmo tempo, inovações embasadas na distinção entre direito privado (*droit privé*) e público (*droit public*) do período tardo-

medieval. O vocabulário do *francês antigo* (até 1340) se caracterizava pela riqueza, complexidade e imprecisão que refletiam as particularidades da justiça feudal. Pode-se definir o direito medieval como um conjunto de regras e costumes que determinavam o que cada um poderia fazer de maneira legítima conforme sua condição social. No fim da Idade Média essa heterogeneidade evoluiu com base na melhor distinção dos tipos de direito e da inserção de latinismos em seu corpo lexical¹⁸⁴. Dentro das inovações no léxico jurídico tardo-medieval apontadas por Georges Matoré, o vocábulo *accepter* [aceitar] possui cinco ocorrências no *Traicitié*. O mesmo número segue-se para o termo do *francês antigo* *coustume/acoustume* [costume/acostumado], cuja definição jurídica seria “algo válido como lei a partir do julgamento aceito do senhor (*seigneur*), também reconhecido como juiz (*juge*)”. Outra inovação do tratado refere-se justamente ao léxico pertinente aos torneios dos séculos XIV-XV. De modo a diferenciar o direito do senhor feudal (*seigneur juge*) para dos juízes do combate, o duque de Anjou acrescenta ao termo “juizes” (*juges*) a palavra *diseurs* [porta-voz/árbitro], cujo número de ocorrências (40) chega a quase um terço do total para *juges* (124). Essa mistura lexical indica influência dos dois tipos de direito mencionados acima e a intercessão jurídica na ordenação dos participantes do evento como um todo.

A busca pela ordenação social através da organização do torneio é marcante no tratado conforme vemos na tabela abaixo:

Vocábulos	Ocorrências
<i>ordonnances, ordonnance, ordonnez, ordonner, ordonneront</i>	20
<i>lordre, ordre</i>	12

Se somarmos os vocábulos relacionados ao verbo *ordonner* e ao substantivo *ordre* teremos um corpo lexical de 32 palavras, ou seja, número maior do que cada titulação aristocrática mencionada anteriormente, com exceção do *chevalier* e *seigneur*. Isso demonstra a preocupação em não somente organizar, mas *ordenar hierarquicamente* os participantes.

¹⁸⁴ MATORÉ, Georges. *Le vocabulaire et la société médiévale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985. p. 188-196; 283-284.

Temos a correspondência da intencionalidade do autor em dois momentos. Primeiramente, nas descrições textuais de como deve ser feita a entrada na vila onde se realizará o torneio. No segundo momento, nota-se as intenções do autor em alcançar a audiência pretendida tanto através do conteúdo textual, quanto do ciclo imagético por meio das imagens da entrada na cidade.

Nas últimas linhas do fólio 49v quando Anjou aponta:

Et est donques neccessaire de savoir lordonnance et maniere Commant les tournoyeurs doyevent entrer/ en la ville on se doibt faíre ledit. Tournoy.

Em seguida se faz necessário saber a ordem e maneira como os competidores devem entrar na vila onde se realizará o torneio.

No fólio 51r ele continua a descrição de como deve ser realizada a entrada quatro dias antes da realização da competição para que todos se instalem na cidade e estendam seus brasões nas janelas das estalagens:

E primeiramente, os príncipes, senhores ou barões que irão dispor seus estandartes a todos devem se mostrar acompanhados, principalmente na entrada da vila, pelo maior número de cavaleiros e escudeiros competidores com que possam contar. E sua entrada deve ser feita como se apresenta a seguir.

A saber que o cavalo de guerra do príncipe, senhor ou barão chefe dos outros cavaleiros e escudeiros que os acompanham deve ser o primeiro a entrar na vila coberto com a insígnia de capitão e os escudos de armas nos quatro membros do seu cavalo de guerra [...]. E após a entrada do cavalo de guerra [do príncipe, senhor ou barão] os demais cavalos dos cavaleiros e escudeiros competidores devem entrar paralelamente dois a dois portando suas cotas de armas nos quatro membros conforme dito acima, se assim agradar-lhes. E após os cavalos de guerra [dos cavaleiros e escudeiros] devem seguir os músicos e menestréis. Em seguida, devem entrar os arautos e os oficiais de armas com suas cotas de armas vestidas. E após eles, os cavaleiros e escudeiros competidores com os demais seguidores¹⁸⁵.

¹⁸⁵ [f. 51r] ET premierement les princes seigneurs ou barons | qui voudront desploier leur banniere au tous noy | doivent mettre peíne destre acompangnez. | princípalemment a lentree quilz seront/ en la ville de la plus | grant quantite de ch(eva)li(e)rs et escuiers tournoyans quilz pourront | finer Et/ en telle façon doivent faire leur entree co(m)me cy | apres sensuit | Cest assavoir que le destrier du prince seigneur ou baron | chief des autres ch(eva)li(e)rs. et escuiers qui lacompaigne(n)t | doit/ et estre le/ premier entrant dedans la ville en couv(er)te | de

A busca pela ordenação não necessariamente correspondia às estritas divisões sociais do período, embora houvesse alguma hierarquização no interior do reino francês e maior controle por parte do monarca na concessão de títulos. Contamine aponta que para ser considerado *nobre* se fazia necessário viver de acordo com certos parâmetros, como possuir um tipo de riqueza específico e ser reconhecido socialmente pelas demais camadas como tal¹⁸⁶. Ele ainda indica que a Inglaterra possuía uma sociedade muito mais hierarquizada que a francesa devido ao respeito às leis suntuárias, estabelecendo a divisão com base na “precedência, diferença e patrocínio”¹⁸⁷. Por conta dessa menor separação social, podemos pressupor que a preocupação com a ordenação no interior do *Traicitié* relaciona-se com a tentativa de organização da sociedade francesa de acordo com as teorias políticas do “corpo orgânico” estabelecidas pelos tratados políticos denominados *Espelhos de Príncipe* e altamente populares em fins da Idade Média.

A designação de *Espelho de Príncipe* (*Miroir des Princes*) aplica-se aos tratados que apresentam o retrato do príncipe ideal e, simultaneamente, oferecem-lhe conselhos para o bom governo. Primeiramente, por *príncipe* entende-se qualquer governante e não apenas o monarca chefe do Estado centralizado. Em segundo lugar, o termo refere-se indiferentemente a textos breves ou longos, em prova ou verso, e de gêneros literários variados. Essa amplitude na definição de *Espelho de Príncipe* permite considerar uma linhagem de textos oriundas da Antiguidade helenística que se desenvolveram com relativa autonomia até o século XVI. O interesse pelo gênero foi particularmente elevado durante toda a Idade Média, mas especialmente a partir do século XII com a redescoberta de autores greco-romanos como Aristóteles. Os *Espelhos* contribuíram para a evolução das ideias políticas sem recorrer somente aos textos de teologia, direito ou outros escritos sobre a prática do *poder*, isolando-o dos demais escritos definidos como *políticos*. O primeiro livro do gênero foi a obra *Policraticus* de John Salisbury (†1180), escrito dentro do quadro da constituição do império Plantageneta na Inglaterra do século XII. Os futuros *Espelhos*, em latim ou língua vernácula,

la divise du s(ei)g(neur) et/ quatre escussions de ses armez aux q(ua)tre | membres /dud(it) cheval/ [...] Et apres led(it) destrier | doivent pareillement entrer les destriers des autres. | ch(eva)li(e)rs. et escuiers tournoyans de sa compaigne deux a deux | / on ch(ac)un par soy a leur plaisir/ aians touteffoiz leurs | armes es quatre membres ainsi que dit est devant Et | apres lesd(its) destriers doivent aler les trompettes et menestrelz | cournans et sounans /ou autres instrumens telz quil. | leur plaira Et puis apres leurs heraulx ou poursuíva(n)s | aians leurs cottes darmes vestues. Et apres eulx | lesd(its) ch(eva)li(e)rs et escuiers tournoyans avec leur suite de toutx | autres gens. |

¹⁸⁶ CONTAMINE. *Op. Cit.* p. 114-116.

¹⁸⁷ CONTAMINE. *Op. Cit.* p. 117.

retiraram das concepções de Salisbury a base de suas fundamentações e alcançaram outras cortes europeias desde a região atual dos Países Baixos até a Península Ibérica¹⁸⁸.

A ordenação hierárquica apresentada no tratado do duque de Anjou tem como base a concepção de *corpo orgânico* presente em praticamente todos os *Espelhos* desde Salisbury. Nos séculos XIV e XV, os *Espelhos* não seriam concorrentes, mas incentivadores de novos gêneros literários tardios. Essa literatura política específica passou a corresponder às aspirações do público envolvido com o poder administrativo, ao mesmo tempo em que sua linguagem didática pôde ser incorporada em gêneros textuais diversos como diálogos, tratados técnicos, demandas e cenários que atendiam às necessidades de comunicação com a audiência pretendida¹⁸⁹. A biblioteca do duque da Borgonha apresentava grande quantidade de *Espelhos*¹⁹⁰, portanto, conforme estabelecemos no Capítulo I, possivelmente o duque de Anjou tomou contato com essas obras, todas necessárias para a formação aristocrática do bom governante no período tardo-medieval. Mediante o fato que esses *Espelhos* possuíam as mesmas características relacionadas às qualidades dos príncipes, conforme analisado por Born¹⁹¹, usaremos como parâmetro aqui a obra do clérigo inglês por ser a precursora do gênero.

A ideia de *corpo orgânico* é apresentada no Livro V, Capítulo 2 do tratado político de Salisbury:

A posição da cabeça, na República, é ocupada pelo príncipe sujeito apenas a Deus e aqueles que agem em Seu nome na terra, assim como no corpo humano a cabeça é estimulada e governada pela alma. O lugar do coração é ocupado pelo senado, do

¹⁸⁸ GENET, Jean-Philippe. L'évolution du genre des Miroirs des princes en Occident au Moyen Âge. In: CASSAGNES-BROUQUET, Sophie (dir.) et al. *Religion et mentalités au Moyen Âge: Mélanges en l'honneur d'Hervé Martin*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. p. 531. Ver também LE GOFF, Jacques. Retrato do rei ideal. In: *Uma longa Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 217-238, especialmente para a definição de *speculum* [espelho], p. 223-224.

¹⁸⁹ GENET, Jean-Philippe. Humanisme et littératures. In: *La mutation de l'éducation et de la culture médiévales*. Tome 2. Paris: Seli Arslan, 1999. p. 427-432.

¹⁹⁰ Dentre as obras encontramos algumas de autor anônimo como *Le miroir de Roys* e *De informatione Principum*, como também as obras de Gilles de Rome, *Le livre du gouvernement des Rois*, Christine de Pisan, *Le corps de Policie*, e St. Thomas d'Aquin, *L'information des Princes*. Ver MARCHAL, François J. F. (ed.). *Catalogue des manuscrits de la Bibliothèque Royale des ducs de Bourgogne*. C. Murquardt: Bruxelles et Leipzig, 1842. Tomo I. p. 249-270.

¹⁹¹ BORN, Lester Kruger. The perfect prince: a study in thirteenth and fourteenth century ideals. *Speculum*, v. 3, n° 4, 1928. p. 470-504.

qual procede os bons e maus trabalhos. As responsabilidades dos ouvidos, olhos e bocas são dos juízes [...]. As mãos coincidem com os oficiais e soldados [...]¹⁹².

Iniciando a análise a partir do *corpo orgânico* de Salisbury verificamos que na base da hierarquia ele cita os *oficiais* como “as mãos” que organizam e aplicam as decisões apontadas pela “cabeça”. Podemos comparar esses *oficiais* com os *arautos de armas* (*roy darmes*, *heraulx* e *poursuivans*) com base nos números da tabela abaixo. Esses auxiliares encarregados em organizar o torneio são tão importantes que possuem destaque no corpo lexical do *Traicitié*. Somando-se as três funções citadas acima, a ocorrência para *arautos de armas* (127) é maior do que os números para as principais figuras do tratado: *juges* (124) e *seigneur* (114). Individualmente, as recorrências para *roy darmes* (51), *heraulx* (37) e *poursuivans* (39) são números próximos aos outros integrantes destacados no tratado como os *chevaliers* (79), *escuiers* (52) ou *dames/damoiselles* (70), e bem acima das demais titulações aristocráticas. Isso demonstra não apenas a reputação como organizadores especializados, a saber pela divisão hierárquica das funções de *arautos*, mas também sua relevância sociocultural no interior desse grupo aristocrático.

Vocábulos	Ocorrências
<i>juges, juge</i>	124
<i>juges diseurs</i>	40
<i>roy darmes</i>	51
<i>heraulx, herault</i>	37
<i>poursuivans, poursuiuans, pourssuivant, poursuivanz,</i> <i>poursuivant, poursuyvant</i>	39

¹⁹² “The position of the head in the republic is occupied, however, by a prince subject only to God and to those who act in His place on earth, inasmuch as in the human body the head is stimulated and ruled by the soul. The place of the heart is occupied by the senate, from which proceeds the beginning of good and bad works. The duties of the ears, eyes and mouth are claimed by the judges [...]. The hands coincide with officials and soldiers. [...]”. SALISBURY, John of. *Polieraticus*. Edited and Translated by Cary J. Nederman. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 67. (Tradução Nossa)

A referência aos *arautos de armas* remonta ao século XII, mas somente na segunda metade do século XIV que eles adquiriram uma posição fortemente estabelecida no mundo da cavalaria. As primeiras referências literárias aparecem em Chrétien de Troyes (como em *Lancelot ou le Chevalier de la Charrete*, linha 5547), na crônica sobre o cavaleiro William Marshal (*L'Histoire de Guillaume le Maréchal*, linha 5222) ou nas várias passagens do relato *Tourney de Chauvancy* do século XIII. A partir da Baixa Idade Média, todos os aspirantes deveriam ser peritos em armoriais, heráldica e o cerimonial da cavalaria. Deveriam também conhecer as regras dos combates, saber julgar os valores dos cavaleiros, assim como manter registro dos adubamentos, seus feitos em batalhas e ritos funerários dos que pereceram. No período tardo-medieval, os *arautos de armas* se organizaram em uma corporação com escalas de aprendizagem, iniciando os estudos como aprendiz denominado *poursuivant* [oficial de armas], seguindo a colocação de *herault* [arauto], para se chegar a *roy d'armes* [rei das armas] como os líderes de suas profissões e proprietários de suas próprias bibliotecas. Esse conhecimento técnico, aprimorado ao longo dos séculos, garantiu aos *arautos de armas* destaque maior no seio aristocrático e cavaleiresco, ao mesmo tempo que acompanhou o incremento da ritualização dos torneios e justas, indicando o desenvolvimento da cultura caval(h)eiresca e seus meios de expressão (textual, imagético ou material) ¹⁹³.

Sobre a autoridade das “mãos” no *corpo orgânico*, Salisbury assim descreve no Livro VI, Capítulo 1:

“E a mão da república é tanto armada quanto desarmada. [...] a mão armada é aquela que despacha a justiça e se faz presente na guerra, distante das armas, para lidar com as questões legais. [...] Acrescenta-se que a disciplina é necessária ambas [as mãos], pois ambas estão notadamente acostumadas a serem enganadas. O uso da mão atesta a qualidade da cabeça em si mesma [...]. E então, os servidores públicos aceitam, de acordo com a lei, exatamente aquilo que é devido a eles das taxas [...]”¹⁹⁴.

Acerca do *roy d'armes* e seu prestígio no tratado do duque de Anjou:

¹⁹³ KEEN. Heraldry and Heraldry. In: *Op. Cit.* p. 134-142.

¹⁹⁴ “And so the hand of the republic is either armed or unarmed. [...] the unarmed hand is that which expedites justice and attends to the warfare legal right, distanced from the arms. [...] In addition, discipline is necessary for both because both are notoriously accustomed to being wicked. The use of the hand testifies to the qualities of the head itself [...]. And so public servants lawfully [accept] exact what is owed to them from fees [...]”. SALISBURY. *Op. Cit.* p. 104-106. (Tradução Nossa)

“[...] A saber, que o tal príncipe diante de todos os seus barões, ou ao menos de grande quantidade de cavaleiros e escudeiros, deve chamar o Rei de armas de seu país, pois a ele pertence [essa honra] diante de todos os outros Rei de armas. E se ele não estiver, em sua ausência algum notável arauto [...].

Nota que o Rei de armas deve estar na arquibancada com os demais juízes.

Devem doar os cavaleiros e escudeiros que jamais participaram de um torneio devem dessa vez pagar por seus elmos e agradecer em armas ao Rei de armas, arauto e ao oficial de armas”.¹⁹⁵

Subindo na hierarquia do *corpo orgânico* temos a maciça presença e importância dos “juízes”. Na tabela anterior, nota-se que a palavra *juges/juge* [juízes/juiz] possui a maior incidência no corpo lexical do tratado apenas atrás de *tournoy* (161), destacado por ser o objeto central da obra, e ultrapassa inclusive a titulação aristocrática de *seigneur* (114). Ao equiparar-se às ocorrências para *arautos de armas* (127), a recorrência dessa temática envolvendo os organizadores do evento demonstra a maior preocupação com a ordenação e regras – da prática e da etiqueta – que deviam ser rigorosamente seguidas, do que com o combate em si.

No início da obra, o duque de Anjou apresenta as condições para a realização do torneio e dentre elas encontra-se a escolha de quatro juízes, dois de cada território dos duques-capitães. E ele aponta quais os critérios para a escolha:

E deve escolher entre os voluntários os juízes mais notáveis e honoráveis entre os antigos barões, cavaleiros e escudeiros que se possa encontrar, dentre os quais aqueles que viajaram e viram muito, com reputação de mais sábios e os que conhecem mais do que ninguém sobre os feitos das armas¹⁹⁶.

¹⁹⁵ [f. NP2] [...] Cest assavoir qui led(it) prince voyant/ | toute sa baronníe/ ou du moins grant quantite de | ch(eva)li(e)rs et escuiers/ doibt appeller le Roy darmes de la | contree Car a lui appartient/ devant/ tons autres. | Roys darmes/. Et sil ny est en son absence quelque | herault notable/. [...] | [f. 107v] NOta que le Roy darmes Doit/ estre ou chauffault | avec lesd(its) juges. | [f. 109r] DONs les ch(eva)li(e)rs et escuiers tournoyeurs qui jamaiz | nauront tournoye que celle foiz la /s(er)ont tenuz | de paier pour leurs heaulmes et bien venue en armes | au Roy darmes heraulx ou poursuivans |

¹⁹⁶ [f. 5r] [...] Et fait bien | voulentíers les juges des plus notables/ honorables | et anciens barons ch(eva)li(e)rs et escuiers quon puisse trouver | qui ont plus veu et voiage/ et qui sont repputez les | plus saiges./ et mieulx se congnoissans en fait darmes/ | que daut(re)s |

As referências remetem às qualidades do príncipe e seus conselheiros comumente citadas nos *Espelhos*, e conforme o trecho do Livro V, Capítulo 9 do *Policraticus*:

[...] Pois o que é mais nobre do que a reunião dos antigos [...] adaptados aos negócios da sabedoria [...] Aquele que diligentemente investiga todos os assuntos e sabe executar as coisas como devem ser feitas é sem dúvida o homem sábio e o mais apropriado conselheiro para o príncipe¹⁹⁷.

Qualidades como “sabedoria”, “conhecimento no assunto”, “linhagem antiga” e “nobreza” são encontrados em ambos os excertos. As virtudes descritas combinam, dentro do *corpo orgânico*, com os critérios dos membros do Senado, ou seja, dos conselheiros do príncipe. Visto que no *Traicitié* os juízes são conselheiros, irão impor a ordem e as regras estabelecidas pelos príncipes-capitães, e, ao mesmo tempo, são integrantes da aristocracia, podemos estabelecer a correspondência de funções e influência literária.

O duque de Anjou ressalta as qualidades mandatórias nos juízes (*juges*) e indica que não se trata de livre escolha, mas de certa obrigação em obedecer aos duques (*seigneurs duc de Bourbon et duc de Bretagne*). De forma a reforçar a retórica da obrigatoriedade, ele insere as palavras proferidas por ambos os lados no discurso direto do rei de armas, (*roy d’armes*) enviado pelo duque da Bretanha, e pelos cavaleiros (*chevaliers*), que foram convocados a serem juízes. Essa opção textual não pode ser considerada aleatória, pois o autor reforça o prestígio do *roy d’armes* como oficial principesco e portador da palavra de autoridade, simultaneamente às marcas de oralidade com a instrução em como seguir o cerimonial e etiqueta através do discurso proferido:

“Esses senhores consentiram em comum sobre todos os demais vocês foram os escolhidos e designados devido sua grande prudência, renome de sua inteligência e virtudes que há longo tempo se encontram em suas nobres pessoas. Não venham a recusar, pois muitíssimos bens podem se seguir [disso].

Nós agradecemos humildemente aos mais reverenciados senhores a honra que tem por nós, o amor que tem por nós e a fé que deposita em nós [...]. Não por menos,

¹⁹⁷ “For what is more noble than a meeting of elders who [...] are adapted to the business of wisdom [...] He who diligently investigates all matters, and who knows and executes the things which are to be done, is without doubt the wise man and the most appropriate counsellor for the prince”. SALISBURY. *Op. Cit.* p. 81-83. (Tradução Nossa)

para obedecer aos nossos mais renomados senhores nos colocamos de bom grado a
lh'es obedecer e servir em aceitar a carga que diante de nós é colocada [...]"¹⁹⁸

As obrigações as quais os juízes estão submetidos também ecoam no tratado político. No que se refere à aplicação das punições e rigor da justiça, como *"juntar aqueles que cometerem sacrilégios, bandidos, ladrões e saqueadores e remover do caminho todos esses criminosos"*¹⁹⁹, essas são semelhantes às punições que citamos anteriormente com base nas regras das sociedades germânicas de torneios. Os últimos três fólios do tratado (ff. 105v-109r) tratam especificamente dos detalhes acerca dos encargos dos juízes, paralelamente a dos *heraulx* e *poursuivans* liderados pelo *roy d'armes*, no que concerne à organização. Essas atribuições nada têm a ver com a influência principesca, mas diretamente relacionadas às práticas da cavalaria.

Além de ser um tratado técnico preocupado com a ordenação do evento e voltado para a aristocracia, seu terceiro principal elemento encontra-se na preocupação com a participação feminina seguindo os romances cortesios dos séculos precedentes. O amor romântico (*fin amour*), ao lado da proeza, piedade e status constituem os elementos básicos que deram as características à cavalaria²⁰⁰. Embora não haja uma visão uniforme sobre a ideologia envolvendo a mulher que variavam desde misoginia à idealização, no que se refere ao amor cortesão (*courtly love*), a valorização das qualidades das damas se faz presente nos romances provenientes das regiões francesas. Ressaltamos que não é nosso enfoque discutir a questão envolvendo os diversos comportamentos em relação às mulheres, apenas apontar as influências literárias no que concerne ao comportamento cortesão, o terceiro aspecto presente no tratado.

Marcia Colish aponta como duas principais influências *A Arte de Amar* de Ovídio e *Tratado sobre o Amor* (1181-1190) de Andrea Capellanus (†1220) sobre esses romances envolvendo a idealização da dama e o comportamento caval(h)eiresco. Algumas das

¹⁹⁸ [f. 15r] Lesquelx seigneurs dung co(m)mun. | assentement sur tous aut(re)s vous ont sur ce choisiz | et esleuz pour la grant faire de prud(h)omie Ren(n)omee | de sens et los de vertuz quí de long temps co(n)tínent | en voz nobles personnes/ Si ne vueillez de ce es(tre) | Reffusáns/. Car moult de bien sen pourra ensuir/ | [f. 17r] NOus Rem(er)cions humblem(ent) noz t(re)s redoubtez s(ei)g(neur)s | de honneur quilz nous sont/ de lamour quilz nous | pourtent/ et de la fiance quilz ont en nous/ [...] | Neantmoíns pour obeir a nosd(ites) t(re)s redoubtz seigneurs | /nous offrons de bon meur a les obeir et s(er)vir/ En accept(ant) | la charge que cy devant nous avez [...]. |

¹⁹⁹ "For he ought to round up the sacrilegious, the bandits, the thieves, the plunderers and, just as he clears away all these offenders [...]" . Cap. 15, livro V. SALISBURY. *Op. Cit.* p. 95. (Tradução Nossa)

²⁰⁰ KAEUPER. *Op. Cit.* p. 209

indicações sobre o amor feito por Capellanus aparecem primeiro em Chrétien de Troyes e depois ecoam nos demais romances e tratados tardios sobre a cavalaria. Para Capellanus, o verdadeiro amor (*fin amour*) é aquele que colabora com o desenvolvimento do amante/apaixonado ao torna-lo mais cortês, humilde e gracioso no serviço prestado à dama, pois o que importa ao autor são os efeitos desse sentimento sobre o homem, já que a mulher seria um ser passível e superior a ele. O principal objetivo seria ganhar o amor da dama através do uso de um objeto símbolo de seu afeto e sempre estar atento às suas necessidades²⁰¹. Erich Auerbach indica que o *fin amour* é muito frequentemente o motivo imediato dos feitos heroicos, especialmente quando houvesse ausência de outras justificativas para essas empreitadas²⁰². Percebe-se essa inspiração afetiva nos votos solenes e juramentos feitos durante os séculos XIV-XV, quando literatura e práticas do cotidiano tornaram-se cada vez mais interligadas²⁰³.

Embora não haja vocábulos relacionados diretamente com o léxico para *cortesia*, a maior influência cortesã no tratado pode ser percebida no destaque que as damas possuem na organização do torneio e no comportamento direcionado a elas. Embora das três ocorrências de *damour/amour*, somente uma delas refere-se à aquisição do “amor da dama”, o número de recorrências do tema relacionado às mulheres marca sua importância:

Vocábulos	Ocorrências
<i>dames</i>	55
<i>damoiselles, damouselles</i>	15

Se considerarmos os dois termos juntos teremos um total de 70 ocorrências demarcando a importância da presença feminina, mais da metade do número para o vocábulo

²⁰¹ COLISH, Marcia L. Courtly Love Literature. In: *Medieval Foundations of the Western Intellectual Tradition 400-1400*. New Haven: Yale University Press, 2002. p. 184-187. Ver também RÉGNIER-BOHLER, Daniele. Amor cortesão. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Coordenador da tradução Hilário Franco Jr., Tradução do verbete por Lênia Márcia Mongelli. Bauru, SP: Edusc, 2006. Vol. 1, p. 47-56.

²⁰² AUERBACH, Erich. A saída do cavaleiro cortês. In: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad., São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 107-123.

²⁰³ Sobre essa questão ver nota 82.

seigneur (114), quase o mesmo número para *chevaliers* (79) e maior do que as outras titulações hierárquicas da aristocracia apontadas anteriormente. Seguindo a comparação lexical, somente *juges* (124) e os *arautos de armas* (127) possuem incidência maior no tratado em relação a esses temas, justamente por serem os responsáveis na organização do evento. Nota-se a indicação cortesã sobre a importância das damas logo nos primeiros fólios do tratado, quando o autor, em forma de discurso direto do *roy d'armes* em nome do duque da Bretanha, aponta seu desejo de organizar um torneio “*na presença das damas e senhoritas e de todos os demais*”²⁰⁴. A oralidade assinalada pelo discurso direto apenas reforça a dupla relação da intencionalidade autor-personagem na importância do papel das damas como audiência principal do torneio, se seguirmos a gradação hierárquica e o número de ocorrências do léxico.

Mesmo integrantes do corpo de organizadores, esses cavaleiros-juízes possuem relações diretas com elas apontadas em vários trechos da obra. A primeira aparição dessa ligação ocorre justamente no vocábulo *amour* no sentido cortesão, pois “*por ventura pode acontecer de um jovem cavaleiro ou escudeiro, [que] se fizer por bem, irá adquirir a misericórdia, a graça e o incremento do amor de sua gentil dama e senhora*”²⁰⁵ caso ele aceite ser juiz do torneio. Encontramos o eco desse tema de “lutar pelo amor da dama” em Geoffroy de Charny, que por sua vez se inspira na figura de Lancelot em *Lancelot ou Le Chevalier de la Charrete* (1181) para tal atitude:

“E eles [os cavaleiros] devem ser elogiados e honrados, e também devem ser as nobres damas que os inspiraram e por quem fizeram seus nomes. E aquele deve de fato honrar, servir, e realmente amar essas nobres damas [...] que inspiram homens a alcançar grandes conquistas [...]”²⁰⁶.

“[...] Ela acredita que se ele soubesse que ela está na janela, assistindo e contemplando, ele retomaria sua força e coragem [...]. Quando Lancelot ouviu seu nome, ele viu lá no alto, a pessoa que mais desejava ver no mundo [...] Lancelot avança contra ele [seu inimigo] e o golpeia violentamente com o peso de seu escudo

²⁰⁴ [f. 5r] [...] En la p(rese)nce de dames | et de damoiselles et/ de tous aut(re)s [...]

²⁰⁵ [f. 15v] [...] par aventure pourra il advenir | que tel jeune ch(eva)li(e)r ou escuier par bien y/ faire | y acquerra mercy grace ou augmentac(i)on damour de sa | t(re)s gente dame et cellee maistrasse |

²⁰⁶ “And they should be praised and honored, and so also should the noble ladies who have inspired them and through whom they have made their name. And one should indeed honor, serve, and truly love these noble ladies [...] who inspire men to great achievement [...]”. KAEUPER; KENNEDY. *Op. Cit.* p 94-95. (Tradução Nossa).

[...]. Sua força e audácia [retornaram] em grande parte sob os efeitos do Amor que vieram lhe conceder um grande auxílio [...]”²⁰⁷.

Algumas de suas qualidades, além da gradação de superlativos que apresentamos anteriormente, refletem esse papel símbolo de inspiração e proteção. No f. 79v vemos o léxico ligado à virtude e ao direito, quando através do discurso direto o *roy d’armes* proclama “*como são das damas e senhoritas, conforme o costume frequente, de terem o coração piedoso*”²⁰⁸. O romance *Érec et Enide* (1169-70) de Chrétien de Troyes traz as primeiras características de exaltação às mulheres através da descrição de suas virtudes.

Encontramos nas palavras do cavaleiro Érec as qualidades da dama pela qual ele se apaixona, Enide. Assim procede com a descrição dela:

“[Nós] Percorreríamos a terra toda sem poder encontrar mais bela. Ela é tão nobre e honrada, tão cheia de palavras sábias e de amabilidade, de bondade e de charme que o melhor observador não conseguiria encontrar nela a menor loucura, maldade ou vilania. Ela é tão educada que se sobressai em largueza e saber, ela se sobressai dentro de todas as qualidades que convém às damas. Todos a amam por sua generosidade e aquele se coloca a seu serviço só tem a se beneficiar”.²⁰⁹

Nota-se que as virtudes descritas são as mesmas relacionadas à aristocracia ou aos cavaleiros, ambas apontadas no início desse capítulo, pelo fato da dama Enide pertencer a uma família de linhagem nobre. O comportamento respeitoso às damas era somente para as mulheres pertencentes a camada nobiliárquica devido a repetição da temática envolvendo a generosidade (*largesse/ générosité*), característica essencialmente aristocrática e posteriormente associada aos caval(h)eiros. Nos trechos anteriores próximos a esse que

²⁰⁷ “[...] Elle pensa que s’il la savait à la fenêtre où elle se trouvait, en train de regarder et de contempler, il en reprendrait force et courage [...]. Quand Lancelot entendit son nom [...] il vit, là-haut, la personne qu’au monde il désirait le plus regarder [...] Lancelot s’enlance contre lui et il le heurte si violemment de tout son poids avec son écu [...]. Et sa force et son audace grandissent sous l’effet d’Amour qui lui apport un grand secours [...]”. TROYES, Chrétien de. *Oeuvres complètes*. Édition publiée sous la direction de Daniel Poirion, avec la collaboration d’Anne Berthelot et al. Paris: Gallimard, 1994. p. 596-598. Linhas 3643-3735 (Tradução Nossa)

²⁰⁸ [f. 79v] [...] Co(m)me áinsi soit que dames et/. | Damoiselles ont toujours de coustume d’avoir. | le cuer pitteux. [...] |

²⁰⁹ “Parcourrait-on la terre entière qu’on ne pourrait en trouver de plus belle. Elle est si noble et honorable, si pleine de sages paroles et d’amabilité, de bonté et de charme que le meilleur observateur ne saurait découvrir chez elle la moindre folie, méchanceté ou vilénie. Elle est si bien élevée qu’en plus d’exceller en largesse et en savoir, elle excelle dans toutes les qualités qui conviennent aux dames. Tous l’aiment pour sa générosité et celui qui peut lui rendre service s’en estime davantage”. TROYES. *Op. Cit.* p. 60-61. Linhas 2425-2441 (Tradução Nossa).

citamos, Érec inicia a descrição da dama pela qual se apaixona ressaltando sua “grande beleza e grande nobreza” (*la grande beauté et de la grande noblesse*), e o faz novamente no trecho acima reafirmando como marcas principais de sua qualidade.

Ao contrário da ideia de passividade em Capellanus, as damas do tratado do duque de Anjou possuem papel ativo durante a organização e o torneio. Sua participação efetiva inicia-se no f.70r quando elas são acompanhadas pelos *roy d’armes* e *juges* para a inspeção dos elmos dos participantes. Não apenas isso, elas devem tocar o elmo daqueles que por ventura as desrespeitaram e se “*caso debatido e provado ser verdade tal que merece a punição. E nesse caso, deve apanhar para [...] de outro modo não falar ou maldizer desonestamente as damas como é de costume*”²¹⁰.

A ideia de punição para aqueles que ofenderam as damas ou que não cumpriram com seus votos também é retirada da literatura arthuriana. Em *Perlesvaus*, romance sobre a lenda do Santo Graal escrita na metade do século XIII e baseada em *Perceval* de Chrétien de Troyes, Lancelot ameaça um cavaleiro que se recusa a cumprir seu juramento prestado à dama e justifica sua ameaça ao dizer porque ele fará isso:

“[...] não somente pelo bem da dama, mas como para vencer a maldade que há em você, para evitar que seja um objeto de reprovação para outros cavaleiros; pois um cavaleiro deve manter seu voto feito à dama ou senhorita e nenhum cavaleiro deve achar maldosamente de propósito. E essa é a maior maldade de todas, e não importa o que a dama disser [...], se você não cumprir com sua promessa, eu irei te matar para evitar censuras à cavalaria”.²¹¹

Além de indiretamente servirem como juízes, no f. 81r as damas escolhem o melhor dos cavaleiros para ser seu “campeão” e “*no torneio portar na ponta da lança o véu [que lhe foi] presenteado*”²¹² e conceder os prêmios e a dança aos vencedores dos combates. Contudo,

²¹⁰ [f. 70r] [...] le cas bien des batu et attaint | au vray estre trouve tel quil meríte pugnit(i)on | Et lors en ce cas doibt estre si bien batu [...] | que une aut(re)ffoiz ne parle ou mesdie ainsi desho(n)ne// -| stement des dames co(m)mme il a acoustume/. [...] |

²¹¹ “[...] not so much for the maiden’s sake as to overcome the wickedness in you, lest it be na object of reproach to other knights; for knights must keep a vow made to a lady or a maiden and you claim to be a knight; and no knight should knowingly act wickedly. And this is a greater wickedness than most, and whatever the maiden may say [...] if you do not do as you promised, I will kill you lest it bring reproach upon chivalry”. BRYANT, Nigel. *The High Book of the Grail: A Translation of the Thirteenth-Century Romance of Perlesvaus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. 113. (Tradução Nossa)

²¹² [f. 81r] [...] ond(it) tournoy Deust porter au bout | Dune lance ce p(rese)nte couv(re)chief/. [...] |

a indicação de papel efetivo no tratado não necessariamente aponta para a liberdade no interior da sociedade tardo-medieval, mas se encaixa dentro dos parâmetros das festas caval(h)eirescas das cortes flamengas e germânicas em relação à participação feminina. As referências ao papel das damas não são apenas textuais e se mostram frequentes no ciclo iconográfico do tratado em diferentes momentos.

Na análise do trecho anterior de *Perlesvaus* nota-se a menção à fidelidade às damas já debatidas e a questão da honra da cavalaria. A preocupação com a palavra jurada relaciona-se com as características básicas do direito feudal em manter a *honra* através do cumprimento daquilo que foi prometido. Conforme dissemos anteriormente, o tratado do duque de Anjou preserva as características jurídicas feudais nas promessas realizadas através dos discursos direto, utilizados na obra de modo a confirmar essa intenção. A ideia de *honra* envolvida por trás do juramento como algo de suma importância é comprovada pelo corpo lexical temático (*honneur, honneurs, honnorables, honnorable, honnorablement, honnorez, honnores, honnorees*) com 31 ocorrências no tratado. Ao associarmos o termo a partir dos valores cavaleirescos citados por Charny e a necessidade de comprovação nobiliárquica através do comportamento, podemos verificar o prestígio do léxico retirado tanto dos romances cortesões, quanto de tratados sobre cavalaria criando o amálgama do caval(h)eiro.

O *Llibre de L'Ordre*, presente na biblioteca do duque da Borgonha, escrito por Ramon Llull (†1316) no final do século XII e muito popular em fins da Idade Média²¹³ descreve no Capítulo VII as honrarias envolvendo o cavaleiro que ecoam tanto em *Perlesvaus*, em Charny e no *Traicitié*:

“[...] E Cavalaria é honrado ofício e é muito necessário ao regimento do mundo. [...] À honra do cavaleiro convém que seja amado, porque é bom; e que seja temido, porque é forte; e que seja louvado, porque é de bons feitos [...]. Se os homens que não são cavaleiros são obrigados a honrar cavaleiro, quanto mais cavaleiro é obrigado a honrar a si mesmo e seu par cavaleiro! [...] A qual nobre coragem é desonrada quando cavaleiro aí mete vis e malvados pensamentos, e enganos e traições [...]. Cavaleiro que desonra a si mesmo e a seu par cavaleiro não deve ser digno de honra nem de honraria [...]”.²¹⁴

²¹³ Foram conservados 14 manuscritos na tradução francesa com datação entre o final do século XIV e o início do XVI. LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem da Cavalaria*. Ed. Bilíngue. Trad., apresentação e notas de Ricardo da Costa (UFES). São Paulo: Editora Giordano, 2000. p. xxxii-xxvi.

²¹⁴ LLULL. *Op. Cit.* p. 108-113.

Imagem 6: *Inspecção dos Elmos* [AVRIL, François. *Le Livre des Tournois du Roi René de la Bibliothèque nationale* (ms. Français 2695). Paris: Éditions Herscher, 1986]

Imagem 7: *Entrega dos Prêmios* [AVRIL, François. *Le Livre des Tournois du Roi René de la Bibliothèque nationale* (ms. Français 2695). Paris: Éditions Herscher, 1986]

As fontes de inspiração para a escrita do tratado demonstram a erudição aristocrática do período. De modo a comprovar essa erudição, pegaremos o exemplo na preocupação em punir os ofensores no f. 70r. Essas regras ecoam nas práticas germânicas iniciadas no século XIII e no direito feudal no que concerne à *honra*, garantida através da palavra prometida. Simultaneamente, reflete as ideias de justiça e ordenação trazidas pelos tratados antigos, como Llull, Salisbury e Charny, e outros contemporâneos como La Salle. Por último, há influências diretas dos romances cortesês, como apontados por *Perlesvaus*.

Indo além do debate sobre a questão da “imitação”/“empréstimo”/“originalidade”, esses temas pertenceram a um repertório convencional de motivos que se estendeu desde o século XII, no qual os autores podiam se inspirar sem necessariamente ter alguma passagem particular em mente quando compuseram a obra. Enfocar somente nos trechos analisados justapondo-os com passagens literárias pode indicar que os autores possuíam o excerto em mente ou apenas se inspirou nos temas comuns. Desse modo, percebe-se o multiculturalismo no intercâmbio de práticas e informações entre os diferentes países europeus ocidentais estabelecendo uma identidade cultural entre os grupos aristocráticos através desse repertório em comum. Mesmo a sociedade em franca mutação, a permanência e adaptação dos valores oriundos desse repertório não pode ser considerado sinônimo de “decadência” ou marca em direção à civilização alcançada com o Estado Moderno.

Concluimos que a análise de algumas influências sobre o tratado demonstra a erudição do duque de Anjou ao se inspirar em diversas fontes para criar algo original textual e iconograficamente. O *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois* traz em si os reflexos socioculturais do período, ao mesmo tempo que contribuiu com inovações literárias e novas práticas caval(h)eirescas. Portanto, não pode ser analisado apenas a partir de sua função primordial de estabelecer as regras de condução de um torneio, mas conforme as *diferenças e dependências* culturais de seu entorno que contribuíram com a criação da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de procedermos com as conclusões acerca dos resultados da análise do corpo lexical do tratado realizadas no Capítulo III, algumas considerações devem ressaltadas acerca do trabalho com o manuscrito. Os estudos de manuscritos medievais, contrário às percepções mais tradicionais, não deve ser realizado de modo unilateral e sim enfocar todos os seus aspectos (textualidade, a iconografia e materialidade), de forma a permitir o conhecimento acerca dos valores sociais através da produção cultural e os objetos resultantes dela. Contudo, a despeito de procedermos com a breve descrição codicológica e paleográfica, a perspectiva dessa pesquisa não reside somente nestes quesitos. Nosso objetivo foi introduzir as características básicas do *ms. Français 2695* para nos concentrarmos na análise do conteúdo textual.

Em vista da abordagem introdutória em relação ao códice, a exposição realizada aqui nem de longe esgotará o assunto. Nosso propósito é contribuir para levantar novas questões sobre a produção manuscrita no período tardo-medieval e fornecer uma base paleográfica e codicológica para comparações futuras com os demais códices e, eventualmente, a composição de uma edição crítica do tratado. Outro quesito pouco abordado por nós refere-se à tradução da fonte que encontra-se fora do escopo desse trabalho. Além de considerável conhecimento do dialeto para proceder com a tradução para o português, o tamanho do tratado impede que isso seja realizado no interior desse trabalho. Contudo, a partir da transcrição semidiplomática realizada por nós abre-se um campo de pesquisa na análise do francês médio e a possibilidade de tradução para o português de forma a contribuir com outras pesquisas históricas acerca do *Traicitié*.

O manuscrito continuou como símbolo distintivo na Baixa Idade Média. Sua função material ganhou mais destaque dentro dessa cultura de corte principesca devido à valorização econômica da obra, mas, simultaneamente, serviu de base para aquisição e transmissão direta de conhecimento realizada pela camada nobiliárquica, até então limitado aos membros da Igreja. O livro manuscrito estaria cada vez mais ligado ao estabelecimento das bibliotecas principescas, que envolvia a permutação de influências artísticas e literárias na criação das obras, dois fenômenos marcantes do período tardo-medieval. Portanto, não era apenas seu conteúdo, mas o objeto como um todo que passaria a atender as exigências da cultura aristocrática do período.

Os trabalhos historiográficos tendem a se concentrar nos torneios dos séculos XII ou XIII deixando os períodos posteriores ligeiramente intocados. Os torneios têm recebido crescente atenção do meio acadêmico nos últimos trinta anos, especialmente em seu desenvolvimento nas cortes insulares e alemãs dos séculos XIII e XIV, e seu papel fundamental na política, sociedade e cultura. Diversos autores apontam as mesmas características para as mudanças dessa prática que alcançaram o período tardo-medieval, facilitando a investigação das mesmas. Contudo, análises mais detalhadas a respeito dessa prática nos séculos XIV e XV que não caiam no fator “decadência” sobre os seus usos socioculturais e pesquisas acerca de outras regiões ainda precisam ser realizadas como maior amplitude. Assim sendo, mesmo apontando algumas influências dos jogos cavaleirescos no tratado do duque de Anjou, o desenvolvimento sincrônico e diacrônico dessa atividade lúdica não foi detalhado nessa pesquisa permitindo maiores investigações a respeito.

Outro fator para a breve abordagem a respeito dos torneios se deve em razão de não trabalharmos com outras fontes (literárias ou não) que pudessem fornecer comparação com as práticas recorrentes. Desse modo, buscamos focar na recepção das práticas e da literatura para tentar estabelecer a diferença entre realidade e construção no interior do tratado. Pelo mesmo motivo citado, não enfocamos nos detalhes militares da obra seguindo as próprias intenções do autor, mais interessado nas regras de comportamento e organização da festividade em si. Possivelmente, essa leitura indica que as práticas deveriam ser de conhecimento comum e obrigatório a camada aristocrática. Dessa maneira, o exercício de análise realizado nesse trabalho procurou ressaltar o acesso à educação aristocrática de diversos tipos (militar, nobiliárquica, humanista, cavaleiresca); a reutilização do material literário tanto como fonte de inspiração e de descrições da realidade, portanto passível de ser utilizado como fonte; a criatividade e inventividade do autor integrante do período considerado pela historiografia como “em declínio” ou já influenciado pela centralização monárquica e humanismo.

Mediante essas considerações a partir da análise da recepção das práticas caval(h)eirescas e da literatura na obra do duque de Anjou, conseguimos alcançar dois resultados importantes. Primeiramente, as práticas cortesãs e cavaleirescas notadas no comportamento e na atividade lúdica do torneio são o amálgama de diferentes costumes que, como aponta Jean Favier, eram recorrentes nas possessões da casa de Anjou e não uma idealização do autor, conforme atesta François Avril. A partir da breve análise das práticas das três regiões pode-se comprovar as intenções do duque em compilar uma quarta maneira

baseada nesses costumes locais. Essa influência denota o conhecimento do duque de Anjou sobre os embates cavaleirescos disputados em outras localidades, bem como o intercâmbio entre a camada aristocrática dessas práticas. Em segundo lugar, o influxo de referências literárias na análise lexical demonstra a erudição do autor e criatividade em combinar diferentes gêneros textuais para criar uma obra além da aparente característica de tratado técnico. Os resultados que apontaremos abaixo não esgota as possibilidades de investigação dessas influências literárias, especialmente aquelas contemporâneas ao tratado.

Acerca da influência principesca, houve a preponderância direta do gênero literário dos *Espelhos de Príncipe*, principalmente por conta da difusão da cultura humanística na corte francesa, com a qual o ducado de Anjou possuía ligações. Um aspecto marcante nos *Espelhos* refere-se à preocupação com o direito e a justiça que marca a divisão entre o direito local do senhor-príncipe e a ordenação da sociedade pregada por esses tratados políticos, de modo a contribuir com a centralização monárquica. Outra característica é a audiência e o público participante do evento ser exclusivo da camada aristocrática, indicada pela análise lexical quantitativa e qualitativa. Assim sendo, a influência principesca referente às questões jurídicas está subtendida no léxico através da gradação dos títulos e na ordenação social dos participantes, também presente no ciclo iconográfico, e no comportamento dos participantes no que se refere à regulamentação do evento.

O próprio layout do *Traicitié* segue os modelos desses tratados políticos redigidos em latim e, posteriormente, traduzidos e escritos em vernáculo. Contudo, na obra do duque de Anjou as demarcações que passam entre uma seção a outra não são denominadas “livros” ou simples numerações como nos *Espelhos*, mas por subtítulos rubricados, títulos com iniciais coloridas alternadas, além da inserção do ciclo iconográfico de página inteira. Essas inovações, acrescidas da marca da oralidade através do discurso direto dos personagens, acrescentam ao *Traicitié* características codicológicas que abre portas para comparações com outros manuscritos do período de forma a verificar se esses aspectos seriam algo exclusivo do escrito do duque de Anjou ou uma tendência tardo-medieval seguida por outros manuscritos.

De todas as influências, o corpo lexical cavaleiresco foi o que menos contribuiu com a escrita da obra na análise quantitativa e qualitativa. A presença, mesmo que em menor número, de alguns vocábulos demonstra a importância das virtudes militares da cavalaria no interior do combate, mas não indica a preponderância desses valores. Essa quase ausência pode indicar duas possibilidades. Primeiramente, mediante a inexistência da descrição do combate e critérios para a escolha do vencedor do torneio, a carência de vocábulos acerca das

virtudes militares pode indicar que faziam parte da educação e não precisavam ser ressaltadas, assim como os procedimentos de combate, tornando-se desnecessária sua citação na obra. Uma segunda opção seria o fato dessas virtudes militares não fossem tão valorizadas no período devido às modificações que a cavalaria e a aristocracia passavam, fazendo com que a influência da ideologia da cavalaria fosse maior em outras áreas, como na criação das ordens seculares.

A mesma dificuldade em relação aos torneios procede acerca das investigações sobre o comportamento caval(h)eiresco. Os motivos que envolvem a preferência pelos séculos precedentes de formação da cavalaria e sua ideologia são inúmeros e, embora alguns trabalhos acadêmicos sejam realizados atualmente sob nova ótica, ainda há um vasto campo de investigação no que concerne às práticas e comportamentos relacionados à cavalaria e ao comportamento caval(h)eiresco nos séculos XIV-XV. Devido a essa deficiência muito maior que os estudos sobre os torneios, nossa pesquisa a respeito das influências cortesãs (literárias ou não) tornou-se limitada a poucos exemplos por conta da vasta produção manuscrita do período tardo-medieval e pela discussão bibliográfica limitada. Assim sendo, enfocamos na recepção das influências cortesãs dos aspectos mais relevantes quantitativamente.

Devido aos motivos citados, nos concentramos mais na análise da temática envolvendo as damas pela sua expressiva incidência no tratado e, ao mesmo tempo, pela ausência de outros termos, como *cortesía*, que pudessem indicar outras referências expressivas para análise quantitativa. Pois, boa parte do comportamento cortesão encontra-se tanto nos modos do discurso direto, quanto em relação ao comportamento em si. A ausência de outros vocábulos também pode indicar que essa conduta já fosse um comportamento obrigatório da audiência aristocrática dispensando maiores detalhes. A presença das damas no *Traicitié* é marcante, assim como sua participação nos torneios descritos nos romances cortesões dos séculos precedentes. O número de ocorrências e ecos literários encontrados na obra indicam que o duque de Anjou possuía um bom repertório cultural para compor seu tratado e confirma a predileção por esse tipo de tratamento às damas na Baixa Idade Média confirmada por outros registros. Essa conduta em relação às mulheres também pode ser fruto do comportamento desenvolvido nas cortes e dos livros sobre bons modos muito populares no século XV, mas que não necessariamente indicam maior liberdade das damas aristocráticas no seio da sociedade tardo-medieval.

Somente através das influências literárias e da análise do discurso podemos indicar que há um ligeiro predomínio das características aristocráticas, de forma a ressaltar a importância

social dessa camada frente às modificações do período. O corpo lexical principesco e aristocrático é maior do que a influência do léxico relacionado à cavalaria. Em segundo lugar, ao destacarmos a influência literária dos romances na obra, mesmo seu corpo lexical cortesão ser menor há a comprovação da predileção pela temática, cujo prestígio e exemplo eram maiores do que nunca no interior dessa camada aristocrática que buscava sua função sociocultural na sociedade do período. Esse influxo de referências cortesãs, a despeito da ausência de manuscritos em sua biblioteca, demonstra a erudição do duque de Anjou ao retirar de diversas obras influências para o seu tratado.

Contudo, o *Traicitié* segue na contramão do período a respeito da valorização do indivíduo, seja através das justas ou dos votos solenes, por ressaltar as qualidades do grupo ao destacar uma forma de combate que pouco era praticada. Isso indica o conhecimento do autor sobre os primeiros torneios registrados e a força da coletividade demarcada na ideia das ordens de cavalaria. Os motivos específicos por essa preferência ainda merecem ser analisados partindo das preferências pelas festas cavaleirescas do duque e sua relação com as modificações sociais do período, justamente nas funções da aristocracia e da exaltação dos valores individuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus Documental

Manuscrito

ANJOU, René d. *Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois*

(Paris, Bibliothèque nationale de France, Département des manuscrits, *Français 2695*).

Disponível em: < ark:/12148/btv1b84522067 >. Acesso em: 21 Mar 2016.

Edições modernas

AVRIL, François. *Le Livre des Tournois du Roi René de la Bibliothèque nationale (ms. Français 2695)*. Paris: Éditions Herscher, 1986.

BENNETT, Elizabeth. *King René's Tournament Book*. A modern English translation by Elizabeth Bennett. Princeton, 1997-1998. Disponível em: < <https://www.princeton.edu/~ezb/rene/renehome.html> >. Acesso em: 21 Mar 2016.

POGNON, Edmond (ed.). René d'Anjou, *Traité de la forme et devis d'un tournoi*. *Verve: revue artistique et littéraire*, vol. 4, n° 16, 1946.

QUATREBARBES, M. Le Comte T. de, et. Al. Traictié de forme et devis d'ung tournoy. In: *Oeuvres complètes du roi René*. Angers: Cosnier et Lachèse, 1843. Tome 2. p. 01-42.

Bibliografia

ANHEIM, Etienne. Cultute de cour et science de l'État. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 133, juin 2000. Science de l'État. Pp 40-47. Disponível em: < http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_2000_num_133_1_2677 > Acesso em: 11 Jan 2016.

ANJOU, René d'. *Traite des tournois. Edition microfiches couleurs du manuscrit Dresden, Sachsische Landesbibliothek, Mscr. Dresd. Oc 58*. Introduction au texte par Jacques Heers, Description du manuscrit enluminé par Françoise Robin. Munchen: Edition Helga Lengenfelder, 1993.

ALLMAND, Christopher (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume VII c.1415 - c.1500*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

AUERBACH, Erich. A saída do cavaleiro cortês. In: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Trad., São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 107-123.

BARBER, Richard W., BAKER, Juliet. *Tournaments: Jousts, Chivalry and Pageants in the Middle Ages*. Nova York: Wiedenfeld & Nicolson, 2000.

BARBIER, Frédéric. *História do Livro*. Coord., trad. e revisão técnica de Valdir Heitor Barzotto et al. São Paulo: Paulistana, 2008.

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História vol. V*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América*. Prefácio Jacques Le Goff, Trad. Marcelo Rede. São Paulo: Editora Globo, 2011.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas, v. 1*. São Paulo: EDUSP, 2001.

BENSEBIA, Abdelhak A. De la linguistique statistique à la logométrie: apports et limites de l'école française d'analyse du discours. *Synergies* Algérie n° 20, 2013. P. 13-21.

BISCHOFF, Bernhard. *Latin palaeography: Antiquity and the Middle Ages*. Trans. By Dáibhí Ó Cróinín and David Ganz. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BORN, Lester Kruger. The perfect prince: a study in thirteenth and fourteenth century ideals. *Speculum*, v. 3, n° 4, 1928. p. 470-504.

BORSA, Paolo et. Al. What is Medieval European Literature? *Interfaces* 1, 2015. P. 7-24. Disponível em: < <http://riviste.unimi.it/interfaces/article/view/4936>>. Acesso em: 11 Jan 2016.

BUETTNER, Brigitte. Profane Illuminations, Secular Illusions: Manuscripts in Late Medieval Courtly Society. *Art Bulletin* 74, 1992. p. 75-90.

BUMKE, Joachim. *Courtly Culture: Literature and society in the High Middle Ages*. Trans. By Thomas Dunlap. Berkeley: University of California Press, 1991.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Goes de Paula. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. Modelos e métodos. In: *História e teoria social*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt et al. 3ª Ed., São Paulo: Editora Unesp, 2012. P. 43-74.

CAPPELI, Adriano. *The elements of abbreviation in medieval Latin paleography*. Kansas: University of Kansas Libraries, 1982.

CASSAGNES-BROUQUET, Sophie. *La passion du livre au Moyen Age*. Rennes: Éditions Ouest-France, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. P. 31-119.

CHARTIER, Roger. As representações do escrito. In: *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

_____. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 2002.

_____. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. *On the edge of the cliff: History, Language and Practice*. Trans. by Lydia G. Cochrane. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1997.

CLANCHY, M. T. *From Memory to Written Record: England 1066-1307*. 3rd ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

CLASSEN, Albrecht (Ed.). *Handbook of medieval studies: terms, methods, trends*. Berlin/NewYork: De Gruyter, 2010. 3 Vol.

CLEMENS, Raymond; GRAHAN, Timothy. *Introduction to manuscript studies*. Ithaca: Cornell University Press, 2007.

CLEPHAN, R. Coltman. *The tournament: its periods and phases*. London: Methuen, 1919.

CLINE, Ruth Huff. The Influence of Romances on Tournaments of Middle Ages. *Speculum* v. 20, n° 2, 1944. p. 204-211.

COLISH, Marcia L. *Medieval Foundations of the Western Intellectual Tradition 400-1400*. New Haven: Yale University Press, 2002.

CONNOCHIE-BOURGNE, Chantal (dir.); GONTERO-LAUZE, Valérie (dir.). *Les arts et les lettres en Provence au temps du roi René*. Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, 2013. (Collection Senefiance 59).

CONTAMINE, Philippe. Noblesse française, *nobility* et *gentry* anglaises à la fin du Moyen Âge. *Cahiers de recherches médiévales*, 13 | 2006. Disponível em: <<http://crm.revues.org/755>> Acesso em 13 junho 2013.

_____. *Au temps de la guerre de Cent Ans: France et Anglatere*. Paris: Hachette, 1994.

_____. The European nobility. In: ALLMAND, Christopher (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume VII c.1415 - c.1500*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. P. 89-105.

DEROLEZ, Albert. *The Palaeography of Gothic Manuscript Books: From the Twelfth to the Early Sixteenth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. Culturas, Valores e Sociedade. In: *Idade Média, Idade dos Homens*. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A Sociedade Cavaleiresca*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Trad. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ELIAS, Norbert. Sugestões para uma Teoria de Processos Civilizadores. In: *O Processo Civilizador Vol. 2: Formação do Estado e Civilização*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. P. 193-274.

_____. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Prefácio de Roger Chartier, Trad. Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FAVIER, Jean. *Le roi René*. Paris: Fayard, 2008.

FLORI, Jean. *Chevaliers et Chevalerie au Moyen Age: La vie quotidienne*. Paris: Fayard, 2013.

_____. La notion de Chevalerie dans les Chansons de Geste du XIIe siècle. Etude historique de vocabulaire. *Le Moyen Âge: bulletin mensuel d'histoire et de philologie*. Vol. 81 (1975). p. 211-244; 407-445.

_____. Sémantique et société médiévale: Le verbe adouber et son évolution au XIIe siècle. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 31e année, N. 5, 1976. P. 915- 940. Disponível em: < www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1976_num_31_5_293759 > Acesso em 26 mar 2016.

_____. Principes et milites chez Guillaume de Poitiers: Étude sémantique et idéologique. *Revue belge de philologie et d'histoire*. Tome 64 fasc. 2, 1986. Histoire-Geschiedenis. p. 217-233. Disponível em: <www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_1986_num_64_2_3540> Acesso em 26 mar 2016.

FRANCO JR., Hilário. As estruturas culturais. In: *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. P. 102-122.

GAUTIER, Marc-Édouard (dir.). *Splendeur de l'enluminure: Le roi René et ses livres*. Angers et Paris: Actes Sud, 2010.

GENET, Jean-Philippe (dir.) et al. *Langue et histoire*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2011.

_____. *La mutation de l'éducation et de la culture médiévales*. Paris: Éditions Seli Arslan, 1999. 2 tomes.

_____. L'évolution du genre des Miroirs des princes en Occident au Moyen Âge. In: CASSAGNES-BROUQUET, Sophie (dir.) et al. *Religion et mentalités au Moyen Âge: Mélanges en l'honneur d'Hervé Martin*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2003. p. 531-541.

_____. Politics: theory and practice. In: ALLMAND, Christopher (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume VII c.1415 - c.1500*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 03-28.

GUENEE, Bernard. *O Ocidente nos séculos XIV e XV: os estados*. Trad. São Paulo: Piomeira, 1981.

GUTTMAN, Allen. Sports Spectators from Antiquity to Renaissance. *Journal of Sport History*, vol. 8, n° 2, 1981. p. 5-27.

HAMEL, Christopher de. *History of Illuminated Manuscripts*. London: Phaidon Press, 1995.

HARDY, Stephen. The Medieval Tournament: A Functional Sport of the Upper Class. *Journal of Sport History*, vol. 1, No. 2, (Fall) 1974. p. 91-115.

HASKINS, Charles Homer. The Latin literature of sport. In: *Studies in Mediaeval Culture*. New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1965 (1929). P. 105-123.

HENRICK, Thomas S. Sport and Social Hierarchy in Medieval England. *Journal of Sport History*, vol. 9, No. 2, (Summer) 1982. p. 20-34.

HODGES, Kenneth. English Knights, French Books, and Literary Communities. In: *Forging chivalric communities in Malory's Le morte Darthur*. New York: Palgrave Macmillan, 2005. P. 11-34.

JAEGER, C. Stephen. *The origins of courtliness: civilizing trends and the formation of courtly ideals, 939-1210*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 1985.

JEFFERSON, Lisa. Tournaments, Heraldry and the Knights of the Round Table: A Fifteenth-Century Armorial with Two Accompanying Texts. In: CARLEY, James P. (ed.); RIDDY, Felicity (ed.). *Arthurian Literature XIV*. Cambridge: Boydell&Brewer, 1996.

JONES, Michael (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume VI c.1300 - c.1415*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

KAEUPER, Richard W. *Chivalry and violence in medieval Europe*. Oxford: University Press, 2001.

_____; KENNEDY, Elspeth. *The Book of Chivalry of Geoffroi de Charny: text, context, and translation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1996.

KENNEDY, Elspeth. The knight as a reader of Arthurian Romance. In: SCHICHTMAN, Martin B. (Ed.); CARLEY, James P. (Ed.). *Culture and the King: The Social Implications of the Arthurian Legend*. New York: State University of New York Press, 1994. p. 70-90.

KEEN, Maurice. *Chivalry*. Yale: University Press, 1984.

KIBRE, Pearl. Intellectual Interests Reflected in Libraries of the Fourteenth and Fifteenth Centuries. *Journal of the History of Ideas*. Vol. 7, No. 3 (Jun., 1946). p. 257-297.

KRUEGER, Roberta L. (Ed.) *The Cambridge Companion to Medieval Romance*. Cambridge, UK: University Press, 2004. p. 97-114.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Trad. José Rivair de Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2005.

_____. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 7ª ed. revista. Campinas: Unicamp, 2010. P. 485-499.

_____. Retrato do rei ideal. In: *Uma longa Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. P. 217-238.

_____; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Coordenador da tradução Hilário Franco Jr. Bauru, SP: Edusc, 2006. 2v.

LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem da Cavalaria*. Ed. Bilíngue. Trad., apresentação e notas de Ricardo da Costa (UFES). São Paulo: Editora Giordano, 2000.

MATORÉ, Georges. *Le vocabulaire et la société médiévale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.

MORSEL, Joseph. *La aristocracia medieval: el dominio social en occidente*. Traducción de Fermín Miranda. Valencia: Universitat de València, 2008.

MUHLBERGER, Steven. *Jousts and Tournaments: Charny and Chivalric Sport in 14th Century France*. Union City, California: Chivalry Bookshelf, 2003.

NESTE, Évelyn Van Den. *Tournois, joutes, pas d'armes dans les villes de Flandres à la fin de Moyen Âge (1300-1486)*. Paris: École des chartes, 1996.

_____; BUAT, Nicolas. *Dictionnaire de paléographie française: découvrir et comprendre les textes anciens (XVe-XVIIIe siècle)*. Paris: Les Belles lettres, 2011.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média: Textos e testemunhas*. São Paulo: Unesp, 2000.

PLONKA-BALUS, Katarzyna. The *Traité de la forme et devis d'un tournoi* of King René d'Anjou from the Czartorysky Library in Cracow. In: PASZTALENIEC-JARZYNSKA, Joanna (ed.). *Polish Libraries Today Vol. 6*. Trad. Warsaw: National Library, 2005. P. 11-18.

QUATREBARBES, M. Le Comte T. de, et. Al. *Oeuvres complètes du roi René*. Angers: Cosnier et Lachèse, 1843. Tome 1.

RAEL, Patrick. *Reading, Writing and Researching for History: A Guide for College Students*. Brunswick, Maine: Bowdoin College, 2004. Disponível em: <<http://www.bowdoin.edu/writing-guides/>> Acesso em: 11 Fev. 2013.

RUHL, Joachim K. German Tournament Regulations of the 15th Century. *Journal of Sport History*, Vol. 17, No. 2 (Summer, 1990). p. 163-182.

SALISBURY, John of. *Policraticus*. Edited and Translated by Cary J. Nederman. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SANDOZ, Edouard. Tourneys in the Arthurian Tradition. *Speculum*, Vol. 19, N° 4 (Oct.), 1944. P. 389-395.

SILVA, Andreia Cristina Lopes Frazão da. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Revista Signum*, 2015, Vol. 16, n. 1. p. 131-153.

SMITH, Colin C. The vernacular. In: ABULAFIA, David (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume V c.1198 - c.1300*. Cambridge: University Press, 1999. P. 71-83.

SOT, Michel; BOUDET, Jean-Patrice; GUERREAU-JALABERT, Anita. *Histoire culturelle de la France: Tome I, Le Moyen Âge*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

SPIEGEL, Gabrielle M. History, Historicism, and the Social Logic of the Text. In: *The Past as Text*. Baltimore, Maryland: John Hopkins University Press, 1997. P. 03-28.

STANESCO, Michel; ZINK, Michel. *Histoire européenne du roman médiéval*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

THOMPSON, James Westfall. *The medieval library*. New York: Hafner, 1957.

TROYES, Chrétien de. *Oeuvres complètes*. Édition publiée sous la direction de Daniel Poirion, avec la collaboration d'Anne Berthelot et al. Paris: Gallimard, 1994.

VALE, Malcolm. Manuscripts and books. In: ALLMAND, Christopher (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume VII c.1415 - c.1500*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. P. 278-286.

_____. *The Princely Court: Medieval Courts and Culture in North-West Europe 1270-1380*. Oxford: University Press, 2001.

ZIOLKOWSKY, Jan M. Latin and vernacular literature. In: LUSCOMBE, David (ed.); RILEY-SMITH, Jonathan (ed.). *The New Cambridge Medieval History: Volume IV c.1024 - c.1198. Part I*. Cambridge: University Press, 2004. P. 658-692.

Fontes Online (Dicionários, Base de Dados)

Lexicon Abbreviaturarum. 2. verb. Auflage. Leipzig: J. J. Weber, 1928. Disponível em:<<http://inkunabeln.ub.unikoeln.de/vdibDevelop/handapparat/nachsw/cappelli/cappelli.html>> Acesso em: 11 Fev 2013.

Dictionnaire du Moyen Français, version 2012 (DMF 2012). ATILF - CNRS & Université de Lorraine. Disponível em:< <http://www.atilf.fr/dmf>> Acesso em: 11 Fev 2013.

BFM - Base de Français Médiéval [En ligne]. Lyon : ENS de Lyon, Laboratoire ICAR, 2012, < <http://txm.bfm-corpus.org>>. Acesso em: 11 Jan 2016.

Traicitié de la forme et devis comme on fait les tournois

- [f. NP1] A tres hault/ et/ puissant/ prince mon tres chier
tres ame et seul frere german charles danjou/
Conte du manie²¹⁵ de mortaign et/ de
Guyse/. Je Rene danjou v(ost)re f(re)re vous foiz.
5 savoir que pour le plaisir que je congnois
depieça que prenez a veoir hystoïres nouvelles et / dittiez
nouvealx me suis advise de vous faire ung petit/
traictie le plus au long/ estendu que jay sceu de la forme
10 et/ devis/ comme il me sembleroit/ que ung tournoy seroit/
a entreprendre a la court/ ou ailleurs en quelque marche
de france quant/ aucuns princes le vouldroi(en)t faire faire/
la quelle forme jay prins au plus pres et/ jouxte de
celle quon garde ce almaignes/ et/ sur le Rín quant/ on
15 fait/ les tournoys /. Et/ aussi selon la manière quilz tie(n)ne(n)t
en flandres et/ en brabant /. Et mesmement/ sur les
anciennes façons quilz les souloient/ aussi faire en
france/ co(m)me jay trouve par escriptures./ Desquelles troys
façons en ay prins ce qui ma semble bon. Et/ en ay fait/
20 et/ compile une (quarte) façon de faire/ aínsi que pourrez veoir
sil vous plaist/ par ce que cy apres sensuit/

Icy apres sensuit la forme et manière co(m)ment/
ung tournoy doibt/ estre entrepris Et/ pour bien
et honnorablement/ et a son droit doib estre fait
25 et aco(m)pli y fault garder lordre cy apres declaíree/

- 1 [f. NP2] Et/ premierement/

²¹⁵ Palavra *et* aparece riscada.

- Qui veult faire ung tournoy/ fault que ce
 fait/ quelque prince ou du moins hault
 barons/ ou banneret/ lequel doibt/ faire ainsi
 5 que cy apres sera devise
- Cest assavoir
- Que led(it) prince doibt premierement envoyer
 secretement / devers le prince a qui il veult
 faire p(rese)nter lespee pour savoir si sest son entencion
 10 de la accepter/ ou nom/ pour faire puis apres
 publiquement les²¹⁶ serímonies qui y ap(par)tie(n)-
 nent/ co(m)me cy apres sensuit/ ou cas qui la vouldra
 accepter Cest assavoir qui led(it) prince voyant/
 toute sa baronníe/ ou du moins grant quantite de
 15 ch(eva)li(e)rs et escuíers/ doibt appeller le Roy darmes de la
 contree Car a lui appartient/ devant/ tons autres.
 Roys darmes/. Et sil ny est en son absence quelque
 herault notable/. Et/ en lui baillant/ ung espee
 Rabatue de quoy on tournoye lui doibt dire les
 20 parolles qui sensuivent/. Maiz pour mieulx
 en faire entendre la façon s(er)a ycy pris par símilitude
 le duc de bretagne pour appellant de lung/ des coustes/
 Et/ le duc de bourbon pour deffendant de lautre
 .Et/ pour tous blasons neccessaires pour ce p(rese)nt
 [ff. 2r-2v em branco]
 [f. 3r] tournoy ne me aideray que de blasons countrovez
 aplainance/. Ainsi doncques sensuivent/ les parolles
 que dira led(it) s(ei)g(neur) duc/ de bretagne appellant aud(it) Roy
 Dames. En lui baillant ung espee de tournoy.
 5 telle que cy dessous est figuree/

²¹⁶ A palavra *seren* aparece riscada.

Icy apres est pour traictie la façon et maniere co(m)me
le duc/ de bretagne appellant baille lespee au Roy
darmes pour lenvoyer p(rese)nter au duc de bourbon
Deffend(ent)./

[f. 3v imagem 1]

[ff. 4r-4v em branco]

- [f. 5r] ROy darmes tenez ceste espee et/ alez devers mon
cousin le duc de bourbon/ lui Dire de par moy
que pour sa vaillance prudo(m)mie ce grant chevalerie
qui est en sa personne/ je lui envoie ceste espee en
5 signiffian(ce) que je querelle de frapper ung tournoy/
bouhordis darm(es) contre lui. En la p(rese)nce de dames
et de damoiselles et/ de tous aut(re)s au jour nom(m)e
et/ temps deu et/ en lieu ad ce faire ydoïne et convenable/.
Duquel tournoy lui offre pour juges diseurs de huit
10 ch(eva)li(e)rs et escuiers les quatre. Cest assavoir telz et telz
pour ²¹⁷ ch(eva)li(e)rs/ et/ telz et telz/ pour escuiers
lesquelx juges Diseurs assigneront le temps et le
lieu et feront faire ordonner la place
- Et/ fault noter que led(it) s(ei)g(neur) appellant doit/.
15 toujours eslire des juges la moitié. Cest ass(avoir)
Deux du pais du s(ei)g(neur) deffendant/ et les aut(re)s deux
de son pays/ ou dailleurs a son plaisir/. Et fait bien
volentiers les juges des plus notables/ honorables
et anciens barons ch(eva)li(e)rs et escuiers quon puisse trouver
20 qui ont plus veu et voiage/ et qui sont repputez les
plus saiges./ et mieulx se congnoissans en fait darmes/
que daut(re)s

²¹⁷ A palavra *gardes* aparece riscada.

L'Ors led(it) Roy d'armes sen yra devers led(it)
Duc de bourbon deffendant et en la plus gra(n)t
25 compaignie et la plus honorable place hors
lieu saint ou il le pourra trouver lui p(rese)ntera lespee
[f. 5v] /laquelle il tiendra par la poincte/ lui disant ainsi

Ycy apres est/ pour traictie la facon et la maniere
Comment le Roy d'armes p(rese)nte lespee au duc de
bourbon

[ff. 6r-6v em branco]

[f. 7r image 2]

[f. 7v] TRes hault/ et tres puissant/ prince et tres redoubte s(ei)g(neur)
Tres hault et tres puissant prince Et mon
tres redoubte s(ei)g(neur) le duc de bretagne v(ost)re cousin menvoie
par devers vous pour la tres grant chevalerie/ et los
5 de prouesse quil scet estre en v(ost)re tres noble p(er)sonne/
lequel en toute amour benivolente et mon pas.
par nul mal talent vous Requier et querelle
de frapper ung tournoy et bouhort d'armes devant
Dames et damoiselles/ pour la quelle chose et
10 en signiffiance de ce vous envoye ceste espee propre
a ce faire

ET lors led(it) Roy d'armes p(rese)ntera aud(it) duc de bourbon
lad(it) espee/. Et/ se il lui estoit survenu tel
affaire ou neccessite quil ne peust accomplir led(it) tournoy/
15 ne y entendre pour lors/ il pourra Respondre en sexcusa(n)t
en la maniere/ qui sensuit/.

JE remercie mon cousin de loffre quil me fait
.Et/ quant aux grans biens quil cuide estre

en moy je vouldroye bien quil pleust a dieu quilz
20 fussent telz/ mais moult il sen fault dont il me
poise

Daut(re) part il a en ce Royaume tant daut(re)s
s(ei)g(neur)s qui ont mieulx merite cest honneur/ q(ue) moy/
[ff. 8r-8v em branco]
[f. 9r] et bien le sauront faire pourquoy je vous prie q(ue)
men vueillez excuser envers mond(it) cousin. Car
jay des affaires/ a mener a fin/ qui touchent fort
mon honneur/. Lesquelx neccessairem(ent) dava(n)t
5 toutes autres beisoingnes il me fault accomplir/.
Si lui plaise en ce avoir mon excuse pour ag(re)able
/.En lui offrant en aut(re)s chos(es) tous les plaisirs/.
que je lui pourroye faire

Item sil accepte le tournoy il prent lespee
10 de la main du Roy darmes en disant.

JE ne laccepte pas pour nul mal talent
Mais pour cuider a mond(it) cousin fa(ire) plaisir
Et aux dames esbatement

Et apres quil aura prince lespee le Roy
15 Darmes lui Dira cestes parolles

TRes hault et t(re)s puissant prince et t(re)s redoubte s(ei)g(neur)
Ttres hault et tres puissant prince et mon
tres redoubte seigneur le duc de bretagne v(os)tre cousin
vous envoie ycy les blazons de huit ch(eva)li(e)rs et escuiers en ung Rolle de
p(ar)chemi(n)
20 /a celle fin que des huit en eslisez quatre de ceulx
qui meulx vous s(e)ront ag(re)able pour juges diseurs

(f. 9v) CE ladic/ au duc/. par le Roy darm(es) il lui mo(n)strera
led(it) Rolle/ de parchemin lequel il prandra. Et
Regardera les blazons a son plaisir. puis Respondra
aud(it) Roy darmes

- 5 Ycy apres est pour traicite la façon et la maniere.
Co(m)ment le Roy darmes monstre aud(it) duc/ de bourbon
Les huit/ blasons de ch(eva)li(e)rs et escuiers

[ff. 10r-10v em branco]

[f. 11r image 3]

[f. 11v] Quant aux juges diseurs dont vons me monstrier
ycy les blasons/ les seigneurs de tel lieu et de tel
me plaisent tres bien pour ch(eva)li(e)rs sil leur plaist/.
Et les seigneurs de tel lieu et de tel aussi pour escuiers

- 5 Et pour ce vous leur porterez ch(eva)li(e)rs de creance de ma
part/ Et aussi prevez a mon cousin le duc de bretagne
/quil leur vueille escripté de la sienne quilz soient
contens de ce accepter/ Et/ que le plus tost quilz leur
s(er)a possible me facent savoir le jour dud(it) tournoy
10 et le lieu aussi

- NOta que inco(n)tinent que led(it) duc de bourbon
aura esleu les quatre juges diseurs que
le Roy darmes doibt envoyer en toute diligence deux
poursuivans/ lung devers le s(ei)g(neur) appelant pour avoir
15 ses l(ett)res aux juges diseurs sil pense quilz doiyent
estre loing lung de laut(re). En leur suppliant par
ses l(ett)res quilz se vueillent tirer ensemble en/
aucune bonne ville telle quilz adviseront/ ad ce q(ue)
honorablen(ent) il leur p(rese)nte les l(ett)res desd(ites) seigneurs
20 appellant et deffendant

- CE lad(it) fera bailler le duc de bourbon au Roy/
Darmes/ deux aulnes de drap dor/ ou de veloux
velute/ ou satin figure craimoisiz du moins/. Sur leq(ue)l
il fera mettre les deux, seigneurs chiefz. dud(it) tournoy
[ff. 12r-12v em branco]
[f. 13r] faiz en paínture sur une grant peau de parchemín a cheval ainsi/
co(m)me ilz seront ond(it) tournoy armoyer et tímbrez. Et
atachera led(it) parchemín sin lad(it) priere de drap dor/
de veloux ou satin Et/ en tel estat la prendra le Roy
- 5 Darmes la mettant en guíse Dung manteau noue
sur la dextre espaule/ et avec le bon congie du duc
sen ira devers les juges. Diseurs pour sauoir silz
voudront accepter²¹⁸ loffre destre juges diseurs
Et quant Il s(er)a par devers ceulx aiant l(ett)res.
- 10 des deux ducz appellant et deffendant avecques lad(it)
prere de drap. sur les espaules ainsi que du est
et/ dessuz icellui parchemín/ atachie ou s(er)ont paínts
lesd(its) seigneurs a cheval armoyez et tímbrez ainsi que cy
apres est pourtrait leur p(rese)ntera ses l(ett)res./ cest ass(avoir)
- 15 une de par lappellant/ et lautre de par le deffendant
/lesquelles s(er)ont narratives des cho(se)s dessud(ites) Et
/aussi co(n)tiendront creance. Cestassauoir quilz/.
veilleur estre juges Diseurs dud(it) tournoy par
eulx emprís/ puis leur dirá les parolles qui cy
- 20 apres sensuivent/.
- Ycy apres est pourtraicte la façon e maniere com(m)ant
le Roy darmes monstre aux quatre juges diseurs
les s(ei)g(neur)s appellant (et)²¹⁹ deffendant et/ leur p(rese)nte les l(ett)res desd(ites)
s(ei)g(neur)s aiant le drap dor sin lespaule et le p(ar)chemin paint
- 25 desd(ites) deux chiefz

²¹⁸ A palavra *lofffe* aparece riscada.

²¹⁹ Notação tironiana (7)

[f. 13v imagem 4]

[ff. 14r-14v em branco]

[f. 15r] NObles et/ doubtez ch(eva)li(e)rs/ honnorez et gentilz escuïers.

Tres hault et/ puissant princes les ducs de

bretagne/ et de bourbon mes tres redoibtez s(ei)g(neur)s vous

salvent. Et/ mont chargie vous bailler cestes l(ett)res.

- 5 de par eulx qui en partie sont de creance/ laquelle
vous saures puis apres que aures leu lesd(its) l(ett)res et
a tel heure quil vous plaira

Apres quilz auront leu ou fait lire leurs l(ett)res.

et adoncq quilz demanderont et Requeront doir

- 10 la creance/ led(it) Roy darmes la leur dira telle que sens(uit).

NObles et doubtes ch(eva)li(e)rs/ honnores et gentilz.

escuïers je viens vers vous/ pour vous adviser

Requerir et nottifier de par tres haulx et/ t(re)s puissant

princes et mes tres redboubtes s(ei)g(neur)s les ducz de bretagne

- 15 et de bourbon/ que sur le plaisir que leur desirez faire
vous veuillez prandre la charge de ordonner et estre
juges diseurs dung tres noble tournoy et bouhourdis
Darmes/ qui nouvellem(ent) en ce Royaume par eulx
a este empris. Lesquelx seigneurs dung co(m)mun.

- 20 assentement sur tous aut(re)s vous ont sur ce choisiz
et esleuz pour la grant faire de prud(h)omie Ren(n)omee
de sens et los de vertuz qui de long temps co(n)tínuent
en voz nobles personnes/ Si ne vueillez de ce es(tre)
Reffusáns/. Car moult de bien sen pourra ensuir/

- 25 Et tout premièrement en pourra on mieulx

[f. 15v] congnoiste lesquelx sont dancienne noblesse veniz ce ex//²²⁰

²²⁰ Indicação do escriba de separação da palavra.

traiz par le port de leurs armes et levement de t́mbres

SEcondement ceulx qui auront cont(re) honneur failly
seront la chastiez tellement que une aut(re)ffoiz se
5 garderont de faire chose quil soit mal seant a honneur

Tiercement ch(ac)un y aprendra de lespee a frapper en
soy habilitant a lexcercice darmes

Et/ quatriement/ par aventure pourra il advenir
que tel jeune ch(eva)li(e)r ou escuier par bien y/ faire
10 y acquerra mercy grace ou augmentac(i)on damour de sa
t(re)s gente dame et cellee maistrasse. Si vous Reqúier
encor de Rechief de par mesd(ites) t(re)s redoubtez seigneurs mes
nobles et doubtez ch(eva)li(e)rs honnorez et gentilz escuiers que
de tant telz (et) si hauls biens vous vueiller estre
15 principale occasion em telle mańere que par v(ost)re sens
ordre/ et condúcte la chose sorte a effect/ et par faón.
que Ren(n)omee et bruit par tout puisse aler de mántenir
noblesse/ et da croistre honneur/ ad ce que au plaisir
Dieu ch(ac)un gentilhom(m)e doresenavant puisse est(re) desireux
20 De cont́nuer plus souvant/ lexcercice darmes

LORs lesd(its) juges Diseurs silz veillent accepter
loffre pourront Respondre en la forme et
[ff. 16r-16v em branco]
[f. 17r] mańere qui sensuit

NOus Rem(er)cions humblem(ent) noz t(re)s redoubtez s(ei)g(neur)s
de honneur quilz nous sont/ de lamour quilz nous
pourtent/ et de la f́ance quilz ont en nous/ Et combien
5 quil ait en ce Royaulme asses Daut(re)s ch(eva)li(e)rs et escuiers
qui de trop ḿeulx que nous sauroient dev́iser et mett(re)
en ordre ung si noble fait co(m)me est celui du tournoy/.

Neantmoíns pour obeir a nosd(ites) t(re)s redoubtz seigneurs
 /nous offrons de bon meur a les obeir et s(er)vir/ En accept(ant)
 10 la charge que cy devant nous avez declairer pour
 y faire avoz loyaulx povers tout le bien que possible
 nous s(er)a Dy faire en ce monde. En employant tout
 n(ost)re entendement/ et la peine de noz corps si loyaulm(ent)
 que si par cas Daventure De n(ost)re couste y avoit
 15 erreur/ Dont Dieu nous gart /ce\ s(er)a plus p(ar) símplesse
 que p(ar) vice/ nous soubzmettant toujours a la correct(i)on
 bon plaisir/ et volente de nosd(ites) t(re)s redoubtes s(ei)g(neur)s.

LOrs led(it) Roy darmes Doibt Rem(er)cíer lesd(its) juges
 Diseurs Et en apres leur Requerir que
 20 co(m)me juges il leur plaise lui ordonner le jour dud(it)
 tournoy /et le lieu aussi/ ad ce quil le puisse faire
 crier ainsi quil appartient /.Et tous ledit juges diseurs
 Doivent aler ensemble en conseil/ pour advíser le jour
 et le lieu/ affin que led(it) Roy darmes aille com(m)ancer
 25 a crier led(it) tournoy et lieux ou il appartient /. cest ass(avoir)
 p(re)míerem(ent) a la court du s(ei)g(neur). /appellant/ Secondement a la court du
 seign(eu)r\ deffendant/ Et / Tíercem(ent)/
 [f. 17v] a la court du Roy et ailleurs ou il s(er)a advise par lesd(its)
 juges Diseurs. Et se led(it) Roy darmes ne povoir/ ou
 vouloit aler en personne a la court des aut(re)s s(ei)g(neur)s.
 pour crier led(it)tournoy il pourra envoyer a ch(ac)un(e)
 5 court/ ung poursuíva(nt) pour le faire. Maiz a la court
 Dusd(ites) deux seigneurs cheifz Du tournoy Et aussi |
 Du Roy. fault que led(it) Roy darmes aille personelem(ent)

Ainsi cy apres sensuit la forme et maniere
 co(m)mant on doibt crier led(it) tournoy /Et tout
 10 p(re)míerement led(it) Roy darmes doibt estre acompaigne
 De troys ou quat(re) heraulx et poursuivans quant il
 criera lad(it) feste/ Du tournoy en la forme et manie(re)

que cy apres est hystorie

- Ycy apres est pour tractie la façon et maniere co(m)m(ent)
15 le Roy darmes aiant le drap dor sur lespaule et les
deux chiefz pains sur le parchemin et aux quatre/.
coings les quatre escussons desd(ites) juges pains Et crie/ le tournoy Et/
co(m)m(ent) les poursuiva(n)s baillent les escussons des armes
desd(ites) juges a tous ceulx qui en veullent prandre

[ff. 18r-18v em branco]

[f. 19r imagem 5]

- [f. 19v] Cest assavoir que Inco(n)tinent que les juges diseurs
ont accepter la charge que le Roy darmes fera
prandre/ les quatre escuz Di ceulx juges diseurs aux
quatre cornières dud(it) parchemin. Cestassavoir ceulx
5 des deulx ch(eva)li(e)rs en hault et ceulx des deux escuiers
en pie

- Et/ p(re)mierem(ent) lung Des poursuivans de la
compangnie du Roy Darmes qui plus haulte
voix aura Doibt crier par troys haultes allenees.
10 et troys grandes Repposees

Or ouez or ouez. or ouez.

- On fait assavoir a tous princes seigneurs baro(n)s
ch(eva)li(e)rs et escuiers de la marche de lisle de france/
De la marche de (três palavras riscadas)²²¹ champaigne./
15 De la marche de flandres/ et dela marche de po(n)thieu
chief Des poyers/ De la marche de vermandois/
et dartoys/ de la marche de normandie/ de la m(ar)che

²²¹ A frase *ch lisle de france* aparece riscada.

Dacquítaïne et Danjou/ De la marche de bretaïne/
 et berry/ et aussi de corbye et a tous aut(re)s de q(ue)lco(n)ques
 20 marches qui soient de ce Royaume/ et de tous aut(re)s
 Royaumes (chrét)iens silz ne sont banníz ou ennemys
 Du Roy n(ost)re s(ei)g(neur). aqui dieu donne bonne vie Que tel |
 jour/ de tel moys/ en tel lieu/ de telle place sera ung
 grant desime p(ar)don darm(es)/ et tres nobles tournoy
 [ff. 20r-20v em branco]
 [f. 21r] frappe de masses de mesure/ et espees / Rabatues en
 harnois propres pour ce faire en timbres/ cotez
 Darnes/ et housseures de cheuaulx armoyers Des
 armes Des nobles tournoyeurs/ aínsi que de toute
 5 anciennete est de coustume

Duquel tournoy sont chiefz. tres hauls et
 tres puissans princes et/ mes t(re)s redoubtes s(ei)g(neur)s.
 le duc de bretagne pour appellant/ et le duc de bourbon
 pour deffendant

10 ET pour ce fait on de Rechíef assavoir a to(us)
 prínces/ seigneurs / barons/ ch(eva)li(e)rs/ et escuiers
 Des marches dessusd(ites)/ et aut(re)s de quelzconques
 nac(i)ons quilz soient non ban(n)íz ou ennemys du Roy
 n(ost)re d(it) s(ei)g(neur) qui auront vouloir et desír de tournoyer
 15 pour acquerir honneur quilz portent des petis escusso(n)s
 que cy p(rese)ntem(ent) donneray ad ce que on congnoísse quilz
 sont des tournoyeurs Et pour ce en demande qui en
 voudra avoir/ lesquels escussons sont escarteles.
 Des ármes desd(ites) quatre ch(eva)li(e)rs et escuiers juges
 20 Diseurs dud(it) tournoy.

ET aud(it) tournoy y aura de nobles (et) Riches pris
 par les dames (et) damoiselles donnez

[f. 21v] Oultre plus je anonce a ent(re) vous tous princes s(ei)g(neur)s
 barons ch(eva)li(e)rs et escuiers qui avez entencion
 De tournoyer/ que vous estes teniz vous Rendre es
 haberges les (quarte) jour davant le jour dud(it) tournoy
 5 pour faire devez blasons fenestres sur paine de non
 estre Receuz. aud(it) tournoy. Et ce cy vous foíz je assavoir
 de par mes s(ei)g(neur)s les juges Diseurs/ et me p(ar)donnez.
 sil vous plaist/.

Icy apres sensuit la façon et manière dont doivent estre
 10 les harnois. de teste de corps et de bras timbres et
 lambequins que on appelle en flandres et en brabant
 et en ses haulx pays ou les tournoys se usent co(m)mune(m)ent
 hacheures ou hachemens cottes darmes selles houes
 et housseures de chevaux masses et espees pour
 15 tournoyer

Et/ pour mieulx le vous declarer icy dessoubz.
 sera figure lune piece apres laut(re) ainsi q(ue)lles
 doyvent estre

Cest assavoir tout p(re)mierem(ent) le tîmbre²²² doibt
 20 estre sur une piece de cuir bouilly/ laquelle
 Doibt estre bien faultree Dung doy despee /ou plus
 par le dedens /et doibt co(n)tenir lad(it) piece de cuir tout
 le so(m)met Du heaulme/ et s(er)a couverte lad(it) piece
 Du lambequin. armoye des armes de celui qui le
 [ff. 22r-22v em branco]
 [f. 23r] portera. Et sur led(it) lambequin /au\ plus hault du so(m)met
 s(er)a assis led(it) tîmbre/ et au tour Di celui aura ung
 tortiz des couleurs que voudra led(it) tournoyer du
 gros du bras ou plus ou moins a son plaisir/

²²² A palavra *qui* aparece riscada.

- 5 Item le heaulme est en façon dung bacinet
ou dune cappéline/ Res(er)ve que la visiere est
aut(re)ment ainsi que cy dessoubz est paínt. Et pour
mieulx faire entendre la manière du tímbre/ Du
cuir bouilly/ et Du heaulme ilz s(er)ont cy dessoubz.
10 pourtraiz en troys façons

Ycy apres sensuit/ la façon et/ maniere du bacinet/
Du cuir bouilly et/ du timbre

[f. 23v imagem 6]

[ff. 24r-24v em branco]

- [f. 25r] ITem le /harnoy de corps este co(m)me une/ cuirasse.
óu co(m)me ung harnoy a pie/ quon appelle to(n)nellet
Et/ aussi peult on bien tournoyer en brígangínes
qui vueult/ Maiz en quelque façon de harnoy de corps
5 que ou vueille tournoyer est de necessite sur toute
Riens/ que led(it) harnoy soit si large et si ample
que on puisse vestir et mettre dessoubz ung porpoínt
/ ou courset²²³ (et) fault q(ue) le porpoint soít
faultre De troys doíz despee²²⁴ sur les espaulez (et) au
10 long des braz. /Jusques au col/ et sur le dos aussi
/ pource que les corps des masses et des espees depe(n)dre
plus volentiers es endroiz dessusd(ites) que en aut(re)s
lieux. Et pour veoir la princípalle et me\i\lleure
façon pour tournoyer s(er)a figure cy dessoubz une/.
15 . cuirasse pertuísee en la meilleure et plus propre
façon et manière quelles peut/ estre pour led(it).
tournoy.

²²³ A frase *soubz le pourpoint* aparece riscada.

²²⁴ A letra “s” no final da palavra *despee* foi riscada.

Ycy apres est pourtraicte la maniere et la façon de
la cuirasse et la forme des armeures des bras propres.
pour tournoyer/.

[f. 25v imagem 7]

[ff. 26r-26v em branco]

[f. 27r] « c »²²⁵ est assavoir gardebras. avantbras. et gantelez
lesquelx avantbras et/ gardebras fait on vouleut(re)s
tenáns ensemble et y en a de deux façons

5 « d »²²⁶ ont les ungs sont de harnoys blanc/ et les aut(re)s
de cuir bouilly lesquelles deux façons tant de harnoys
blanc/ que aussi de cuir bouilly sont peintes cy dessoubz

Ycy apres sensuit/ la forme et/ maniere des gardebras (et)
avantbras tant de harnoys blanc que de cuir bouilly

[f. 27v imagem 8]

[ff. 28r-28v em branco]

[f. 29r] La²²⁷ forme et façon des ganteles est telle que on
peult veoir cy dessoubz. en figure

Ycy apres est/ pourtractie la façon (et) la maniere des
gantelez²²⁸

[f. 29v imagem 9]

[ff. 30r-30v em branco]

²²⁵ Há a letra “c” minúscula e separada da palavra, provavelmente onde deveria ser pintada uma inicial.

²²⁶ O mesmo ocorre neste trecho com a letra “d”.

²²⁷ A letra “l” inicial encontra-se dentro da letra “r”, também uma inicial.

²²⁸ Logo abaixo desse trecho há um parágrafo rubricado que foi cabelado pelo escriba. Segue-se o escrito: *Item lespee Rabatue doibt estre em la forme et manie(re) | cy apres painte/. Et semblablem(ent) la masse |*. Esta mesma frase foi colocada no folio seguinte.

[f. 31r] IItem lespee Rabatue doibt estre en la forme et
maniere cy apres painte Et semblablement
la masse/.

Ycy apres est pourtraicte la forme (et) la maniere de
5 lespee (et) de la masse.

[f. 31v imagem 10]
[ff. 32r-32v em branco]

[f. 33r] DE la mesure et façon des espees et des masses
ny a pas trop a dire fors que de la largeur/
et longueur de la lumelle./ Car elle doibt estre large
de quatre doiz. a ce quelle ne puisse passer par la
5 veue Du heaulme/ et doibt avoir les deux tranchans
larges Dung doy despez. /Et affin quelle ne soit
pas trop pesante elle doibt estre fort²²⁹ vuidee
par le meilleu /et mosse devant/ et toute dune
veune se bien pou non depuis la croiste jusques
10 au bout. Et doibt estre la croïsee si courte quelle
puisse seblem(ent) garentir ung coup. qui par cas dave(n)ture
Destendroit ou viendroit glissant le long de lespee
jusques sur les doiz /et toute doibt estre aussi longue
qui le braz avec/ la main de celluy qui la porte./ et la
15 masse par semble Et doibt ávoir lad(it) masse une
petite Rondelle bien clouéé devant la main/ pour
icelle garentir. Et peult on quí veult atacher
son espee ou sa masse a une de liée chaesne tresse
ou cordon au tour Du braz./ ou a sa saínture/ a ce que
20 si elles eschappoient de la main on les peust Recouver
sans cheoir a terre:

²²⁹ A palavra *vud* aparece riscada.

Au regard de la façon des po(m)meaulx des espees
De la est aplaisir /Et la grosseur des masses
et la pesanteur des espees Doyevent estre Revísítees
25 par les juges la vigille Du jour/ Du tournoy./
lesquelles masses Doívent estre figures Dung fer
chault par lesd(its) juges/ a ce quelles ne soient point
Doultrageuse pesanteur ne longueur dussi

[f. 33v] LE harnoys/ de jambes est aussi et de semblable
façon co(m)me on le porte en la guerre sans aut(re)
Differance/ fors que les plus petites gardes sont les
meilleurs/ et les sollerez y sont tres bons cont(re) la poincte
5 des esperons/

LEs plus cours esperons sont plus co(n)venables.
que les longs/ a ce que on ne les puisse arracher
ou destordre hors les piedz en la presse/

La cotte darmes doibt estre faicte ne plus ne
10 moins/ co(m)me celle dung herault Res(er)ve quelle
Doibt estre sans ploíctz. par le corps/ affin que on
congnoisse/ mieulx de quoy sont les armes

En brabant flandres et haynault/ et en ces pays.
la vers les almailnes ont acoustume deulx
15 armes de la personne aut(re)ment au tournoy. Car
ilz prennent ung demy pourpoint/ de deux toilles
sans plus/ Du faulx Du corps en bas/ et la ce sur
le ventre/ Et puis sur ce la mettent uns bracières
grosses/²³⁰ de quatre Doiz despez/ et Remplíes de
20 coton. Sur quoy ilz arment les avantbras et

²³⁰ A palavra *et* aparece riscada.

- les gardebras de cuir bouilly/ Sur lequel cuir bouilly
y a de menuz bastons cinq ou six de la grosseur Dung
doy/ et collez. dessus/ qui vont tout au long du bras
[ff. 34r-34v em branco]
[f. 35r] jusques aux jointes/. Et quant pour les paule et
pour le coule sont faiz les gardebras et avantbras
de cuir bouilly co(m)me cy devant est devise/ fors quilz
sont de plus lorde et grosse façon Et sont debaus
- 5 bien faultrez /Et de lun en laut(re) est une toille
double cousue qui les trent ensemble co(m)me ung
²³¹manche de mailles. Puis ont une
bien legrere brigantine Dont la poitrine est
²³²pertuisee co(m)me cy dessus est devise. Et quant
- 10 a leurs armeures de teste ont ung grant bacinet
a camail sans visiere/ lequel ilz atachent par
le camail dessus la brigandine tout au tour/ a la
poitrine/ et sur les espaulles a fortes agueillettes
Et par dessus /tout\ ce la mettent ung grant heaulme
- 15 fait dune venue /.lequel heaulme est voulenties
De cuir bouilly et pertuise dessus/ a la largeur
Dung tranchoirer de boiz /et la veue en est barrer
de fer de trois doiz en troys doiz /lequel est seulement
atachie daant a une chaesne qui tient a la poitrine
- 20 de la brigandine/ en façon que on le peult gerter
sur larczon de la selle pour soy Refrechir et le
Reprendre quant on veult/ Et pendant que on a led(it).
Heaulme/ hors de la teste nul ne ose frapper jusques
ad ce que on lait Remis en la teste/ Sur lequel
- 25 heaulme on mett le lambequin des armes/ la Rorte
ou tortois de la devise/ et le timbre des armes
Du tournoyer/ atachie a agueillettes co(m)me dava(n)t
est devise/. Et sur la brigandine mettent la

²³¹ As palavras *sangle de mall* aparecem riscadas no início da linha.

²³² A palavra *pa*// aparece riscada no início da linha.

cotte Dames. Et quant tout ce la est sur lom(m)e
 30 il semble estre plus gros/ qui long/. pourquoy
 me passe de plus avant en parler/ Et au Regard
 [f. 35v] de leurs selles elles sont/ de la haulteur/ dont on les souloit
 porter a la jouxte en france anciennem(ent)/ et /les\ pissieres
 et le chaurain de cuir aussi/ Et moins /deulx\ a len veu en
 cest habillement/ lesquelx quant ilz estoient a cheval
 5 ne se povoient aider ne tourner leurs cheuaulx/
 tellement estoient gours/. Et pour Revenir a la
 vraye et plus gente façon/ la manière darmer les
 p(er)sonnes/ ainsi que dessus est touchie est dassez.
 plus belle et/ plus seure. Et les selles de guerre
 10 áussi sont bonnes pour tournoyer quant elles sont
 bien fort closes derriere /et ne veullent pas estre trop
 háultes darczon davant/.

ET du Regard de leurs masses espees et
 harnois de jambes elles sont semblables
 15 de celles dont devant est Dívise

Oult(re) plus y est tres neccessaire une façon de hourts
 que on atache davant a larczon de la selle
 tant hault que bas en plusieurs lieux le mieulx
 que on peult (et) le plus seurem(ent). .Et deffend le
 20 long des aulnes de la selle davant en ambrassant
 la poictríne Du cheval/ lequel hourt est bon po(ur)
 garentir/ le cheval ou destríer despauler. cont(re) le
 hurt/ quant on vient de choc/ et pres(er)ve aussi la jambe
 Du tournoyeur de tout esforces

[ff. 36r-36v em branco]

[f. 37r] CE hourt/ est fait de paille longue ent(re) toilles
 fort. po(ur) poínctees de cordes de fouet/ et dedans
 led(it) hort y a ung sac plain de paille en façon Dung

5 croissant atachie aud(it) hourt /qui Reppose sur la
 poictríne du cheval/ et Relieve aud(it) hourt ad ce quil
 ne hurte cont(re) les jambes Du cheval. Et en oult(re)
 led(it) pour poínctem(en)t y a qui vieult bastons cousuz
 dedens qui le tiennent roide sans gaínchír /Et est
 la façon dud(it) hourt cy dessoubz pour traícte tant
 10 a lenvers que a lendroit /affin que on voye lune.
 (et) laut(re)/ et co(m)me on mett led(it) sac dedens led(it) hourt
 / la façon Du quel sac est ainsi

Ycy apres est/ pourtraicte la façon (et) la maniere Du sac
 pour mettre dedans le hourt

[f. 37v imagem 11]

[ff. 38r-38v em branco]

[f. 39r]²³³ Ycy est/ pourtraicte hystoire du hort a lenvers/.

[f. 39v imagem 12]

[ff. 40r-40v em branco]

[f. 41r] LE hourt a lenvers est/ tel que cy davant est
 semblablement pourtrait

Ycy est/ pourtraicte hystoire du hourt a lendroit

[f. 41v imagem 13]

[ff. 42r-42v em branco]

[f. 43r] Item on couvre led(it) hort/ dune couverture armoyee des
 armes du seigneurs qui le porte et faictes de batre
 co(m)me cy apres est hystoire

²³³ Na primeira linha, antes da entrada transcrita, um trecho foi cancelado posteriormente pelo escriba. Segue-se a frase: *le sac du hort/ est tel que cy dessoubz est figure.*

Ycy apres est pourtraicte Hystoire de la couverte du hourt

[f. 43v imagem 14]

[ff. 44r-44v em branco]

[f. 45r]²³⁴ Ycy apres sensuit co(m)mant les deux ductz de bretagne (et) de
bourbon sont a cheval armoyez et timbres ainsi qui s(er)o(n)t
au tournoy.

[ff. 45v-46r imagem 15]

- [f. 46v] LEs lices doyent estre vng quart plus longues /q(ue) larges\ et de
la haulteur dung ho(m)me/ ou dune brace et demye de fort
merrain/ et pou carre a deux travers/ lung hault et lautre
bas jusques au genoil/ et doyuent estre doubles/ Cest assavoir
- 5 unes áutres lices par de hors a quatre pas pres des aut(re)s.
premières lices/ pour Refrechir les s(er)víteurs a píe/ et eulx-²³⁵
salvers hors de la presse /et\ la dedans se doyevent tenir gens armez
et/ non armez com(m)is de par les juges pour garder les
tournoyans de la foule du peuple/ Et quant a la grandeur
- 10 de la place des lices il les fault faire grandes ou petites/.
selon la quantite des tournoyeurs et par laduís des juges

[ff. 47r-47v em branco]

[f. 48r] Ycy apres est pourtraicte hystoire de la façon des lices et
des chaufaux.

[ff. 48v-49r imagem 16]

²³⁴ Na parte superior do folio foram escritas quatro linhas rubricadas e posteriormente canceladas pelo escriba. Segue-se o escrito: *Ycy apres sensuit/ la forme co(m)mant les deux seign(eu)rs | chiefz du tournoy doyvent estre habillez armoyes et timbres | a cheval Et/ aussi tous les autres tournoyeurs ch(ac)un en son | en droit laquelle est cy pourtraicte |.*

²³⁵ Indicação do escriba de separação da palavra.

[f. 49v] ET pource/ quil me semble que desormaíz les har/²³⁶
 noys et/ les habillemens pour tournoyer sont/
 assez souffisamment declairez par Raison/ je Reto(ur)ne
 adíviser/ et declairer les façons statuz et serímoníes
 5 quil appartient agarder pour bien (et) honnorablem(ent)
 faire et acomplir led(it) tournoy

ET pour co(m)mancer .vous avez oy cy davant par
 le cry du Roy darmes co(m)mant il fait assavoir
 a tous ceulx qui doyevent estre dud(it). tournoy quil
 10 ny au ait/ faulte co(m)mant que se soit quilz ne soient
 le jeudy (quatre). jour davant le jour du tournoy davant
 leur de tierce Renduz. a leurs haberges sur peíne de non
 estre Receuz aud(it) tournoy /pour faire de leurs blazo(n)s.
 fenestres/. Et est doncques neccessaire de savoir lordo(n)nan(ce)
 15 et maníere Co(m)mant les tournoyeurs doyevent
 entrar/ en la ville on se doit faire led(it). tournoy.

[ff. 50r-50v em branco]
 [f. 51r] ET premierement les princes seigneurs ou barons
 qui voudront desploier leur banniere au tous noy
 doivent mettre peíne²³⁷ destre acompangnez.
 princípalement a lentrete quilz seront/ en la ville de la plus
 5 grant quantite de ch(eva)li(e)rs et escuiers tournoyans quilz pourront
 finer Et/ en telle façon doivent faire leur entree co(m)me cy
 apres sensuit

Cest assavoir que le destrier du prince seigneur ou baron
 chief des autres ch(eva)li(e)rs. et escuiers qui lacompaigne(n)t
 10 doit/ et estre le/ premier entrant dedans la ville en couv(er)te
 de la divise du s(ei)g(neur) et/ quatre escussons de ses armez aux q(ua)tre
 membres /dud(it) cheval/ et\ de/ la teste en plumee de plumes dautruce Et

²³⁶ Indicação do escriba de separação da palavra.

²³⁷ A palavra abreviada *principalem(ent)* aparece riscada.

- au col le colier de clochetes/ ung bien petit page/ tout a doz
/ ou selle co(m)me mieulx lui plaira. Et apres led(it) destrier
- 15 doivent pareillement entrer les destriers des autres.
ch(eva)li(e)rs. et escuiers tournoyans de sa compaigne deux a deux
/ on ch(ac)un par soy a leur plaisir/ aians touteffoiz leurs
armes es quatre membres ainsi que dit est devant Et
apres lesd(its) destriers doivent aler les trompettes et menestrelz
- 20 cournans et sounans /ou autres instrumens telz quil.
leur plaira Et puis apres leurs heraulx ou poursuiva(n)s
aians leurs cottes darmes vestues. Et apres eulx
lesd(its) ch(eva)li(e)rs et escuiers tournoyans avec leur suite de toutx
autres gens.
- 25 Ycy co(m)mance listoite de lantree dung des seign(eu)rs.
chiefz au lieu de tournoy pour ce quil. souffira pour
tous deux. (etc)
- [ff. 51v-52r imagem 17]
[ff. 52v-53v em branco]
- [f. 54r] ITem incontinent/ que ung seigneur ou baron.
est arrive ou habergement il doibt faire
de son blazons fenestre en la maniere qui sensuit/ cest ass(avoir)
faire mettre par les heraulx et poursuyvans dava(n)t
- 5 son logers une longue planche atachee cont(re) le
mur/ Sur quoy sont pains les blazons de lui / cest ass(avoir)
timbre et escu/ et detres tous ceulx de sa compaignie
qui veulent tournoyer tant ch(eva)li(e)rs que escuiers Et
a la fenestre /hault\ de sond(it) logers fera mettre sa ba(n)niere/
- 10 ²³⁸desploiee pendant sur la Rue Et pour ce f(er)e
lesd(its) heraulx et poursuyvans doyevent avoir quat(re)
solz paris(is) pour atacher ch(ac)un blazon/ et ch(ac)une ba(n)niere/

²³⁸ A palavra *hault* aparece riscada.

et/ y sont tenuz de fournír de clouz et de cordes pour
clouer et desclouer et Relever bannières pa(n)nons
15 et blazons touteffoiz quil en est beísoing./ Et est
á notter q(ue) les chiefz dud(it) tournoy font pareillement
Devant leurs hostelz co(m)me les aut(re)s s(ei)g(neur)s et barons
Et ny a difference nulle/ fors que aux fenestres.
De leurs d(ites) hostelz. mettront leurs pa(n)nons desploiez
20 avecques lesd(its) ba(n)nières Et lesd(its) barons qui sero(n)t
De leurs bannières fenestres sont tenuz pour
leur honneur de f(er)e clouer cinq blazons Du moins
ávec leur bannière pour la compaigner

Ycy apres sensuit hystoire co(m)mant les s(ei)g(neur)s chiefz font de leurs
25 blasons fenestres/

[ff. 54v-55r image 18]

[f. 55v] Icy apres sensuit la forme et maniere co(m)mant/
les juges diseurs doivent faire leur entree en
la ville au Jour que les s(ei)g(neur)s et aut(re)s tournoyans la
font/. Neantmoins que les juges diseurs Doivent/.
5 mettre peine dentrer les premiers sil se peult faire

Et /premierem(ent).

Lesd(its) juges diseurs doivent ávoir davant eulx.
quatre trompettes sonnans portant ch(ac)un
deulx la bannière. de lung desd(ites) juges diseurs. Et
10 apres lesd(its) quatre trompettes. quatre poursuívans
portant ch(ac)un une cotte darmes de lui desd(ites) Juges:
ármoyez semblablem(ent) co(m)me les trompettes /.Et
apres lesd(its) quatre poursuívans. doit aler seul le Roy
darmes qui aura crié led(it) tournoy aiant sur sa

15 cotte darmes²³⁹ la pièce de drap dor/ veloux
/ ou satin figure cramoisy et /dessus icelle\ le parchemin des des blazo(n)s
co(m)me davant est divise/.

ET apres led(it). Roy/ darmes doivent aler per
á per les deux ch(eva)li(e)rs juges diseurs sur beaulx
20 palefroiz convers ch(ac)un de ses armes jusques en t(er)re
Et Doivent estre vestuz de longues Robbes les
plus Riches quilz pourront finer Et /les\ deux escuïers
apres eulx pareillement/ Et doibt avoir/ ch(ac)un
Des juges ung ho(m)me a pie áiant la maín a la
25 bride/ du destríer aussi doivent avoir lesd(its) juges
[ff. 56r-56v em branco]
[f. 57r] ch(ac)un une verge blanche en la main de la longueur
deulx quilz porteront droicte auront laquelle verge
ilz doivent porter a pied et a cheval par tout ou ilz.
s(er)ont durant la feste affin que mieulx on les congnoisse
5 estre juges diseurs .Et apres eulx le plus de gens
destat quilz pourront.

Cy apres sesnsuit listoire de lentrete des Juges

[ff. 57v-58r image 19]

[ff. 58-59v em branco]

[f. 60r] ET est a noter que le s(ei)g(neur) appellant et le s(ei)g(neur)
Deffendant sont tenuz Denvoyer devers
les juges Diseurs incontinent que iceulx juges
s(er)ont arrivéz. ch(ac)un lung de ses maistres dostel
5 avec ung de leurs gens de finances/ lesquelx auro(n)t
les diligences de faire f(er)e et paier ce que s(er)a advise
estre neccess(er)e par lesd(its) juges ainsi q(ue) plus a plain

²³⁹ As palavras *la piec* aparecem riscadas.

s(er)a apres divise

- Lesd(its) juges Diseurs doyevent tenir leur
10 estat ensemble pendant lad(it) feste Et se
nullem(ent) leur est possible eulx loger en lieu de²⁴⁰
Religion ou il y ait cloistre pour ce quil ny a lieu si
convenable pour asseor De Rang les tímbres.
Des tournoyans co(m)me en cloistre/ affin que au lendemain
15 Du jour que les tournoyans et eulx s(er)ont arrívez
aux haberger. Ch(ac)un desd(ites) tournoyens y face apporter
son tímbres (et) les ba(n)nières aussi/ pour illec estre
Revisítters et monstrees aux Dames (et) deppartres
par lesd(its) juges tant Dung couste que daut(re)./
20 Et doivent lesd(its) juges Diseurs Davant leur
haberge faire mettre une toille a la haulteur
De troys brasses et de deux de large ou soient
pourtraictes les bannières desd(ites) quatre juges
Diseurs que le Roy Darmes qui aura crée la feste
25 embrasse /et dessus au chíf De lad(it) toille
s(er)ont mís en esc(ri)pt les deux noms des deux chiefz/
[f. 60v] du tournoy/ Cest assavoir cellui qui est appellant/
et celluy qui est deffendant. Et en píed p(ar) bars
Desd(ites) quatre ba(n)nières s(er)ont/ mís par escript les
noms surnoms seigneures tiltres et offices desd(ites)
5 quatre juges diseurs/

Ycy est pourtraicte listoire Dung herault qui embrace
les quatre bannieres/ des quatre juges Diseurs.

[ff. 61r-61v em branco]

[f. 62r imagem 20]

[f. 62v] Au Soir du jour de la venue des seigneurs ch(eva)li(e)rs

²⁴⁰ A palavra *puifion* aparece riscada.

et escuiers tournoyans/ et des juges diseurs
 aussi Toutes les dames et damoiselles qui s(er)ont
 venues pour veoir la feste se assembleront en
 5 une grant salle apres le soupper/ Et illec viendro(n)t
 lesd(its) juges diseur áiant leurs verges blanches
 avecques leurs trompettes sonnans/ et les po(ur)suiua(n)s
 davant eulx./ et le Roy darmes aussi en tel ordre
 et tríu(m)phe co(m)me ilz s(er)ont entrez dedans la ville fors
 10 quilz s(er)ont a pied /.En laquelle sale ilz trouveront le(ur)
 lieu pare/ et la se mettront /.tous aut(re)s ch(eva)li(e)rs et escuiers
 semblablement se Rendront a celle heure en lad(it) salle/.
 Et lors par lordonnance des juges diseurs se co(m)//
 manceront les Dames Et apres ce que on aura
 15 Dance/ quelque demye heure les juges di(seurs) s(er)o(n)t
 monter leurs poursuyvant et le Roy darmes sur
 le chauffault ou les menestrelz cornent pour f(er)e.
 ung cry en la forme et maníe(re) que cy apres sensuit

Cest assavoir que lung des poursuívans.
 20 qui plus haulte voux aura créera par troys
 grandes allevers et troys longues Repposes/. or ouez
 or ouez/ or ouez/ Et puis apres led(it) Roy darmes
 Dirá en ceste maniere

TRes hault et puíssans prínces Ducz /co(n)tes
 barons/ seigneurs/ ch(eva)li(e)rs/ et escuiers aux.
 [ff. 63r-63v em branco]
 [f. 64r] armes appartenans/ le vous nottifie de par mes s(ei)g(neur)s
 les juges Diseurs que ch(ac)un de vous doyve demain
 á heure De medy f(er)e apporter son heaulme timbre
 ou quel il doibt tournoyer et ses/ ba(n)níeres aussi/
 5 en lostel de mes s(ei)g(neur)s les juges./ ad ce que mesd(ites). s(ei)g(neur)s
 les juges a une heure apres medy puissent
 co(m)mancer a en faire le departem(ent)/. Et apres ce

qu'ilz s(er)ont deppartiz les dames le viendront
veoir et visiter pour en dire puis leurs bons
10 plaisir aux juges

ET pour le jour de demain aut(re) chose ne
ce sera se non les dames apres se soupper
ainsi co(m)me aujourd'hui

LEquel cry ainsi fait et acomply se Reco(m)ma(n)//
15 ceront les dames tant et si longuem(ent) que
s(er)a le plaisir des juges /.puis seront apporter
vin et espices/. Et ainsi se deppartira la feste
pour ce p(re)mier jour

Au lendemain a leure devant(re) dicte se portero(n)t
20 les ba(n)nieres pannons et tmbres desd(ites) chiefz/
ou cloistre dessusd(ites) pour les p(rese)nter aux juges
Et co(n)seque(m)ment toutes aut(re)s bannieres et heaulmes
tmbres co(m)me devant est dit en lordonnance (et) manie(re)
[f. 64v] qui sensuit

Et primierement les bannieres de tous princes se
Doivent apporter pas ung de leurs cha(m)bellans
ch(eva)li(e)rs Et les pannos desd(ites) chiefz se doyevent
5 apporter par leurs p(re)miers varlez ou escuiers tre(n)cha(n)s

ET les ba(n)nieres des aut(re)s bannierez par leurs
gentilz ho(m)mes ainsi qu'il leur plaira

LEs heaulmes des princes se doyevent apporter.
par leur escuier descuere/

10 ET les heualmes des aut(re)s bannieres ch(eva)li(e)rs et
escuiers par aucuns gentilz ho(m)mes /ou ho(n)nestes

varlez²⁴¹

[ff. 65r-65v em branco]

[f. 66r] Ycy dessoubz est pourtraicte listoire co(m)mant ilz portent ba(n)níeres
et timbres de lappellant ou cloistre pour les arrenger
et faire le despartement/.

[ff. 66v-67r imagem 21]

[ff. 67v-68r imagem 22]

[ff. 68v-69v em branco]

[f. 70r] ITem et quant /tous\ les heualmes s(er)ont ainsi mis
et ordonn(ance) pour les despartir vendront toute
Dames et Damoiselles et tous seigneurs ch(eva)li(e)rs et
escuiers en les vísítant Dung bout a aut(re) la p(rese)n(te)s

- 5 les juges qui maíneront/ troys ou quatre tours les
Dames pour bien veoir et visiter les tímbres Et y
aura ung herault x ou pourssuívant qui dira aux
Dames selon lendroit ou elles seront le nom de ceulx
á qui sont les timbres/ ad ce que sil y en a nul qui
10 áít des Dames/ mesdit/ et elles touchent son timbre
quil fort le lendemaín pour Reco(m)mande/ touteffoiz nul
ne doibt estre batu ond(it) tournoy si non par laduís (et)
ordonnan(ces) des juges/ Et le cas bien des batu et attáint
au vray estre trouve tel quil meríte pugnít(i)on
15 Et lors en ce cas doibt estre si bien batu le mes disa(n)t
que ses espauls sen sentent tres bien/ et par maníe(re)
que une aut(re)ffoiz ne parle ou mesdie ainsi desho(n)ne//
stement des dames co(m)me il a acostume/.

En oult(re) la Reco(m)mandac(i)on des Dames y a aut(re)s

²⁴¹Na parte inferior do folio foram escritas três linhas rubricadas e posteriormente canceladas pelo escriba. Segue-se o escrito: *Ycy dessoubz est pourtraicte listoire Co(m)mant ilz portent | bannieres et timbres de lappellant ou cloistre pour | les arrenger et faire le despartement/. |.*

- 20 certains cas plus gríefz et plus deshonestes
que de mes díre Delles/ pour lesquelx cas la
qui cy apres sensuit est deue/ a ceulx qui les ont
co(m)mís/
- LE p(re)míer cas et le plus pesant si est quat(re)
- 25 ung gentil ho(m)me est trouue vrayem(ent) evídroi(m)ment
[f. 70v] faulx et mauvaiz menteur de p(ro)messe esp(eci)alem(ent) faicte
en cas Donneur/
- LE second aut(re) cas est Dung gentil ho(m)me.
qui est usuríer publique et preste a int(er)estz
- 5 magnífestement
- LE (tierce) cas est dung gentil ho(m)me qui se
Rabaísse par maríage/ et se maríe
Roturière et non noble
- DEsquelx troys car les deux p(re)míers et p(ri)ncipaulx
- 10 ne sont point Remíssibles/ aincoys leur /doit\ on g(ar)der
áu tournoy toute Rigueur de justice/ se ilz sont
si foulx et si oult(re) cuidez deulx y trouver/ apres ce
que on le leur aura notíffíe et boute leur heaulme
a terre/
- 15 NOta que sil víent aucun au tournoy qui ne
soit poínt gentil ho(m)me de toutes ses lignes
/ et que de sa personne il soit vertueux il ne sera
poínt batu de nul pour la p(re)míere foiz/ seullem(ent)
Des prínces et grans seígneurs lesquelx sans mal
- 20 lui faire se joueront a luí de leurs espees (et) masses
/ Co(m)me silz le vouldissent battre / .Et ce luí s(er)a a tousio(ur)s//
maís. atribue a ung grant honneur a luy fait p(ar) lesd(its)
[ff. 71r-71v em branco]

[f. 72r] princes et grans s(ei)g(neur)s/. Et s(er)a figure que par sa grant
 bonte et vertu il merite doresnavant estre du
 tournoy/ faire ce que on lui puisse jamaiz en Rienz
 Reprouver son lignaige/ en lieu donneur ou il si
 5 trouve/ tant ond(it) tournoy /que ailleurs /Et la aussi
 pourra porter tĩbre nouvel /ou adjouster a ses armes
 co(m)me il voudra /pour le maintenir on temps advesĩr
 pour lui et ses hors

Laquelle pugnĩc(i)on pour les deux car plus
 10 griefz. et prĩncĩpaulx dessusd(ites) est telle que
 cy apres sensuit

Cest assavoir que tous aut(re)s s(ei)g(neur)s ch(eva)li(e)rs et escuiers
 Du tournoy qĩ le tiennent en tournoyant
 se doivent arrester sur lui et tant le batre quil
 15 lui face(n)t dire quil donne son cheval/ qui vault auta(n)t
 a dire en substance/ co(m)me je me Rens/. Et lors quil
 aura donne son cheval les aut(re)s tournoyeurs doivent
 faire couper les sangles de la selle par leurs gens.
 tant a pied que a cheval. Et faĩre porter le mal
 20 fatteur a tout sa selle et le mettre a cheval sur les
 barres des lices/ et la le faĩre g(ar)der en cest estat/.
 tellement quil ne se puisse descendre/ ne couler a bas
 jusques a la fin du tournoy/ et doibt estre donne son
 cheval aux trompettes (et) menestrelz

[f. 72v] La pugnĩc(i)on. de laut(re) troisesme /cas est que ceulx |
 qui en sont con(n)vaĩncuz doyevent²⁴² estre
 bien. batuz /et tellment quilz de peut donner leurs
 chevaulx co(m)me laut(re) dessusd(ites). Maiz on ne leur
 5 Doibt point couper les sangles ne les mettre a ch(ev)al

²⁴² A palavra *tellem(ent)* aparece riscada.

sur les barres Des lices co(m)me pour les aut(re)s deux
 p(re)miers cas/. aincoís leur doibt on (con)ter les Resnes
 De la bride de leurs chevalx hors des maíns (et).
 hors du col du cheval. Et gitter leur masses
 10 et espees a terre/. Puis doivent estre baillez par
 la bride a ung herault on pourssuivant pour les
 mener a ung des corniers des lices /et illec les g(ar)der
 jusques a la fin Du tournoy co(m)me p(ri)sonniers .Et silz
 sen vouloient fouir on eschapper hors des maíns des
 15 heraulx ou pours(uit) apres ce quilz y ont aínsi este
 Donnez/ on les doibt batre de Rechief et leur couper
 les sangles/ les mettant a cheval sur la lice co(m)me
 Davant est du des p(re)miers pour Rengrege de pug(nici)\on/.

Le (quarte) cas est dung gentil ho(m)me qui dit
 20 parolles de dames ou de damoiselles en char//
 geant leur honneur sans cause ou Raison apart
 .Et pour pugníc(i)on dicelluí/ il doibt estre batu des
 áut(re)s et escuiers tournoyans tant et si lo(n)guem(ent)
 quil críe merry aux dames a haulte voix /tellem(ent)
 25 que ch(ac)un loye En p(ro)mettant que jamaiz ne lui
 adviendra Den mesdire/ ou villaínnem(ent) parler

[ff. 73r-73v em branco]
 [f. 74r] ET pour Revenir a n(ost)re matiere quant le
 despartement et/ devís des heaulmes et
 bannières s(er)a fait par les juges Diseurs/ ch(ac)un des
 s(er)viteurs qui aura portez lesd(its) heaulmes (et)
 5 bannières / ond(it) hostel par la licence des juges les
 Rapportera chies son maistre (et) s(ei)g(neur). en tel ordre
 et tríumpe quil les áura /la portez/ ou aut(re)m(ent)
 a son plaisir/. Et pour ce jour ne se fait aut(re) chose
 / fors que apres le soupper s(er)ont les dames co(m)me
 10 le fors precedent/ ausquelles tous ch(eva)li(e)rs et

escuïers se Rendront/. Et apres la p(re)míere ou la
second dance s(er)a fait vng cry par les poursuívans
et Roy Darmes et p(ar) le co(m)mandement des juges
co(m)me deva(n)t/ est declaire. en la forme qui sens(uit)

- 15 Haulx (et) puíssans princes Contes/ barons/
ch(eva)li(e)rs et escuiers. qui aujourdui avez envoye
p(rese)nter a mes s(ei)g(neur)s les juges et aux dames aussi
voz tímbres et bannières/ lesquelx ont este p(ar)tiz
tant dung couste/ que daut(re). par esgale porcion
20 soubz les bannières (et) pannons de tres hault et
tres puissant prince et mon t(re)s redoubte seigneur le
Duc de bretaígne/²⁴³ appellant/. Et
mon t(re)s redoubte s(ei)g(neur) mon s(ei)g(neur) le duc de bourbon #.
Deffendant/ .Mes s(ei)g(neur)s les juges Diseurs font assav(oir)
25 / que Demáin a une heure apres medi le s(ei)g(neur)
appellant avec son pa(n)non seulem(ent) viengne f(er)e
sa monstre sur les Renges acompaigne de tous les
[f. 74v] aut(re)s ch(eva)li(e)rs et escuiers qui²⁴⁴
soubz lui ont/ este partiz sur leurs
Destriers encouv(er)tez et armoyez de leurs armes
/ et leurs corps sans armeures habillez le mieu(x)
5 et le plus jollement quilz pourront/ ad ce que
mesd(ites) s(ei)g(neur)s les juges Diseurs prennent la foy desd(ites)
tournoyeurs /Et apres ce/ que led(it) s(ei)g(neur) appellant
aura ainsi fait sa monstre /la foy prise /et quil
fera Retourne de dessus les Rengs /viengne a deux
10 heures le s(ei)g(neur) deffendant faire la sienne/ pour
pareillem(ent) prandre sa foy/ et quil ny ait faulte

Ycy apres sensuit la forme et maniere co(m)mant le seign(eu)r
appellant vendra le lendemain jurer faire sa mo(n)stre/.

²⁴³ As palavras *et de bourbon* aparecem riscadas.

²⁴⁴ A frase *aujourdui avez envoye p(rese)nter / a mes s(ei)g(neur)s les juges* aparece riscada.

sur les Rengs/.

- 15 ET est assavoir que a leure quil y deura venir
apres le disner les heraulx et poursuiva(n)s
vestuz de leurs cottes darmes iront criant aval
la ville Davant les haberges Des tournoyans
/ aux honneurs s(ei)g(neur)s ch(eva)li(e)rs et escuiers/ aux honneurs/
20 aux honneurs/. Et lors ch(ac)un tournoyeur monte
sur son cheval armoye de ses armes et gentement
habille/ sans harnoy /ung trouson de lance /ou²⁴⁵ baston\ en sa
main/ áiant le banneret avec lui celui qui portera
sa bannière/ quil fera porter Rolee sans estre/.
25 Desployee/ ses varlez a pied et a cheval paereillem(ent)
sáns ármes /lesquelx lui tiendront/ compaignie.
[ff. 75r-75v em branco]
[f. 76r] jusques a lostel de leur chief /ou il viendra pour /.
acompaigner son pa(n)non sur les Rengs/ et de la aussi
sur les lices /Et semblablem(ent) le fera le deffendant
avec ses barons et aut(re)s de sa conduíte apres la
5 Retraicte de lappellant/

Histoire de la façon de la venne du s(ei)g(neur) appellant et du
s(ei)g(neur) /deffendant pour venir sur les Rengs pour faire
les seremens (etc)

[ff. 76v-77r imagem 23]

[f. 77v] La façon de la promesse que lesd(its) seigneurs
juges Diseurs Doivent faire faire aux
princes/ seigneurs /barons / ch(eva)li(e)rs et escuiers to(ur)nyeurs
est telle co(m)me cy apres sensuit/. Et dira le herault

- 5 Des juges aux tournoyans/

²⁴⁵A palavra *de bois* aparece riscada.

- Haulx et puïssans princes seigneurs barons
ch(eva)li(e)rs et escuiers Se vous plaist vous
tous et ch(ac)un de vous leverez la maín dextre en
hault vers les sains et tous ensemble aínczoys q(ue)
10 plus avant aler prometterez et jurez p(ar) la foy (et)
s(er)vent de voz corps/ et sur v(ost)re honneur/ que nul
Deut(re)s vous ne frappera aut(re)s ond(it) tournoy a son estíent
Destoc/ ne aussi depuis la saínture en aval en q(ue)lq(ue)
façon que ce soit /ne aussi ne bouterá /ne tírera
15 nul /sil nest Reco(m)mande. Et daut(re)s part se par
cas daventure le heaulme cheoit de la teste a aucun/
/ aut(re) ne lui touchera jusques a tant quil lui/ aura
este Remís (et) lace/. En vous soubmettant se aut(re)m(ent)
le faictes a v(ost)re estíent de perdre armeures et destriers
20 /. et estre criez banníz du tournoy pour une aut(re)ffoíz
/. de tenír aussi le dit (et) ordonn(ance) en tout et p(ar) tout
telz. co(m)me mes s(ei)g(neur)s les juges Diseurs ordonneront
les deluiquans estre pugníz sans cont(re)dit /Et ainsi
vous les juges et p(er)mettez p(ar) la foy et s(er)em(ent) de voz
25 corps/ et sur v(ost)re honneur/. a quoy ilz Respondront
cy./ oy./ De la fait *entrera* le deffendant dedans
[ff. 78r-78v em branco]
[f. 79r] les lices pour faire ses monstres en la forme (et)
maníere que cy Davant est Devíste

- Pour ce jour la ne se fera aut(re) chose se nom
apres le soupper les dames co(m)me le jour
5 p(re)cedent. Et lors quilz auront ung petit/ dance
le Roy Darmes montera on chault des menestrelz
/ puis fera críer par ung des poursuívans Or ouez
/ or ouez/ or ouez/ puis dira

Haulx et puissans princes Contes s(ei)g(neur)s baro(n)s

- 10 ch(eva)li(e)rs et escuiers qui estez au tournoy
partiz /je vous foiz assavoir de par mes s(ei)g(neur)s le juges
Diseurs. Que ch(ac)une partie de vous soit demain
dedans les Rengs a leure de medy en armes et
prest pour tournoyer/ car a une heure apres medi
- 15 seront les juges²⁴⁶ couper les cordes pour
en co(m)mencer le tournoy/ Ou quel aura de Riches
et nobles dons par les damez donner
- Oult(re) plus je vous advíse que nul dent(re) vous
ne doye amener dedans les Rengs varlez
- 20 a cheval pour vous s(er)vir/ oult(re) la quantite/ Cest ass(avoir)
quat(re) varlez pour prince/. troys pour Conte/ deux
[f. 79v] pour ch(eva)li(e)rs./ et ung pour escuier/ et de varlez a pied ch(ac)un
a son plaisir/. Car aínsi lont ordonne les juges
- CEla fait les juges viéndront devers les dames
/ et delles²⁴⁷ esliront deux des plus belles.
- 5 et des plus grandes maisons/ lesquelles ilz menero(n)t
avec torches/ heraulx/ et poursuívans derriere./
desquelx juges lung tiendra ung long couv(re)chief
de plaisances brode/ garní et papíllote Dor
bien jolien(ent). Et ainsi feront tournoyer les dames
- 10 au tour de la sale/ les tenans par soubz les braz tant
et si longnement quelles trouveront ung ch(eva)li(e)r
ou escuier desd(ites) tournoyeurs que les juges
auront advise paravant /pour lui f(er)e sur tous
aut(re)s honneur/ Davant lequel les dames et juges
- 15 sarresteront ensemble. Et lors led(it) Roy darmes
Dira ad ce ch(eva)li(e)r ou escuier les parolles qui sens(uit).

TRes noble et doubte ch(eva)li(e)r. Ou tres noble et ge(n)til

²⁴⁶ A palavra *coupee* aparece riscada.

²⁴⁷ A palavra *en* aparece riscada.

- escuier./²⁴⁸ Co(m)me áinsi soit que dames et/.
- Damoiselles ont toujours de coustume davoir.
- 20 le cueur pitteux. Celles qui en ceste compaigne so(n)t
²⁴⁹assemblees pour veoir le noble tournoy qui
 Demain se doibt frapper/ doubtans que en chastia(n)t
 [ff. 80r-80v em branco]
 [f. 81r] aucun gentil ho(m)me. qui par cas de simplesse/ po(ur)roit
 ávoir mespris/ la Rigueur de justice ne lui deust estre
 trop griefve et insuportable /et ne vouldroient
 nullem(ent) davant leurs yeulx veoir battre trop.
- 5 Rigoreusem(ent) nul quil soit/ Dans ce quelles²⁵⁰
 ne le peussent áider /ont tres ínst(a)m(m)ent
 prie et Requis a mes s(ei)g(neur)s les juges diseurs que
 lung des plus notables sanges et en tout bien Renom(m)e
 ch(eva)li(e)r ou escuier/ et au quel sur tous aut(re)s de tous
 10 ceulx de ceste assemblee /mieulx honneur s(er)oit deu
 demain de par elles ond(it) tournoy Deust porter au bout
 Dune lance ce p(rese)nte couv(re)chief/. ad ce que quant il
 y áura aucun trop gríefvem(ent) batu/ et quil absseroit
 le couv(re)chief sur le tímbre de cellui que on batroit
 15 tous ceulx qui le batroient le deussent a coup laisser/
 sans plus le ofer toucher /.Car de cestre heure en ava(n)t
 pourre jour la les dames le prennent en leur p(ro)tect(i)on.
 et sauvegarde /.Si vous ont sur tous aut(re)s dud(it) to(ur)noy
 lesd(its) Dames choisy pour estre leur ch(eva)li(e)r/ ou escuier
 20 Donneur /en prenant ceste charge /.De laq(ue)lle
 elles vous p(ri)ent et Req(ue)rent que ainsi le vueil|-²⁵¹
 lez faire. Et semblablem(ent) font mes s(ei)g(neur)s les
 juges qui cy font

²⁴⁸ O sublinhado foi indicado pelo escriba possivelmente como indicação de opção a quem se dirige separadamente.

²⁴⁹ A palavra *est* aparece riscada.

²⁵⁰ As palavras *ne le* | *peussent* aparecem riscadas.

²⁵¹ Marcação de nossa separação de palavra.

L'Ors lui bailleront les Dames le couv(re)chief/
25 En le p(ri)ant que ainsi le vueillent faire
[f. 81v] Et/ apres led(it) ch(eva)li(e)r / ou escuier les baïsera /puis po(ur)ra
Respondre en la forme et maniere qui cy apres sens(uit).

JE Rem(er)cíe tres humiblem(ent) mes dames et
Damoselles De lonneur quil leur plaist
5 me faire. Et Combien quelles eussent bien
trouve aut(re)s qui meulx leussent sceu faire /
et qui méritent cest honneur meulx qui moy /
Neantmoíns pour obeir aux dames/ tres voul(en)t(e)s
en feray mon loyal devoir. En leur suppliant
10 quelles²⁵² me vueillent toujours p(ar)donner mon
ignorance

L'Ors les heraulx et poursuívans liero(n)t
led(it) couv(re)chief au bout dune lance
laquelle ilz dresseront a mont /et apres ung/.
15 poursuivant la tiendra droicte davant led(it).
ch(eva)li(e)r /ou escuier/ donneur depuis ceste heure
la em avant /qui s(er)a\ pour tout le soir droit ou assis
de couste la plus grant dance qui soit en la feste

Et/ alors/ quil sera ou lieu ou s(er)ont lesd(its)
20 dames/. le Roy darmes doibt faire faire
[ff. 82r-82v em branco]
[f. 83r] par ung pours(uit) le cry qui cy apres sens(uit) Or
ouez/ or ouez/ or ouez/ puis dira led(it) Roy darmes

On²⁵³ fait assavoir a tous princes seigne(ur)s
barons ch(eva)li(e)rs et escuiers .Que le plaisir

²⁵² A letra *s* aparece riscada.

²⁵³ A palavra *vous* aparece riscada.

- 5 des dames a este deslire pour ch(eva)li(e)r ou escuier
 donneur tel. n(om). Pour les grans biens ho(n)neur
 vaillance et gentillesse qui sont en sa p(er)sonne/.
 / Si vous foíz co(m)mandem(ent) de par mes s(ei)g(neur)s les
 juges diseurs/ et les dames aussi/ que demaín
- 10 on vous verrez led(it) ch(eva)li(e)rs ou escuier abesser
 led(it) couv(re)chief de plaisance sur quelcun dent(re)
 vous que on batroit pour ses demerites/ nul
 ne soit plus si ose de le frapper ne toucher /.Car
 de celle heure en avant les dames le prennent
- 15 en leur deffense et mercy/ et se appelle led(it) couv(re)chief
 la mercy des dames

- Et/ cela fait les dames Reco(m)manceront les
 dames/ et dureront tant et si longuem(ent)
 quil plaira aux juges/ et puis feront venir
- 20 vin et espices co(m)me les jours p(re)cedens

[f. 83v] Ycy apres sensuit/ la forme et maniere Co(m)mant le ch(eva)li(e)r
 ou escuier Donneur doibt entrer le lendemain sur les
 Rengs avec le couv(re)chief/ le lieu ou il se doibt tenir
 et ce quil en doibt faire

- 5 Apres ce que les dames s(er)ont montees en
 leur chauffault/ le ch(eva)li(e)r ou escuier do(n)neur
 doibt venir sur les Rengs avec que les juges
 au jour Du tournoy arme de toutx preces /le/.
 heaulme tímbre en la teste/ et son cheval en
- 10 couverte de ses armes/ prest pour tournoyer/ la
 masse ou lespee pendue a la selle/ portant la la(n)ce
 óu est atachíe led(it) couv(re)chief/. Et en tel estat
 viendra le premíer/ ent(re) le Roy darmes/ et les juges
 / ou ent(re) les deux premíers juges/ lesquels doíve(n)t
- 15 venir une demye heure. Premíerem(ent) que les

- tournoyeurs en lestat forme et maniere quilz
ont fait/ leur entree en la ville /avec tro(m)pettes
sonnans/ et doyevent entrer dedans les lices/ et
tournoyer ung tous ou deux/ pour veoir se les
20 cordes sont bien./ Et pour ordonner ceulx qui
les couperont /.Et alor laisseront ent(re) les
deux cordes le ch(eva)li(e)r ou escuier donneur aco(m)paigne
de quatre ou six varletz a cheval /et autant a pied
/ ou ainsi quil vouldra /.Et lui doyevent lesd(its)
25 quatre juges/ Diseurs de leurs propres mains
[ff. 84r-84v em branco]
[f. 85r] lever le heulme hors de la teste. Et le bailler au Roy
Darmes/ qui le portera davant eulx jusques
au chaulfault des Dames/. Et illec les juges
Diseurs/ le bailleront aux dames /puis sera
5 Dit par le Roy darmes

- MEs tres redoubtees et honnorees Dames (et)
Damoiselles veez la v(ost)re humble s(er)vite(ur)
et ch(eva)li(e)r ou escuier donneur qui sest Rendu sur
les Rengs prest/ pour faire ce que lui avez
10 co(m)mande/ Duquel veez cy le tibre que vous
ferez garder dedans v(ost)re chaulfault/ sil vous
plaist

- LOrs ung gentil ho(m)me/ ou honneste varlet
ad ce deppute ond(it) chaulfault des dames
15 prendra led(it) tibre /et le mettra sur ung/
tronson de lance de la haulteur dung ho(m)me ou dung
pou plus/. et le tendra en sa main ent(re) les dames
pendant de hors/ tellem(ent) que ch(ac)un le puisse veoir
tant co(m)me le tournoy durera
20 ET cela fait les juges prandront co(n)gie/ (et) sen

iront en le(ur). chauffault/ Et led(it) ch(eva)li(e)r ou escuier
[f. 85v] donneur se tiendra ent(re) les cordes soy pourmena(n)t
avec ses gens jusques ad ce que les tournoyeurs
viendront

- Une heure davant que le s(ei)g(neur) appellant
5 Doye entrer es lices il doit envoyer
sonner / sés trompettes par la ville a cheval
pour Recueillir ceulx qui ont este partiz de
son couste. Ausquelx sera assavoir par lesd(its)
trompettes quilz se Rendent en la Rue dava(n)t
10 son haberge ou aut(re) lieu pres dilec qui par
led(it) seigneur s(er)a advise et ou s(er)a son pa(n)non
pour eulx y assembler/ ad ce que tous ense(m)ble
ilz puissent venir/ sur les Rengs

- ET pareillem(ent) le sera faire le seigneur
15 Deffendant davant leure quil deura
venir sur les Rengs

- Au matin jour dud(it) tournoy /ch(ac)un desd(ites)
ch(eva)li(e)rs et escuiers tournoyans tant ba(n)nierez/
que aut(re)s feront davant leure de disner
20 ce que plus leur s(er)a neccess(er)e/ Et aussi
[ff. 86r-86v em branco]
[f. 87r] prandront leur Repoz se bon leur semble Car.
depuis que dix heures s(er)ont passes ilz nauront
loisir ne temps de Rens faire/ fors seulement
deulx armer et mettre en point/ pour tournoyer/
5 et par façon que au plus tard a heure de unze
heures ilz se puissent trouver tous prestz et
en armes sur les destriers partans hors de
leurs logers pour eulx Rendre davant la haberge
De leur chief/ et avec lequel ilz deuront po(ur) ce

- 10 jour la tournoyer a leure que les heraulx
et poursuivans crieront/. Car ausd(ites) unze heures
iceulx heraulx et poursuivans s(er)ont teniz daler
crier par davant les haberges des tournoyeurs
a haulte voix lassez lassez. heaulmes lassez.
- 15 heaulmes s(ei)g(neur)s ch(eva)li(e)rs et escuiers /lassez. lassez.
lassez. heaulmes/ et yssez hors bannières pour
convoyer la bannière du chief/. lors ch(ac)un des.
tournoyeurs sauldra en la Rue tont prest et ira
a cheval davant le haberge Du chief/ ou ailleur
- 20 en quelque place de la Rue/ plus large qui aura
este advisee co(m)me dit est par le chief/ pour
envoyer sa bannière/ et faire assembler ses.
Tournoyeurs
- NOta que en flandres brabant et ses aut(re)s.
- 25 basses marches ou ilz Font volentiers tournoys
[f. 87v] Ilz ont de coustume que les Roys darmes heraulx
et poursuivans portent les bannières/ et sont
tenuz les tournoyeurs dont les heraulx (et) pours(uivans).
ont les ba(n)nières²⁵⁴ leur bailler une corbe de leurs
- 5 armes avec ung cheval grant et fort en couv(er)te
pour porter la bannière/. Et pour le corps desd(ites)
herault ou poursuiva(n) baillent ung haubergon
aqui le vieult /avec sallade/ gardebraz/ avantbraz
gantelez/ et harnoiz de jambes./ Maiz es haultes
- 10 almaignes et sur le Rin ne le font pas en ceste
façon./ Car les ba(n)nières des tournoyeurs sont/
portees p(ar) beaulx compaignons jeunes habilles
a la guerre/ et destres a cheval /.lesquelx sont
co(m)munem(ent) armez descrevisses /ou de harnois
- 15 blancs/ de sallades ou chappeaulx de fer bien/.

²⁵⁴ A palavra *de* aparece riscada.

emplumez/ et de harnoiz de jambes/ et ont dessus
 leurs habillemens belles hucques dorfarverie/
 ou de la Dívise de leur mastre/. Et font montez
 sur chevaulx presque aussi puíssans co(m)me les
 20 tournoyeurs/. lesd(its) chevaulx couvers bien Richem(ent)
 ou gentem(ent)/. et toujours sont lesd(its) compaignons
 a la queue des destriers de leurs maistres/ et
 jamaiz ne laissent enclíner leurs ba(n)nières/
 ne aussi ne perdent leurd(ites) maistres en la presse/
 25 /. laquelle façon je príseroie trop mieulx que
 telle de flandres/ ou de brabant /.Car maínten(ent)
 en france a tant de heraulx et de pours(uívans) mal habilles
 [ff. 88r-88v em branco]
 [f. 89r] que quant ilz se trouveroient armez (et) les ba(n)ní(er)es
 en la main ilz seroient si empeschez quilz lais//
 seroient cheoir leurs bannières/ ou ne sauvoient
 poursuivre leur maistre/. laquelle chose pourroit
 5 tourner a grant inco(n)veníent ou deshonneur a le(ur)s
 Maistres

ITem et alors que lesd(its) tournoyeurs s(er)ont
 tous arrívez et assemblez ensemble viendra
 le seigneur appelant on lieu ou ilz s(er)ont avec
 10 lequel ilz chevaucheront tous ensemble jusques
 davant les lices en lordre et par la forme et
 maníere que cy apres sensuit

Cest assavoir que avec eulx auront Roys
 darmes/ heraulx/ ou poursuívans/ gra(n)t
 15 nombre de trompettes et menestrelz sonnans/.
 et s(er)a le pa(n)non du s(ei)g(neur) appellant porte le p(re)míer
 Devant lui p(ar) quelcun co(m)me dessus est dit/.
 apres led(it) pa(n)non ira le chief appellant et
 a la quée de son destrier sera celui qui portera

- 20 sa bannière. Et apres lui deux bannerez de
front avec deux bannières/ et vingt tournoyeurs
/.et consequa(m)ment de bannierez en bannierez /.et
de bannières em bannières /.et de tournoyeurs
en tournoyeurs /.et en pareil ordre sen iront
[f. 89v] jusques sur les Rengs .Et lors quilz s(er)ont dava(n)t
les Rengs leurs s(er)viteurs getteront ung grant hu/.
Et apres ce tous lesd(its) ch(eva)li(e)rs et escuiers tournoyeurs
leveront jusques sur leurs testes les braz dextres
5 dont ilz tiennent/ leurs espees et masses/.
par façon de menaces de frapper/. puis cela fait
sen iront en lordonn(ance) dessusd(ites) le/ petit pas jusq(ue)s
davant la porte par laquelle ilz devront entrer
es lices/. et la se tiendront críz/. Et apres ce le
10 heraulx Du s(ei)g(neur) chîef appellant Dira aux juges
les parolles qui sensuivent
- MEs²⁵⁵ honnorez et doubtez seign(eu)rs
tres háult et tres puissant prince et mon
tres redoubte s(ei)g(neur) le duc de bretagne Mon maistre
15 /. qui cy est p(rese)ntem(ent) co(m)me appellant se vient p(rese)nter
davant vous avecques tout le noble barnage q(ue)
cy voyez lequel avez partí soubz sa ba(n)nière/.
tres desirant et prest de frapper le tournoy par vo(us)
aujourduy a lui assigne a lencont(re) de mon t(re)s re|-
20 doubte s(ei)g(neur) le Duc de bourbon et le noble barnage
que soubz lui avez pareillem(ent) pare /.vous Req(ue)ra(n)t
que v(ost)re plaisir soit lui delíurez place propre
ad ce faire/ ad ce que les Dames qui cy sont
p(rese)ntem(ent) en puisse(n)t tantost veoir les batement/.

[ff. 90r-90v em branco]

²⁵⁵A palavra *seigneurs* aparece riscada.

[f. 91r] CEla fait/ le herault/ qui est ou chaulfault
des juges en Respondant de par lesd(its) juges
Dira les parolles qui cy apres sensuivent

- Tres hault et tres puissant prince et/ mon
5 tres redoubte s(ei)g(neur) mes s(ei)g(neur)s les juges ycy p(rese)nte
ont bien ²⁵⁶ oy et entendu ce que v(ost)re herault
leur a Dit de par vous. Surquoy font Response
quilz ont v(ost)re p(rese)ntac(i)on. tres agreable/ et apercoív(ent)
bien le grant (et) hault vouloir Donneur et desir
10 de valor/ qui est en vous et/ en la baronníe soubz
vous ycy p(rese)nte /pour laquelle cause et ad ce
que le tournoy ja pour plusieurs jours cy dava(n)t
proclame puisse en bonne heure estre joyeusem(ent)
acomply ilz vous assignent place la dede(n)s cestes
15 lices vers la partie Droicte/ pour ce vous y povez
entrer/ de par dieu quant bon vous semblera/.

- CEla Dit cellui qui porte le pa(n)non du s(ei)g(neur)
appellant entrera le p(re)míer /et apres lui
le s(ei)g(neur) appellant/. puis apres entrera inco(n)tinent cellui
20 qui portera sa ba(n)níere /.et apres lui les ba(n)nerez
avec toutx leurs bannières et les tournoyeurs
tout en lordre quilz seront la venuz/. et sen yront
leur petit pas a force de trompettes et menestrelz
sonnans entendis que ou mettra a ouvrir²⁵⁷ le passaige
25 des lices par lequel ilz doyevent entrer/. lesq(ue)ls ouvert
ilz entreront/ dedans/ puis leveront leurs s(er)víteurs
[f. 91v] ung grant/ hu et/ les tournoyeurs gicteront les braz hauls
sur les testes faisans signes de menaces De leurs espees
ou masses ainsi que davant est dit/. Et alors
quilz s(er)ont dedans les lices ilz prandront la place

²⁵⁶ As palavras *aut(re) b* aparecem riscadas.

²⁵⁷ A palavra *ourir* aparece riscada.

- 5 en leur quartier. Et la se mettront en bataille/ ou
plus bel arroy et ou meilleur ordre quilz pourront
faire jusques encont(re) la corde qui s(er)a tendre de leur
couste²⁵⁸ sans yssir de leur quartier/²⁵⁹ ad ce que
plus avant ilz ne se puissent avancer Et ceulx
10 qui tiendront leurs bannières se mettront a la queue
des destriers de leurs maistres/ (et) les aut(re)s a cheval
qui les s(er)viront s(er)ont au tous deulx /et ceulx a pied
s(er)ont ou ilz pourront mieulx/ mais non pas ou p(re)mier
front/ ou s(er)ont leurs maistres/. Et en ceste estat
15 Demoureront jusques ad ce que le deffendant et
sa baronnie s(er)ont venuz sur les Rengs en lordre
qui cy apres sensuit.

- En la forme et maniere que aura fait le
seigneur chief appellant/ le s(ei)g(neur) deffendant
20 fera congrecer les siens davant son haberge ou
ailleurs ou il ordonnera/ apres les caz des heraulx
et poursuivans faiz co(m)me davant/ puis viendra
sur les Rengs avec ses barons et aut(re)s tournoyans
soy p(re)ntant aux juges /.et de la entrera es lices (et)
25 fera dire les parolles et aut(re)s p(ro)pres faiz et actes
sans muer ne changer co(m)me aura fait le s(ei)g(neur) appell(ant)/
[ff. 92r-92v em branco]
[f. 93r] Res(er)ve touteffoiz que es parolles quil fera profferer
aux juges ainsi que laut(re) sest no(m)me appellant/
il se fera Dire Deffendant/. Et pour abreger quat(re)
il s(er)a dedans les lices il se mettra en bataille
5 et fera mettre ses bannières semblablem(ent) co(m)me a
fait le s(ei)g(neur) appellant (et) les tournoyeurs soubz lui
jusques encont(re) la corde p(ro)ch(ain) deulx/. Entre
lesquelles deux cordes y aura de distance de place

²⁵⁸ A palavra *et* aparece riscada.

²⁵⁹ A palavra *Et* aparece riscada.

- tant co(m)me il plaira aux juges /ou ainsi que ja
 10 p(ar) avant a este declaire/. Et sur²⁶⁰ les quat(re)
 boutz desd(ites) cordes tendues y aura quat(re) ho(m)mes
 en pourpoíns grans et fors qui tíendront ch(ac)un une
 grant harbe de charpent(re) ou dolouere pour couper
 lesd(its) courdes/. Maiz aíncoiz que les couper le Roy
 15 darmes fera fe(re) une so(n)nade aux trompettes lasq(ue)lle
 f(ai)te il créera a haulte voux pour troys foiz Soíez.
 prestz pour cordes couper/ soiez prestz pour cordes
 couper/. Soiez prestez pour cordes couper vous qui
 estes ad ce co(m)mis/ Si hurteront batailles pour
 20 fe(re) leurs devoirs/. Puis se fera ung aut(re) cry pas led(it)
 Roy Darmes apres ce que les deux parties s(er)ont
 bien arrengees en batailles et prestz pour tournoyer/
 Or ouez/ or ouez/. or ouez./
- MEs seigneurs les juges p(ri)ent et Requere(n)t
 25 ent(re) vous mes s(ei)g(neur)s les tournoyeurs q(ue)
 nul ne frappe /autre\ destoc ne de Revers /ne depuis la
 sainture en bas / co(m)me p(ro)mís lavez/ ne ne bonte/ ne tire
 [f. 93v] sil nest Reco(m)mande. Et/ aussi que se Daventure le
 heaulme cheoit aucun de la teste quon ne lui touche
 jusques ad ce quon le lui ait Remís .Et que nul dent(re)
 vous aussi ne vueille frapper par actaíne sur lung
 5 plus que sur laut(re) si²⁶¹ ce nestoit sur aucun qui pour
 ses demerites fust Reco(m)mande
- Oult(re) plus je vous advíse que depuis q(ue) les tro(m)pettes
 auront sonne Retraícte et que les barrieres
 seront ouvertes ja pour plus longuem(ent) Demourer sur les Rengs
 10 ne gaingnera nul lemprise/. apres lad(it) so(n)nade et
 cry aussi faiz Doiveront lesd(its) juges ausd(ites) tournoyeurs

²⁶⁰ A palavra *lesd* aparece riscada.

²⁶¹ A palavra *se* aparece riscada.

- ung pou despace co(m)me du long Duns sext pseaulmes
ou environ pour eulx mettre en ordre/. Et cela
fait criera led(it) Roy darmes par le co(m)mandem(ent)
- 15 des juges par troys grandes allenees et troys
grandes Reposees/ Coupes cordes/ (et) hurtez batailles
quant vous vouldres/. Et lors que /le\ troys(iesme) cry
s(er)a fait²⁶² /ceulx\ qui s(er)ont ordonnez acordez coupez les
coupperont. Et adonc críeront ceulx qui po(ur)tero(n)t
- 20 les bannières avec les s(er)vit(er)s a pied et a cheval
les críz ch(ac)un de leurs maisteres tournoyans./
Puis les deux batailles se assembleront et se
combatront tant²⁶³ si longuem(ent) et jusques ad ce
que les trompettes so(n)neront Retraicte p(ar) le _____ *
- 25 Des juges

Item et est assavoir que pendant que lesd(its)
[ff. 94r-94v em branco]
[f. 95r] tournoyeurs se combatront que les heraulx poursuiva(n)s
s(er)ont entre les deux lices/ et les trompettes aussi/ qui
ne sonneront point/. Maiz críeront les críz des/
tournoyeurs de ceulx qui voldront

- 5 ITem les deux pa(n)nons des deux chiefz. Cest assavoir
de lappellant/ et du deffendant ne se partront de
deux boníz des lices ch(ac)un de son conste par ou ilz s(er)ont/.
entrez davant le tournoy.

- En cest endroit est a notter /que lesd(its) tournoyeurs
- 10 penent mettre dedans les lices avecques eulx
leurs varlez a cheval (et) a pied jusques au nombre dava(n)t
declaire /ch(ac)un selon son estat/ lesquelz varlez a che(v)al
doívent estre armez de lazerans ou brigandínes/ De

²⁶² A palavra *s(er)ont* aparece riscada.

²⁶³ A palavra *et* aparece riscada.

saladez/ ganteles/ et harnoyz de jambres/ et doivent
15 avoir ung tronson de lance de deux piez et demy/ ou de
troys ou poing /pour destounrer les coups qui sur eulx
pourroient cheoir en la presse/ Et est leur office
de mettre leur maistre/ hors dicelle quant il le Req(u)ert
/ et/ ilz le penent faire/. Crians tousiours le cry de
20 leursd(ites) maistre/.

ET les varlez a píed. doíevent estre en pourroint
/ ou jaquete courte/ une sallade sur la teste Et
les gantelez es maíns/ et en la main dextre/ ung
tronson de lance de deux braces de long/ Et est leur
25 office de Relever ho(m)me et cheval avecques lesd(its).
tronssons quant ilz les veoient cheoir a terre se
faire le peul penent/ Et se /ilz ne le penent/
[f. 95v] Relever ilz se doivent tenir²⁶⁴ au tour de lui/ et
le garder et deffendre avec leurd(it) tronsons de lances
dont ilz font /lices. et barreres jusques a la sur du
tournoy /ad ce que les autres tournoyeurs ne
5 puissent passer par dessus/ Et ce fait celuí.
aussi par eulx pres(er)ve est tenu de leur donner
le vin aud(it) des juges/

[ff. 96r-96v em branco]

[f. 97r] Histoire co(m)mant le seigneur appellant et le seigneur
Deffendant/ assemblent au tournoy.

[ff. 97v-98r imagem 24]

[f. 98v] QUant il semblera /bon\ aux juges que le tournoy/
aura assez dure/ ilz seront faire a leurs cleio(n)s
/ et trompettes. une sonnade pour faire cesser les.

²⁶⁴ As palavras *au toue* aparecem riscadas.

- 5 tournoyeurs/ laquelle faicte seront Dire par leur
 herault ou poursuivant les parolles qui cy apres
 sensuivent/.
- CHEvauchez bannières./ des parlez vous des Rengs
 et tournez aux haberges./ Et vous /seigneurs\ princes/
 barons ch(eva)li(e)rs et escuiers. qui cy endroit estez tournoya(n)s
 10 devant les dames avez tellem(ent) fait voz devoirs q(ue)
 desormaiz vous en povez en la bonne heure aller.
 et despartir des Rengs/ Car desia est le pris assigne
 // Lequel s(er)a ce seoir par les dames baille a qui la des(er)vy
- LEdit roy ainsi fait et acomply les trompettes
 15 de ch(ac)une parties sonneront Retraicte /Et lors les
 compaignons qui auront coupe les cordes/ les g(ar)des
 des/ lices/ et varlez a píed ouvreiont lesd(its) lices tant
 dung couste que dautre/ Et ceulx qui porteront les
 pannons et bannières. desd(ites) deux chiefz sen ystront
 20 hors leur bean petit pas sans attendre leurs maist(re)s
 se /ilz\ ne veullent venir /Et les autres bannières ensuiva(n)s
 lune apres laut(re) tant de la part du seigneur appell(ant)./
 q(ue) de la part du s(ei)g(neur) deffendant sen ystront par le pas
 [ff. 99r-99v em branco]
 [f. 100r] ou elles s(er)ont entrees le plus bellem(ent) quelles pourront
 / /en²⁶⁵ sourattendant tousiour le(ur)s /ET sem Retour|-
 neront a leurs haberges co(m)me dessus est dit/ Et/.
 touteffoiz lesd(its) trompettes ne cesseront point De
 5 sonner retraicte tant et si longuement quil ny aura
 plus nulz tournoyeurs dedans les Rengs./ Et sen
 penent aler par tropeaulx eulx ent(re)batant jusq(ue)s
 a leurs haberges./ ou sans eulx batre/ ainsi quilz/
 ouldront/ Et /en\ ceste stat fíníst et depart le

²⁶⁵ A palavra *et* aparece riscada.

10 tournoy

Histoire commant les tournoyeurs se vont batant/
par troppeaulx./

[ff. 100v-101r imagem 25]

[f. 101v] ET ledit ch(eva)li(e)r donneur se partira des Rengs avecq(ue)s
les bannières/ et marchera le premier /et les
pannons et bannières apres /Et quant il s(er)a a lendroit
du chaulfault des dames/ celui qui tiendra son heaulme
5 et tîmbre/ ond(it) chauffault destendra au bas/ et mo(n)tera
a cheval Et davant led(it) ch(eva)li(e)r donneur/ portera led(it)
heaulme jusques aux haberges en la forme (et) man(n)ière
co(m)me il est entre

LEs soir apres soup soupper se assembleront/
10 toutes les dames et damoiselles. et tous les
 tournoyans en la sale ou se seront les dames co(m)me le
 soir precedent/ Et illec viendra le ch(eva)li(e)r donneur qui
 fera porter le couvrechief de plaisance davant lui au
 bons de la lance /Et en la compaigne des juges Ira/.
15 devers les dames./ les Remerciant lonneur quelles
 lui ont fait /En leur suppliant quelles lui vueillent ses
 deffaulx pardonner et excuser sa sîmplesse.

CEla dit on osterà le couurechief de la lance et s(er)a
baille aud(it) ch(eva)li(e)r donneur qui le Rendra aux dames
20 / et les baisera Et puis sen Retournera avec lesd(its)
 juges tenans ceulx qui s(er)ont ch(eva)li(e)rs a dextre/ et les
 autres escuiers a senestre.

LORs quil s(er)a temps de donneur le pris lesd(its).
juges et le ch(eva)li(e)r donneur acompaignez du Roy

25 Darmes /heraulx et poursuívanz iront choisir/.
une des dames et deux damoiselles en sa compaignie
et les meneront hors de la sale en quelq(ue) aut(re) lieu/.
avec soison de torches./ et puis Retourneront en lad(it) sale
[ff. 102r-102v em branco]
[f. 103r] avec le pris em lordre et forme qui sensuit./

PRemièrement iront les trompettes des juges /.
davant en sonnat/ puis tous heraulx et po(ur)suiva(n)s
apres en flocte /Et apres eulx le Roy darmes seul
5 /apres lequel ira le ch(eva)li(e)r donneur/ ten(ant) ung tronson
de lance en sa main de long de cinq piedz. ou environ/
apres le ch(eva)li(e)r donneur viendra lad(it) dame que tendra
ledit pris couvert du couvrechief de plaisance que
aura porte led(it) ch(eva)li(e)r donneur/ Et a dextre et a senestre
10 iront lesd(its) ch(eva)li(e)rs /(et) escuiers.\ juges diseurs. lesquels la tendro(n)t
par dessoubz le bras et /a\ dextre et /a\ senestre. desd(ites)
deux ch(eva)li(e)rs s(er)ont lesd(its) deux damoiselles tennes par
dessoubz les bras./ par les deux escuiers juges./
lesquelles deux damoiselles sonstendront les deux/
15 boutz dud(it) couv(re)chief /.Et en ce point²⁶⁶ iront troye tours
a lenvíron de la sale/ puis se arresteront dava(n)t
celluí auquel /ilz voudront donner le pris/

Histoire co(m)mant la dame avec le ch(eva)li(e)r ou escuier
donnent et / les juges donnent/ le pris/

[f. 103v imagem 26]
[ff. 104r-104v em branco]

[f. 105r] LOrs ledit Roy darmes dira au ch(eva)li(e)r a qui s(er)a do(n)ne
le pris les parolles qui sensuivent et sil est

²⁶⁶ A palavra *s(er)ont* aparece riscada.

prince/ seigneur/ baron/ ch(eva)li(e)r/ ou escuier il lui po(ur)tera
²⁶⁷honneur ²⁶⁸qui /a\ son estat appartient Dis(er)

- 5 VEez cy ceste noble dame ma dame de tel lieu n(om)
acompaignedu ch(eva)li(e)r ou escuier donneur /et
de mes s(ei)g(neur)s les juges qui vous vient bailler/ le pris
du tournoy /lequel vous est adjudgre co(m)me au ch(eva)li(e)r
ou escuier mieulx frappant despee et plus serchant
- 10 les Rengs/ qui ait aujourd'hui este en la meslee du
tournoy vous priant ma dame que le vueillez pre(n)dre
en gre

- LORs la dame descouvre le pris/ Et le lui baille
/ puis il le prent /et la baise/ et sembleblament
- 15 les deux damoiselles si sest son plaisir Et lors.
le Roy da/r\mes heraulx et porusúvans. crieront
son cry tout aval la salle

- ET cela fait il prendra lad(it) dame et la menera
a la dame /et les juges/ le ch(eva)li(e)r donneur/ Roy darmes
- 20 / et poursuívans Rameneront les deux damoiselles a
leurs lieux sans plus sonner trompettes.

- Lad(it) dame faute led(it) Roy darmes ou ung herault
créera les joustes pour le lendemain a tous
ceulx qui voudront joster sans ce qu'il y ait ne
- 25 dedans ne de hors. Esquelles joustes y aura trois
prés donnez

LE p(re)mier prés s(er)a. une verge dor a celluy qui
fera le plus bel coup de lance De tout ce.
jour. la/

²⁶⁷ A palavra *son* aparece riscada.

²⁶⁸ A letra *a* aparece riscada.

[f. 105v] LE second será ung Ruby du pris de míl escuz.
ou au dessoubz a celluy qui Rompra plus de
lances

ET le (tierce) s(er)a ung dyamant du pris de míl escuz
5 / ou au dessoubz/ a celluy qui durera plus longem(ent)
sur les Rengs sans desheaulmer/

Item apres sensuit par articles la charge de ce que
les juges auront affaire /depuis quilz auront accepte
loffice des juges diseurs dud(it) tournoy

10 Apres aussi ce que aura afaire le Roy darmes

ITem pareillement ce q(ue) doivent faire les/.
heraulx et poursuivans.

ITem apres les charges que auront afaire.
les seigneurs appellant et deffendant ch(ac)un
15 de sa part /tant fraiz /coustz et despens q(ue) serímones

ET semblablement les aut(re)s seigneurs et ba(n)níerez
ch(ac)un en droit soy et/ les varlez a cheval aussi

Et premierement/

LEs juges diseurs doivent assigner le jour (et) le
20 lieu en quelque bonne ville la/ plus en marche
co(m)mune quilz/ pourront/ ad ce que tous ch(eva)li(e)rs et escuiers
y puissent venir de tout(es) pars.

ET doit estre le lieu assigne par lesd(its) juges/.
le plus agreable que faire se pourra aux deux

- 25 parties/ Cest assavoir /a lappellant/ et au deffenda(n)t
/ et par leur sceu et volente plus que par milz aut(re)s/
pouree que lesd(its) appel(ant) et defend(ant) sont tenuz de faire
[ff. 106r-106v em branco]
[f. 107r] Les mis(er). et despenses de la feste dud(it) tournoy par esgale
porcion

- ITem sont tenuz lesd(its) juges daler en lad(it) ville.
ou ilz assigneront led(it) tournoy pour veoir
5 quil y ait place convenable a le faire

ITem doivent ordonner de f(er)e les lices. ainsi quilz
le deviseront

- ITem voir en lad(it) ville ou il y ait une grant salle
pour assembler les dames/ et aussi les damoisell(es).
10 pour dancier avec une chambre de parem(ent) garnye
de Retrait En laquelle. Elles se puisse(n)t aler/.
Refrechir/ et Reposer/ ou changer habilleme(n)s quant
il leur plaira

- ITem dedans lad(it) salle doivent f(er)e dresser tables
15 et treteaulx/ bancs/ selles/ scabeaulx/ dessouers/
/ chandelliers/ de boiz pendans que ou appelle croisees
garniz descuelles de boíz pour tenir les tortiz qui
allument en salle./ les chauffaulx sur lesquelx.
couvriront les menestrelz/ et ou se seront les/ criz en
20 lad(it) salle/ et tapicerie pour la parer/ linges et
aussi vesselles destaing/ et dargent pour g(ar)nir le
hault buffet/

ITem faire donner haberges aux tournoyeurs
dedans lad(it) ville

25 IItem faire faire les chauffaulx pres des lices
/ pour les dames et pour eulx

IItem avoir en leurs escripz les críz et serímonies
qui se doivent faire ainsi que davant
sont plus a plaín declairez.

[f. 107v] IItem faire les provísions pour le soupper la vigille
du tournoy/ et pour le dísner et soupper du jour
Di celluí pour les dames en lad(it) salle

ET pour le vín et espices des autres jours et
5 les torches et lumínance en lad(it) salle et ailleurs

Doivent aussi congnoistre de toutes questions (et) debaz
qui pourroient survenir a cause dud(it) tournoy

ET doivent par semblable defrayer tous heraulx
et poustuívans allans chies eulx de leur despen(se)
10 / et esp(eci)alement doivent tousiours avoir avec eulx
le Roy darmes qui créera la feste/ en les quatre/-²⁶⁹
poursuívans avec les quatre trompettes/ Et se(m)bla//
blement les deffraier durant toute la feste Car desd(ites)
poursuívans se pourront s(er)vír en maíntes manières
15 Durant lad(it) feste/

LORs deux seigneurs chiefz doivent entíerem(ent)
deffraier lesd(its) juges Et g(e)n(er)alem(ent) faire
toutes les despenses fraíz et mís(er) dessusd(it) par egale
porcion Et feroent iceulx s(ei)g(neur)s chiefz leur honneur de
20 donner a ch(ac)un desd(ites) juges. une Robbe de drap de soye/.
longue jusques aux pies./ et de pareille couler/ ad ce

²⁶⁹ Sinalização do escriba, embora não haja separação de palavras aqui.

que le temps pendant/ de lad(it) feste ilz fussent congneuz
et/ Rentrez entre/ les aut(re)s Cest assavoir ausd(ites) deux
ch(eva)li(e)rs de drap de veloux /et aux escuïers de drap de
25 damas

{B o-----}²⁷⁰

NOta que le Roy darmes Doit/ estre ou chauffault
avec lesd(its) juges.

Item sont tenuz les seigneurs appellant (et) deffendant
30 {A o-----} envoyer devers les juges diseurs jurontment q(ue)
iceulx juges seront arrivez ou lieu du tournoy ch(ac)un
deulx ung de leurs maistres dostel (et) ung ho(m)me de
finance et ch(ac)un ung mareschal de logers (et) ung fo(ur)rier/.
Cest ass(avoir). les maistres dostel (et) gens de finan(ces) po(ur) paier
35 et faire ordonner ce que les juges Diseurs qui audero(n)t
Et les mareschaulx (et) fourriers pour ordonner les
logers /et logier les s(ei)g(neur)s ch(eva)li(e)rs escuiers tournoyeurs
dames damoiselles (et) autres qui viendront a la feste/
ainsi co(m)me davant ou chappre* de la hauberge des
40 juges. Diseurs. en est plus au long touche/.

[ff. 108r-108v em branco]

[f. 109r] ET aussi est a noter que iceulx juges ne doivent
point souffrir que nul desd(ites) tournoyeurs soit
monte /au tournoy\ sur cheval²⁷¹ qui soit de excessive
et oultrageuse grandeur et force plus que les aut(re)s
5 sil nest prince/

Ycy apres sensuit les droiz des heraulx poursuivans
trompettes et menestrelz ET lesquelles appartienne(n)t

²⁷⁰ Indicação de posicionamento do parágrafo no texto que se encontra à margem esquerda do folio. A tinta está mais clara que os demais escritos, portanto pode ter sido acrescentado posteriormente à composição. O mesmo acontece no parágrafo seguinte.

²⁷¹ As palavras *au tournoy* estão riscadas.

aux heraulx et poursuivans Et lesquelx appartienne(n)t
aux trompettes (et) menestrelz

- 10 DOns les ch(eva)li(e)rs et escuiers tournoyeurs qui jamaiz
nauront tournoye que celle foiz la /s(er)ont tenuz
de paier pour leurs heaulmes et bien venue en armes
au Roy darmes heraulx ou poursuivans a leur plaisir
/ ou ordonnance des juges /Et neantmoins que/
- 15 aut(re)ffoiz ilz laient paie a la joustes Se/ ne sensuit il
pas quilz ne doiuent paier une aut(re)ffoiz pour lespee
Car la lance ne peult affranchir lespee /Maiz qui
auront paie son heaulme a lespee /cestadire au tournoy
il s(er)oit affranchir de la lance Cest assavoir de la joustes
- 20 ITem les housseurs des che(v)aulx armoyez des
armes sont de droit auxd(ites) Roy darmes heraulx |
et poursuivans Et les bannières et tîmbres/
a leglise du cloistre ou ilz auront partí lesdites ba(n)nîeres
et tîmbres/ ou aut(re)s eglises que les juges ordo(n)nero(n)t
- 25 ITem ceulx qui ont gaingne les pris sont tenuz
de donneur aucune chose aux trompettes et me//
nestrelz Et les deux princes chiefz Du tournoy
aussi
[f. 109v em branco]